



JOANA  
DIAS

NÓS,  
AS INDECENTES

TODAS AS MULHERES EM ALGUM MOMENTO  
JÁ SE SENTIRAM CULPADAS POR EXISTIR

OFICINA  
DO LIVRO

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.com



JOANA  
DIAS

ÓÓ,  
NÓO,

AS INOCENTES

TODAS AS MULHERES EM ALGUM MOVIMENTO

AS SENTIMAM CULPILAS POR ELAS

1998  
1999  
2000  
2001



Joana Días

## Nós, as indecentes

Todas as mulheres, em algum momento,  
já se sentiram culpadas por existir.



# Ficha Técnica

Título original: Nós, as Indecentes

Autor: Joana Dias

Editora: Rita Fazenda

Capa: Maria Manuela Lacerda

Fotografia: © Leonor Ribeiro

Revisão: Manuela Gonzaga

ISBN: 9789895810840

Oficina do Livro

uma chancela LeYa S.A.

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 471 77 37

© 2024, Joana Dias,

e Oficina do Livro

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.leya.com](http://www.leya.com)

Ficha Técnica  
Esmolas  
Gordo és tu  
A pastilha da felicidade  
A colónia de férias  
O vestido da desgraça  
Um rapaz às direitas  
Vamos com calma  
O algarve  
A minha casa  
A cabra da Mónica  
A revelação do monstro  
O aborto  
Freud entra em cena  
A lição  
O lobo  
O pesadelo  
Confissões perigosas  
A primeira vez  
A espuma do oceano  
Terra de perdição  
Dormindo com o inimigo  
A casa de bonecas  
Vai-te tratar  
Lisboa  
Urgências  
Robert Smith



Lá vem ele outra vez  
O rapaz que não sabia mentir  
Engana-me que eu deixo  
Aí vamos outra vez  
A história repete-se  
Não queremos grávidas gordas  
Os dias infinitos  
Tinhas de ser tu  
A minha obra-prima  
O escadote e o antidepressivo  
Recomeçar, outra vez  
O monstro  
O jogo ainda agora começou  
A ex-mulher e a mãe  
Perseguição  
Atração fatal  
A chave  
Um predador  
A recaída  
As horas mais duras  
A queixa, finalmente  
A vítima  
As respostas certas  
O fim do caminho

A mim.

A todos os agressores.

## Esmolas

O dia começou com um céu azul intenso, percebiam-se os raios de sol por entre os cortinados. Levantei-me, despi o pijama e fiz o que se tornara a minha rotina matinal: espreitei-me ao espelho, nua, de cabelo desalinhado e dentes por lavar. Sorri e agradei à vida o ser como sou.

Há muito tempo que alguém me aconselhara este pequeno ritual, demorei demasiado tempo a pô-lo em prática. Agora percebo a importância de me olhar sem medo do espelho. Não foi fácil.

Abri as portadas, pousei o tabuleiro com o pequeno-almoço na pequena mesa do jardim e sentei-me numa cadeira confortável, pensando no que passou e no muito que está para vir.

Penso no quanto vivi sem nunca ter desistido, nas vezes que morri e renasci, mais robusta e resistente. Decidida, assumida, sem vergonha do que sou.

Olhei para a casa atrás de mim: minha.

Olhei para o caminho à frente: meu. E livre.

Detive os olhos no que me rodeava: as flores do jardim, as tangerinas penduradas na árvore, as cortinas de todas as janelas abertas, o sol quente na minha cara. Pensei nos fantasmas que vivem agora em paz, dentro de mim, nos traumas engolidos pelo tempo, e experimentei uma sensação única da coragem, da força e do sentido de justiça do meu Eu.

Como ficaste calada uma vida inteira?

Encontrei-me no silêncio.

Foi no silêncio que conheci a pessoa que mais temia: eu própria. Passei décadas a fugir de mim, apavorada com o que podia encontrar, aceitando as esmolas que os homens me davam, que os colegas de escola e de trabalho me davam, que quem passava por mim na rua me dava. Os restos que a sociedade me dispensava. Moedas frias a cair num mealheiro tão oco quanto eu. Foi a vida toda assim, vítima de todos os males, assombrada pelos eus que os outros queriam que assumisse, tentando destruir a minha verdade e a verdade de quem sou.

Coitada de mim, pobre de mim, desgraçada de mim, o que vai ser de

mim.

Anos refém da autocomiseração. E escondida.

\*

Nós, as rebeldes, as incompreendidas, as desviadas, as indecentes, as históricas. Nós, as mulheres, temos todos os dedos da culpa apontados na nossa direção.

A vida ensinou-me a proteger-me da sua violência. Demorou, queimou-me a pele, arrancou-me os cabelos, deixou-me feridas internas e externas, mas consegui, e isso já ninguém me tira.

Aceito-me e liberto o meu grito, que tem a força de todos os gritos que engoli desde que me lembro de ser gente; das palavras que calei com pânico de magoar os outros e as outras; dos gritos que me dirigiram sem que soubesse proteger-me deles.

Sem medo.

Porque foi no meu eu, estorvo envergonhado, tronco sem vida, quarto escuro de ar pesado, que encontrei forma de me salvar. Foi no meu lado mais escondido que me encontrei e me senti em casa. Foi ele que acendeu a luz e me mostrou o caminho. Este corpo que tantas vezes me enojou, que tanto repudiei, que tantos usaram, violaram e estragaram, deitando-o ao lixo.

Que tantas vezes violei, sujei, estraguei e deitei ao lixo.

Ultrapassei a culpa de ser quem sou, fui buscar força ao meu papel de vítima, olhei-me ao espelho, bem no fundo dos meus olhos, e prometi aceitar o que sou e assim viver. Com isso mudei o mundo.

Porque só eu me posso salvar.

Deixei de esperar pelo príncipe e vi-me rainha; esqueci o poder redentor das mãos dos outros, e das outras, percebi o que estava ao alcance das minhas. Parei de chorar com pena das minhas lágrimas e enchi o peito de confiança em mim.

Sem vergonha.

A mim, nada nem ninguém me para.

Atravessei os meus desertos, saí das minhas grutas, librei-me da água suja que as nuvens faziam cair sobre mim, dos pregos que me prendiam a tábuas, dos ferros em brasa que me queimavam.

Esperam que me comporte de certa forma por não ter uma pila. Espere-se de mim, de qualquer outra mulher, que encaixe num de dois papéis: galdéria ou mãe, bruxa ou gata-borracheira, puta ou santa. É esta visão binária, de extremos, que arrasa a autoestima de qualquer uma. E que matou a minha.

Não sou puta nem santa, sou gente. Librei-me das algemas, dos bastões, das armas apontadas ao meu peito e à pessoa que sempre fui e que o mundo nunca me deixou ser; que eu nunca me deixei ser. E isso salvou-me.

Esta é a minha história, podia ser a de qualquer outra mulher. Não faz de

mim alguém especial, faz de mim uma pessoa que se deixou morrer muitas vezes para poder renascer de todas elas; que se encontrou.

## Gordo és tu

Odeio o meu trabalho. Muitas vezes invento que estou doente para não sair da cama. Por ser insuportável a ideia de me enfiar num gabinete a olhar para tabelas de Excel, atender telefonemas, enviar faxes e *emails*, aturar chefes e suportar o mau hálito dos colegas.

Fico de consciência pesada quando minto. Então, regresso ao trabalho mais simpática, mais prestável, mais paciente, mais falsa do que nunca.

És uma fraude.

Encontrei o Gustavo nas escadas para o andar de baixo, que levavam ao pátio onde costumo fumar e apanhar um pouco de ar.

Preocupado com a minha ausência, e acreditando que estivera doente, perguntou-me se precisava de ajuda e se me parecia boa ideia continuar a fumar. Estava a subir para ir buscar um café e já me acompanhava, encontrávamo-nos lá fora.

Acendi o cigarro e dei uma passa profunda, desejando que o frio me obrigasse a despertar do tédio.

Devia deixar de fumar...

Uma voz por cima do meu ombro garantiu que há coisas mais fáceis de alcançar acompanhado. Pelo canto do olho vi o sorriso do Gustavo, que me pedia lume.

– E se fôssemos jantar um destes dias?

Não sorri, sabia que o Gustavo tinha namorada.

Apagou o cigarro e desapareceu sem que eu tivesse tempo de dizer mais nada.

Qual seria o objetivo do convite? Talvez precisasse de falar e me achasse boa ouvinte, talvez necessitasse de um conselho. Eu, sem namorado há tanto tempo, a dar conselhos sobre o amor.

Que grande vontade de rir de mim mesma. E dele.

Na minha cabeça, as razões para o convite não eram óbvias. Nem mesmo quando os homens se deitavam comigo compreendia o que os fazia estar ao meu lado.

Olhava ao espelho e via rugas, olheiras, pelos brancos por todo o lado, banhas, celulite.

Metes-me nojo.

Porra, estar dentro da minha cabeça é alucinante.

Quanto ao Gustavo, que grande paixão tive por ele no início do liceu, ainda que na altura fosse inatingível. Pertencia ao grupo dos populares e eu ao do pessoal sem grupo.

Eu vestia calças compradas na feira da aldeia dos meus avós, eles usavam Levi's da loja mais cara da cidade; eu calçava uma imitação ranhosa de DOC Martens, eles All Star azuis. Viviam em bairros ricos, eu nos subúrbios.

Não me lembro de o Gustavo olhar para mim mais de uma vez, e fomos colegas de turma.

Quando nos reencontrámos, porém, fez-me uma grande festa:

– Há anos que não te via. Estás tão diferente!

– Mais velha. De resto, na mesma.

Era uma inevitabilidade.

Com 15 anos passava horas a pensar onde andaria quando tivesse 30 e a desejar que chegassem rapidamente – um clássico. Precisava de me libertar do liceu, da obrigatoriedade de estudar temas que não me interessavam nem me entravam na cabeça.

Foi no décimo segundo ano que me passei completamente e baixei as notas: dos 18 para os 10. Percebi que ninguém era meu dono e descontrolei-me. Comecei a explorar a minha sexualidade, a culpar-me por ela, a descobrir os vários papéis que os homens determinam que uma mulher pode ter.

Lembro-me de ter ido bêbada para um teste de Inglês, no décimo segundo ano, às 11h da manhã. Sentei-me e mal peguei no enunciado deu-me uma vontade incontrollável de ir à casa de banho. O professor não permitiu. Encostou o corpo à minha mesa e olhei-o de baixo para cima, desdenhosa. Era alto e tinha o cabelo grisalho muito bem penteado, com um risco no lado esquerdo e lambido para trás da orelha. Pôs a mão em cima do teste e, sem um pinga de empatia, informou-me que só estava autorizada a sair da sala quando o terminasse. Gatafunhei umas linhas e saí a correr. Tive 10. No fim do ano, o professor deu-me 12 e reformou-se. No ano anterior, tivera 19.

– Não queres ir para a faculdade?

– Quero.

– Para que curso?

– Não faço ideia.

– Sempre desejaste ser juíza e afinal...

– Mãe, queria ser juíza quando andava na primária.

Também queria ser a Supermulher e salvar todas as pessoas que

corressem perigo. Ou trabalhar num supermercado e mexer nos botões da máquina registadora. Ou trabalhar num café para servir copos de leite quente.

Também queria ser uma grande escritora e ter dinheiro para comprar todos os livros de todas as coleções. E ter um livro com o meu nome escrito na capa.

– Limitaste as possibilidades por não teres ido para Ciências.

– Limito-me desde que me lembro de ser gente.

A adolescência arrasou comigo. Passei-a reativa, zangada, incompreendida. Muitas vezes, humilhada.

Como tens coragem de sair à rua vestida dessa forma?

Que raio são esses pelos nas pernas?

Porque é que és gorda?

Ser gorda tem que se lhe diga.

Tive um namorado na primária, o Tiago, que me mandou um bilhete.

– Amo-te.

Respondi: e eu amo-ti.

Era uma mistura de «amo-te» e «a ti». Lembro-me perfeitamente de ter escrito aquele «amo-ti» com todas as certezas do mundo.

Já na quarta classe, veio ter comigo para me avisar de que ia fazer uma festa de aniversário e não me convidava por eu ser gorda.

– Não gosto de gordas.

Fiquei sem resposta. Ele tinha razão, ninguém queria gordos a ocupar espaço.

Acabei por ir à festa porque os meus pais e os pais dele nos obrigaram.

– Disse-te que não queria que viesses.

– Eu sei, desculpa.

Sentei-me a um canto, envergonhada. Não comi porque só os gordos comem, não brinquei porque só os magros brincam. Deixei-me ficar na minha insignificância.

As crianças riam e inventavam jogos, alheadas de mim. Eu passeava os olhos pela casa, à procura de todas as fontes de alegria do Tiago que pudesse destruir. Os jogos novos, o bolo de aniversário, os pósteres colados na parede do quarto, as sapatilhas preferidas, a balança da casa de banho.

A minha mão acariciou o veludo macio do sofá azul onde estava sentada. Olhei para a confusão de miúdos à minha frente e pensei no quanto desejava estar entre eles, o quanto desejava não ser tímida, deixar de sentir vergonha de mim própria e de ver em mim a gorda que os outros apontavam.

Foi a primeira vez que um rapaz me humilhou pelo aspeto do meu corpo. Nunca esquecerei esse episódio. Foi como se me tivesse atirado para uma idade mais adulta, já capaz de entender que ser humilhada por um homem é algo inevitável na vida. Toda a vida.

Não sabia o que fazer às minhas bochechas vermelhas e quentes de vergonha.

Quem vai querer-te?



Quem vai querer uma mulher imperfeita como eu?  
Não fazia ideia do impacto que este momento teria no meu futuro.

\*

– Há anos que não te via. Estás tão diferente – comentou o Tiago, preso à imagem que guardava de mim, no dia em que nos encontrámos, por acaso, num café na baixa da cidade.

– Estou mais velha. De resto, estou igual.

Perguntou se podia sentar-se e preparou-se para recordar os velhos tempos. Que alegria quando tinha levado um baralho de cartas com fotografias de mulheres nuas para o colégio. E quando jogávamos ao bate-pé ou os rapazes corriam a apanhar as raparigas.

– Que memórias extraordinárias!

Tanto que se envergonhava das vezes que levantou a saia às miúdas e a piada que achava eu ter sido a sua primeira namorada.

Também te lembras de quando me chamaste gorda e cara de cu à frente da turma inteira?

Pensei, mas não disse.

– O que me dizes de jantararmos um dia destes para pôr a conversa em dia? – perguntou.

\*

Estudámos num «colégio de freiras», era assim que lhe chamávamos. As raparigas usavam bata preta, os rapazes andavam com a roupa que queriam. No verão fazia muito calor, mas as freiras não nos deixavam arregaçar as mangas. O primeiro botão colava-se ao pescoço e a bata preta escorria, pesada, até abaixo dos joelhos.

– O que fazes com as mangas arregaçadas?

– Tenho calor.

Por que razão ainda não tinha aprendido que as únicas mulheres que andavam de mangas arregaçadas eram as que trabalhavam na copa? Por que razão ainda não aprendera a comportar-me como uma senhora, perguntavam-me as freiras. Os meus pais a pagarem o que tinham e o que não tinham para eu estudar naquele colégio e eu sem propósitos.

– Estou cheia de calor.

Joelhos e cotovelos eram vergonhas nos corpos das raparigas e não podiam andar à mostra.

Um dia, troquei o cinto preto da bata por um castanho e fui vaidosa para o colégio. Puxei um pouco a bata para cima, folguei-a no cinto para ficar curta e ver-se a minha minissaia de ganga verde, que adorava. E as minhas pernas,

que admirava em segredo.

Nesse dia, calcei três pares de meias: uns *collants* amarelo-torrado, umas meias avermelhadas até ao joelho e uns soquetes com flores alaranjadas. A minha mãe pôs-me uma fita vermelha no cabelo, muito curto. Nunca me tinha sentido tão bonita.

Toquei à campainha, a freira abriu a porta, entrei e disse bom dia. Dei três passos em frente, tão certa de quão bem vestida estava, de quanto o mundo não girava à volta de Deus. Virei à esquerda para a sala de aulas e ouvi uma voz, do fundo do corredor:

– A menina importa-se de esperar?

Senti um arrepio forte a subir da barriga para o pescoço, fiquei aflita, o céu da boca seco, a cabeça a latejar. Tentei puxar a bata para baixo, sem resultado. Tinha-a prendido bem com o cinto castanho.

A seguir vieram os gritos que me matavam em câmara lenta. Ninguém sabia porque ficava calada, concentrada no poder que aquelas palavras tinham de me rebaixar. Cada uma arranjava espaço dentro de mim para se alojar, encaixando-se como um *puzzle*.

A madre superiora vivia da sua superioridade moral, não era mãe e não tratava ninguém como filha, falava alto para garantir que se ouvia a ela própria, impunha regras e não permitia a expressão individual porque ninguém lhe havia permitido exprimir-se na sua eterna vida de clausura.

Tirou-me o cinto e obrigou-me a calçar as meias, a puxar a bata para baixo e a abotoá-las até ao pescoço. Ordenou-me que pedisse desculpa e me confessasse.

\*

No último andar do colégio, havia uma capela. Todas as semanas íamos à missa e nos confessávamos. Todas as semanas sentia aquela culpa pesada, sem perceber porquê. Obrigava-me a encontrar situações em que me tinha portado mal, em que tinha sido má, para que pudesse pedir perdão e ser perdoada.

O padre castigava-nos com 10 ave-marias e 20 pais-nossos, tratava-nos como criminosas de última categoria. Pelo menos, era isso que sentia de cada vez que me ajoelhava à sua frente. Eu muito baixa, ele gigante, também de bata preta.

É bem feito, deves estar cheio de calor, pensava.

Olhava-me com o suor a escorrer-lhe pela cara pálida e bem barbeada, o crucifixo sobre o peito.

Mostrava-me a péssima pessoa que eu era e a vergonha de me portar tão mal era-me cuspidada sem piedade. Como se enchesse a boca de cuspo e com ele fizesse uma bola muito grande – como eu fazia com o peixe cozido – atirando-ma à cara com toda a arrogância e um certo agrado, salpicando-me o

cabelo, o pescoço e as orelhas e obrigando-me a limpar aquele nojo com as próprias mãos.

Ainda bem que a madre superiora já me tinha mandado puxar as mangas da bata para baixo, caso contrário o cuspo ter-me-ia atingido os braços, os cotovelos e, fosse eu muito arrojada, os ombros.

Eu não vergava. Mantinha os olhos fixos nos dele, sorriso malicioso e desafiante, com nojo da sua cara pálida, na esperança de que o meu olhar fosse capaz de lançar labaredas que o queimariam vivo.

Era isto que sentia de cada vez que ia à missa. E não fosse um episódio da minha infância, facilmente poderia confundir-se com a cena de um filme pornográfico manhoso.

Quando me esquecia de deitar fora a pastilha elástica que mascava às escondidas porque era proibido, vingava-me daquela culpa colando a pastilha muito bem colada debaixo do banco da capela. Depois ficava cheia de medo de ser apanhada e de levar com a régua de madeira que jazia apoiada no quadro negro.

Foi coisa que nunca confessei ao padre. Essa e todas as outras culpas alojaram-se em mim como um velho hábito.

O perigo de ser apanhada pelos meus pecados e a iminência dos castigos assustavam-me, mas também se transformaram num formigueiro que me corria pelo corpo, misto de angústia e de prazer.

\*

Tinha acabado de sair do trabalho quando encontrei o Tiago que, coitado, engordara uns valentes quilos. Vivia sozinha, não tinha ninguém à minha espera e deixara comida aos gatos, que dificilmente sentiriam a minha falta. Nada me impedia de ir jantar com ele, a não ser o meu amor-próprio.

– Sim, vamos – respondi.

Eram menos horas que passava sozinha e há muito tempo que não fodia. Achei que compensava o esforço.

A seguir ao jantar, já tocados pelo álcool, seguimos para casa dele, com uma terceira garrafa de vinho pronta a ser aberta. Sem aviso nem cerimónia, ele despiu a *T-shirt* e encostou a barriga volumosa e peluda à minha. Imaginei-o malcheiroso, após um dia intenso, mas desci curiosa e encontrei uma pila murcha.

Quando olhei para cima, vi que inclinara ligeiramente a cabeça, para me ver melhor, disfarçando a atrapalhação que lhe provocava a barriga de cerveja. Deslizei a língua pelas virilhas suadas, percebendo que as pernas lhe cediam e a pila latejava de prazer.

– Chupa-me – pediu, sôfrego.

– Quando quiser, chupo.

Deixei-o na expectativa, ainda a tentar habituar-me ao cheiro dele.

Temia um vômito.

Finalmente cedi. A pila dele era larga, não muito comprida. Quando investi contra a minha garganta, repetidamente, tive medo de sufocar.

No chão, de pernas abertas, imaginei que estava a ser comida por vários homens.

Excitada, tirei a pila da boca e massajei-a. Acariciei-lhe a zona do ânus.

– Aí não – pedinchou.

Ignorei-o e repeti. Os olhos dele reviraram e veio-se.

Levantei-me, agarrei na *T-shirt* dele e limpei-me.

– Não costumo vir-me tão depressa.

Vesti o blusão de ganga, preparando-me para sair. Quando percebeu, veio ao meu encontro e pediu-me que ficasse.

– Não gosto de gordos.

Aleguei que era uma graça. Ele esboçou um meio-sorriso, incapaz de disfarçar o desconforto.

Nada me soube melhor do que ter conseguido, finalmente, pagar na mesma moeda. Mas assim que fechei a porta, assaltou-me a culpa do que acabara de lhe fazer.

## A pastilha da felicidade

Numa entrevista recente, a jornalista perguntou-me:

– Já conseguiu perdoar-lhe?

E eu, apesar da delicadeza do tema, sempre tive respostas imediatas.

– Ahm... Não. Não perdoei.

Seguiram-se outras perguntas, mas já estava perdida na sensação desagradável que aquelas memórias ainda me provocavam.

\*

Numa viagem de carro que me levou de regresso à cidade onde nasci, passava na rádio uma reportagem sobre «vítimas que perdoam os agressores e os visitam na cadeia». Tratava-se de um programa pioneiro, assente na teoria de que a presença das vítimas ajuda os agressores a não repetirem as agressões. O facto de essas pessoas gastarem tempo com os seus carrascos, de os olharem nos olhos sem rancor, parece ser uma terapia altamente eficaz.

As pessoas são capazes de coisas impressionantes – pensei.

Ouvi a reportagem até ao fim. Estava espantada com a capacidade que seres maltratados, agredidos e violados têm de enfrentar os seus algozes. Não experimentei pôr-me no lugar deles. A minha dor e a minha angústia deixavam-me esgotada.

Parei o carro e tentei ganhar coragem para entrar no café sozinha. Sempre tive medo de estar só. Mantive-me em muitas relações pobres, apenas para não ficar só.

Sentei-me na mesa ao canto, onde tantas vezes me diverti com as minhas amigas até de madrugada. A minha cabeça perdeu-se na memória desses tempos perdidos.

\*

- A que horas nos encontramos?
- Vou ter a tua casa às 9h e saímos.
- Aonde vamos?
- Dançar.

E dançava a noite toda, fingindo que a vida me corria às mil maravilhas.  
A tua vida é uma farsa.

O porteiro recebeu-nos com familiaridade. Eram muitos fins de noite a conversar com o Zé, que tinha um emprego diurno, mas precisava de ganhar uns trocos à noite. Acabara de ser pai e mostrou, orgulhoso, a fotografia da filha, que sacou da carteira, no bolso do seu casaco de cabedal preto, comprido, a cara corada pelo frio.

A porta de madeira vermelha abriu-se, o fumo invadiu-nos os olhos e os graves das colunas empurraram-nos para a pista de dança.

A pista apinhada pulava ao som dos Primal Scream. Os amigos gritavam os nossos nomes por entre a música. Do outro lado da pista vi o Renato. A Bia lançou-me um olhar que dizia: «é hoje».

- Como se o Renato me visse...

Ela aproximou-se com um ar reprovador e apertou-me os ombros com força:

- Vamos beber um *shot*.

E fomos. Mas não bebemos só um.

Quando regressámos à pista, tinha deixado a vergonha ao balcão. Dancei em direção ao Renato, dengosa e de umbigo de fora. Passei por ele, cruzámos o olhar e aterrei de cabeça no meio dos nossos amigos que me passaram um copo de *vodka*, apimentado com MDMA. Bebi. E o tempo parou.

Uma a seguir à outra, as músicas penetravam-me a pele e agitavam-me as pernas, os braços, a cabeça, inundando-me de felicidade. Os *flashes* das luzes misturavam-se com os *flashes* das minhas alucinações. Cavalos corriam no meu cabelo suado, um helicóptero aterrava nos meus ouvidos, a garganta estava seca e pedia mais um gole.

Dançava, feliz, no meio da pista. Não sentia medo, angústia ou ponta de frustração. Por momentos, percebi que aquela felizarda era eu. Alegre como sempre me tinham dito que era. E diziam-mo muitas vezes para que não me esquecesse. E esquecia-me sempre, como se me tivessem contado uma anedota e as anedotas são impossíveis de memorizar.

Ali, na discoteca apinhada, brotavam as lembranças da criança feliz que fui, dos meus pais a abraçarem-me com amor, de me sentir protegida. As minhas mãos deslizavam pelo *top*, pelas calças de cintura descaída, com o fio dental a espreitar. E por mim senti uma mão a subir-me pelo braço transpirado.

O Renato encostou-se a mim e beijou-me na boca, retribuí. Agarrei-me ao pescoço dele e dançámos até que o fim da música nos tirou da pista. Saímos aos tropeções e entre gargalhadas ébrias.

- Vamos a minha casa?

Deixei-me levar.

\*

Subimos as escadas do prédio, o Renato, à frente, puxava-me. A fricção dos dedos dele na minha pele magoou-me e a dor fez com que os mamilos enrijecessem debaixo da camisola. Ansiei por que me tirasse o *soutien* e se deliciasse, como um bebé na mama da mãe.

Engoli em seco com o meu próprio pensamento e senti-me excitada ao imaginar a pila dele dura e viscosa no meu peito. Tive vontade de apertar os mamilos até que a dor me conduzisse ao orgasmo.

Ele pareceu ler o meu pensamento e, antes que entrássemos em casa, levantou-me a camisola e esfregou a língua sôfrega nas minhas mamas empinadas. Dobrei-me para trás, agarrada à porta do lado, questionando se o vizinho estaria a espreitar pelo buraco da fechadura e a masturbar-se.

O Renato agarrou-me ao colo e entrámos em casa. Lambi-lhe com gosto o suor da noite inteira, as bochechas, as orelhas, o pescoço.

A porta fechou-se, saltei do colo do Renato e segredei-lhe que bastava um dedo seu para me fazer vir.

Vi-lhe as pupilas dilatadas e a cara desfigurada pelo efeito da droga que ambos tomáramos. Os seus maxilares rangeram quando despi as cuecas e as lambi.

– Queres? – perguntei.

Encostou-me ao frigorífico, abriu o congelador e tirou uma caixa de gelado. De seguida, encostou-me à parede, mandou-me abrir as pernas e enfiou-me um dedo cheio gelado. Não sei se foi do gelo ou arte, mas aquele movimento tão simples levou-me ao êxtase.

Ele levou-me para a cama, desapertou as calças, virou-me de quatro para a cabeceira e a minha cabeça bateu repetidamente contra a parede. A dor misturou-se com o prazer.

Abri os olhos e a visão da minha decadência, babada e esborratada, fez-me sentir livre. E culpada.

A cama chiava e embatia na parede. Pensei no vizinho a masturbar-se e gritei de gozo. Ouvi um som gutural e senti que atingira o orgasmo. Depois um longo silêncio.

Vesti-me e fui para casa.

\*

Acordei de ressaca, a precisar de um cigarro e de um café forte. Rebobinei a noite anterior e dei por mim a recordar as vezes que o Renato pronunciara o meu nome: zero. O meu corpo sentia-se satisfeito, a minha

cabeça experimentava o mais absoluto vazio.

Por que raio não consigo arranjar um namorado?

Era uma pergunta diária.

– Quem me dera que aparecesse alguém que me salvasse da merda que é a minha vida.

– Mas só tu te consegues salvar, não percebes?

A Bia e o seu paleio, sem perceber que eu estava sozinha e longe da salvação.

– Sozinha é coisa que nunca estás – insistia.

Por vezes era-me impossível entendê-la. Agora, percebo-a claramente. A Bia tentava fixar-me à terra, além de todas as outras funções que as amigas e os amigos desempenham nas nossas vidas.

Costumamos brincar, dizendo que é a minha *manager*, minha guia. Mas se não fosse a Bia, ainda estaria presa a um sem-número de quartos escuros, trancados a sete chaves, nesta casa labiríntica que é a minha cabeça. Se estivesse aqui agora, sentada à minha frente, responder-me-ia:

– Não fui eu que te tirei de lá, foste tu.



## A colónia de férias

Quando íamos à aldeia ao fim de semana, visitávamos a família. Naquela tarde de verão, passámos num curral transformado em oficina de cestos de vime onde trabalhava um tio. Havia ainda um vizinho, um pouco mais velho do que a minha mãe. Julgo que ainda eram primos afastados, como acontece muito nas aldeias.

A minha mãe cumprimentou-os e o vizinho comentou quão crescida eu estava.

– Que bom rever-te – ouviu-se do lado de lá da porta.

A minha mãe espreitou para identificar a voz e saiu ao seu encontro, o meu tio foi atrás. Fiquei à espera de sair, quando o vizinho se aproximou de mim e estendeu as mãos na minha direção. Eram mãozorras grandes, sujas e cortadas pela palha, que desceram até ao meu peito:

– Estas ainda precisam de crescer.

Tive vontade de vomitar. Nunca ninguém me tinha tocado daquela forma e não percebi exatamente o que acabara de acontecer. Quis empurrá-lo, mas faltou-me coragem. Senti-me culpada por ali estar e tive medo de que me ralhassem.

Ele fitou-me com uns olhos de um azul assustador, fez um sorriso que mostrava os dentes sujos do almoço:

– Quando te apanhar sozinho, fodo-te essa coninha cor-de-rosa.

E eu quando te apanhar sozinho, atiro-te para debaixo do comboio e fico a ver-te a ser triturado. Pensei, mas não disse.

Saiu bem-disposto, a abraçar a minha mãe e a contar-lhe das saudades que sentira dela, que estava sempre na cidade e já não vinha ao campo, que não se lembrava dos amigos, que tinha um emprego todo fino e roupas muito feitas.

A minha mãe retribuiu os cumprimentos. Que lhe sabia sempre muito bem voltar, que era tão bom respirar o ar puro da aldeia.

Antes de nos despedirmos, ainda o ouvi dizer:

– Tens uma filha que é uma categoria. Não tarda, está em idade casadoira.

– Estás doido, Antero? A miúda tem doze anos.

\*

Foi nessa altura que comecei a ir para colónias de férias de verão. Odiava.

– Choravas todos os dias como a triste que és?

Nos balneários, a água não ia além de morna e esperava que todas tomassem banho antes de entrar na zona dos chuveiros. Evitava os gritos agudos insuportáveis, o permanecer sentada de cabeça baixa, e à espera da minha vez.

Nessa tarde estava a tomar banho, de olhos postos nos azulejos cinzentos semeados de cabelos. Ouvi-as entrar e avisei que estava a tomar banho. Continuaram na minha direção. O cubículo em que me encontrava, voltado para a porta, não tinha cortina. Estava à mercê de qualquer um.

Virei-me de costas enquanto me rodeavam. Deram-me pequenos empurrões e perguntaram porque estava sempre sozinha e calada. Puxaram-me os mamilos e torceram-nos, como se fossem plasticina. Uma das raparigas, atrás de mim, agarrou-se às minhas nádegas. Aproximou o corpo do meu e esfregou a púbis no meu cóccix. Engoli em seco, com a água a escorrer-me pelo rosto e pelo corpo.

Mandaram-me mostrar o que tinha escondido entre as pernas e abriram-nas. Não valia a pena gritar, estavam todos noutra pavilhão, a preparar-se para jantar.

Uma delas pegou no sabonete:

– Devia enfiar-te isto pela rata acima.

Havia mãos a esfregar aquilo que só eu tinha ousado esfregar debaixo dos lençóis. Era um cenário assustador e muito excitante, ao mesmo tempo. Isso fez-me sentir profundamente envergonhada.

– Porca!

Calei a vontade de lhes desfazer os crânios contra a parede molhada que amparava a minha humilhação.

Alguém mexeu na porta da casa de banho e pararam. Embrulhei-me na toalha e fui para o quarto. Nesse dia, não tive coragem de descer para jantar. No dia seguinte, não encontrei as partes de cima dos meus biquínis.

– Os gajos têm mamas maiores do que as tuas, não precisas disso para nada – disse Adelaide, uma das que me tinham apalpado e humilhado na casa de banho.

– Onde puseste os meus biquínis?

– Num sítio onde as tuas mamas não chegam.

Vi as minhas carrascas saírem de mochilas às costas, entrando de forma barulhenta e alegre na camioneta para a praia. Mandaram-me entrar.

– Vais de cuecas.

E fui.

Cheguei à praia, todos se despiram e eu também, porque me obrigaram. Fiquei enrolada na toalha e, para garantir que não me caía, deixei-me ficar sentada o dia todo.

– Não queres dar um mergulho? – perguntou a monitora.

Não tinha coragem. Não ia correr o risco de gozarem com o meu corpo. Era como se todas as pessoas do mundo estivessem a olhar para mim e pudessem humilhar-me até não aguentar mais e fugir pelo mar adentro.

É o que tu mereces.

Quando muitos olhos poisam em mim sinto uma comiseração esmagadora. Fico vulnerável a todas as agressões, sejam quais forem, venham de onde vierem. É como se, naquele momento, fosse o bode expiatório do mundo inteiro. E de mim própria.

A culpa por não ser perfeita persegue-me. Tal como a vergonha do meu corpo e o medo do que os outros podem fazer com ele sem que consiga defender-me.

\*

Os meus pais ligavam-me todos os dias e todos os dias percebiam a tristeza na minha voz. Não imagino o que lhes custava. Naquele dia pedi ao meu pai que me fosse buscar.

– Eu e a mãe estamos a trabalhar.

Ali podia aproveitar e divertir-me, sugeriu. Sempre era melhor do que ficar o verão todo em casa. Que grande mentira, quem me dera ter ficado os verões todos fechada em casa em vez de ir para a colónia de férias.

Que vítima me saíste.

## O vestido da desgraça

Já vivia em Lisboa há alguns meses quando o conheci no jantar de aniversário da Rita. Eram amigos há muito tempo e ouvira falar dele mais de uma vez:

– Se este amigo vivesse em Lisboa seria perfeito para ti.

Mostrou-me fotos dele no *Instagram*. Que homem bonito.

Nessa noite, ele já estava no restaurante quando cheguei, sozinha. A Rita apresentou-nos. Sentei-me numa ponta da mesa, ele na outra.

Chegar sozinha a qualquer lado desassossegava-me.

Tinha passado horas a procurar uma roupa com que me sentisse bem. As sapatilhas não casavam com nenhuma calças e a saia que usara na semana anterior, e com a qual me tinha sentido bonita, teimava em envergonhar-me quando me mirei ao espelho, que me devolveu o meu olhar cansado.

Ponderei uma desculpa para ficar em casa, mas a Rita não me perdoaria. Respirei fundo e analisei novamente o guarda-roupa espalhado pela cama e pelo chão do quarto. A ajudar, o meu cabelo estava num dia mau.

Saber que ele ia estar no jantar só piorou a situação. Preocupava-me o que aquele desconhecido pudesse pensar de mim. Incrível a minha prontidão para tentar agradar-lhe, antes mesmo de o conhecer.

Optei por um vestido vermelho de alças, muito simples, vesti um *soutien* que me elevasse o peito, calcei umas botas castanhas e voltei a encarar o espelho.

Que bonita que és.

Devia ter vergonha de sair de casa.

Era alucinante ter de lidar com a minha cabeça bipolar, que num momento me permitia um elogio e logo me insultava: que feia, que gorda, que velha. Essa barriga e esse umbigo estragado pelas cirurgias, que nojo.

Insulstei-me até me cansar. Percebi que se não saísse de casa em menos de um quarto de hora chegaria atrasada.

Entrei no restaurante, notei que olhou para mim e encarei-o, envergonhada. Pareceu-me atraente.

Sentia-me feia e bonita ao mesmo tempo. Não podia sucumbir à vaidade, ser vaidosa estava errado, era pecado, tirava-me a dignidade; não podia gostar de mim, gostar de mim era egocêntrico, tirava-me a humildade.

Eu era gato e cão: cravava as unhas afiadas na carne até me ser insuportável. Costas, pernas, ego, tudo arranhado. Depois lambia as dores e as mágoas, repetindo a fórmula até à exaustão.

Conversas de circunstância, garrafas de vinho e copos de cerveja, parabéns cantados à Rita e finalmente as despedidas. Trocámos contas de *Facebook* e foi cada um à sua vida.

\*

Em casa, pousei a carteira e o telefone acusou a entrada de uma mensagem. O meu coração disparou, desejei que fosse ele, imaginei os meus sonhos concretizados.

Era, de facto, dele a mensagem e ficámos a conversar até não aguentarmos o cansaço.

No dia seguinte, igual. E no outro e no outro.

Eu em Lisboa, ele longe, a mitigarmos o efeito da distância com conversas intermináveis e a fazermos crescer em nós a vontade louca de nos encontrarmos, de nos sentirmos, de nos cheirarmos.

De um subtil erotismo passámos a conversas despidas de preconceitos, em que nos excitávamos só com palavras. Todo um mundo que pude experimentar.

A imaginação a trote e eu como objeto de desejo de um tipo lindo. Sem a sua presença física tinha orgasmos jamais experimentados. Criámos uma ligação. Morria de vontade de o ter, morria de felicidade por ele gostar de mim como eu era: imperfeita.

\*

Nunca esqueci o dia do nosso reencontro, em Lisboa. Calcei as *Nike* brancas com umas meias estreladas um pouco abaixo do joelho, vesti uma minissaia preta e uma blusa de algodão da mesma cor, com um generoso decote em V, e um blusão de ganga justo com um *pin* do Bob Dylan na lapela.

Parei o carro com o coração a sair da boca. Vi-o sair da estação de blusão de cabedal castanho, camisa de um padrão florido cheio de cor, calças de ganga cinzentas e cinto castanho. Que pinta! Perguntei-me que raio estava aquele homem a fazer ali, a vir na minha direção, quando podia ir ao encontro de uma mulher mais bonita, mais *sexy*, mais segura, mais forte, mais

interessante e mais inteligente. Perfeita. Que estava ele a fazer com uma mulher estragada quando podia ter uma daquelas mulheres inteiras que se passeiam nas redes sociais e nas revistas?

Entrámos no carro, a saia subiu quando me sentei e fingi atrapalhão. Na verdade, estava doida para nos enrolarmos. Ele encarou-me, faminto. Pôs a mão quente na minha perna arrepiada e voámos para casa.

Aquele homem dava-me uma tesão que nunca tinha experimentado. Tocava-me como se quisesse roubar todos os pedaços da minha carne. Percebi que, se quisesse, me dominaria apenas com uma mão. Quis pedir-lhe que o fizesse, mas achei que seria demasiado para a primeira vez.

Desapertou-me o botão da saia e esfregou os dedos nas minhas cuecas húmidas.

– Já estou de pau feito.

Percebi-lhe o temperamento dominador e fiquei ainda mais excitada.

Ele abriu o fecho das calças e exibiu a pila, grande. Receei que não coubesse dentro de mim. Afastou-me as cuecas e esfregou-me o sexo como se eu fosse um pedaço de roupa suja.

– Que tesão que me dás.

Havia algo diferente naquele homem. Julguei que a diferença estava na capacidade de não ver os meus defeitos.

\*

Num ápice, veio viver para Lisboa e habituei-me a aninhar-me no colo dele, aproveitando o calor e a segurança. Finalmente, tinha encontrado alguém que estava preparado para me salvar; para me tirar da merda em que me enfiara até ao pescoço. A esperança de toda uma vida estava ao meu lado, na minha cama.

Não demorei a bolçar as minhas asneiras, os meus sentimentos de culpa, as minhas histórias mais secretas. Tal como tão bem me haviam ensinado na infância, ajoelhei-me e confessei-me. Pedi: salva-me.

Ele pareceu ouvir, deu-me a mão e senti que estava segura.

Guardou cada uma das minhas confissões. Inteligente como era, reservou-as, cuidadosamente, para as usar quando fosse preciso.

Não ouvi o alarme que teimava em tocar dentro de mim desde o nosso primeiro encontro, mas que interpretei como autobicoite. Silenciei-o como se silencia uma música que não se deseja ouvir, mas da qual é impossível desligar, com o seu *fade out* lento mas implacável.

## Um rapaz às direitas

Apanhava o autocarro todas as manhãs à mesma hora. Às 7h30 descia as escadas do prédio – detesto elevadores –, com um pedaço de pão na mão, a correr. A mochila, no ombro direito, carregava a garrafa de água, o livro, um bloco e uma sandes para comer a meio da manhã. Também lá estava o maço de tabaco e o isqueiro, um penso porque o período devia estar a chegar, um analgésico que me ajudaria a aguentar as dores, o livro de palavras cruzadas e o bilhete da viagem que faria daí a uma semana. Ia de férias com as minhas amigas. Sorri na expectativa daquela semana só nossa, enquanto procurava o bilhete do autocarro.

Nunca tinha ido de férias só com amigas. Era certo que todos os verões marcávamos presença no Festival do Sudoeste; estivemos na primeira edição do SBSR e virávamo-nos do avesso para ir a Paredes de Coura e a concertos avulsos em Lisboa e no Porto. Todas as semanas tínhamos convites para festas e dançávamos no clube onde passava a melhor música da cidade. Mas irmos de férias só nós, sem rapazes, nunca tinha acontecido.

Entrei no autocarro e como não havia lugares vagos, encostei-me à janela. Estava de auscultadores postos a ouvir *The Queen is Dead*, dos The Smiths.

– *Oh, mother, I can feel... the soil falling over my head...* – cantarolava Morrissey baixinho – *...as I climb into an empty bed.*

\*

Começava a manhã a pensar na minha cama vazia. Mesmo quando estava ocupada, a minha cama estava vazia. E eu também.

\*

Pensei trocar de CD, mas esquecera-me de trazer outro e a voz de

Morrissey continuou a provocar-me. Senti o nariz arder ligeiramente e percebi que tinha vontade de chorar. Olhei para o fundo do autocarro e vi uns olhos verdes a observarem-me.

Que bonito, pensei.

Ele saiu uma paragem antes da minha, mirou-me quando se levantou e deitou-me um sorriso antes de abandonar o autocarro. Ainda estiquei a cabeça para ver se conseguia perceber para que lado ia.

Que desesperada que tu és.

Senti-me estúpida. Quem seria? Olhos verdes, pele bronzeadada, calças rasgadas e uma *T-shirt* estampada com a imagem de Bob Marley a rir, de charro na mão. Do cabelo, pendiam-lhe três ou quatro rastas. Levava um casaco de malha amarrado à cintura e alguns cadernos de capa preta debaixo do braço.

É provável que nunca mais o veja.

Contei à Bia do sorriso que me lançara antes de sair do autocarro e pedi-lhe que me ajudasse a decodificá-lo. Contei-lhe os pormenores da viagem, tentando transportá-la para a cena, de forma a confirmar que aquele tinha sido um olhar de desejo.

A Bia fez-me a vontade, mas mal terminou de falar rematei que só olhara para mim porque era tão horrenda que as pessoas não conseguiam desviar o olhar. Como se fosse um acidente de carro.

A Bia pediu que não me desvalorizasse constantemente. De forma tão cruel.

– Estás proibida!

– Proibida de quê?

– De te matares de cada vez que te observas.

O que queria ela que fizesse? Que mentisse a mim própria?

Respondeu-me que o seu desejo era que acalmasse aquela sofreguidão para arranjar um namorado. Que aproveitasse mais a vida, aconselhou-me.

– Há de aparecer alguém que consiga ver em ti o que eu vejo.

– Tens de me emprestar o teu espelho.

Era um facto, já estávamos atrasadas para o jantar da Mónica e precisávamos de um espelho para nos arranjarmos.

Fiquei ansiosa com a quantidade de gente que ia encontrar. Havia sempre em mim uma vontade latente de não ir a lado nenhum, de arranjar uma desculpa miserável para não enfrentar pessoas que julgava desinteressantes, que me irritavam por ouvirem as mesmas músicas, por verem os mesmos filmes e irem aos mesmos espetáculos.

O que eu odiava os jantares com a malta da faculdade: Em que ano estás? Que curso tiraste? Que mestrado vais fazer? Ah, a praxe foi tão divertida... E as serenatas? E as batas pretas, como asas de corvos mortos? E o vai ao centro e vai para dentro que me arrepiava? O descontrolo daqueles animais acabados de desenjaular e o senhor doutor atrás do nome, ainda que continuassem a ser uns merdas o resto da vida.



Tentávamos decidir se íamos de calças ou de minissaia, e quando me queixei das pernas, a Bia disse que não me preocupasse. Dei-lhe um abraço. Precisava sempre da aprovação das minhas amigas.

E do sim do mundo em geral, mesmo que não o admitisse.

\*

Por fim, estávamos prontas e chamámos um táxi. Eu usava uma minissaia com padrão de camuflado, uma corrente a servir de cinto, meias de renda pretas, de malha larga, um *soutien* cor-de-rosa costurado pela mãe da Bia e um *top* branco com a alça esquerda a cair sobre o ombro. Tinha os olhos pintados de verde, as pestanas alongadas pelo rímel e lábios luzidios. O cabelo comprido cheio de ganchos, mas mal apanhado, caía-me sobre as costas.

Calçava umas sandálias de plataforma, verde-tropa, delicadas, que contrastavam com as meias de renda. Aliás, era a conjugação das meias com as sandálias que traduzia a minha ousadia.

A Bia decidira-se por um vestido às flores curto, lindo, em que aplicara um cinto muito fino. O peito estava escondido, apesar do belíssimo decote, e mesmo sem maquilhagem estava belíssima: olhos rasgados e intensos, cabelo solto pelos ombros.

Conhecera a Bia alguns anos antes, os nossos namorados eram amigos. Passámos noites enfiadas no carro a conversar enquanto eles faziam programas de rapazes; noites de longas conversas que permitiram conhecemo-nos.

Quando chegámos, encontrámos a Bárbara, ansiosa. A Mónica e o namorado estavam a discutir. Parece que o ex-namorado da Mónica lhe tinha ligado e o Manel ficara melindrado.

– Mas que responsabilidade tem ela? – questionámos.

A Mónica era nossa colega de faculdade, não propriamente nossa amiga, mas simpatizávamos com ela – e ela connosco.

Decidimos que não ficaríamos muito tempo. Haveria, com certeza, outra festa à nossa espera. Jantámos, brindámos, pagámos e seguimos. As nossas noites de sexta-feira eram sempre uma incógnita.

\*

Entrámos no bar e ocupámos a última mesa vazia. Comprei três bebidas brancas e preparava-me para ir ter com as amigas quando senti uma mão nas costas. Virei-me.

– Precisas de ajuda?

Por acaso dava jeito, os copos estavam molhados e escorregadios, eram três, eu só tinha duas mãos.

– Pode ser, obrigada.

O cavalheiro quis saber se era cliente habitual, sugeriu nunca me ter visto, mas conhecia-me de algum lado – aquele paleio que faz abrir a boca de tédio.

– Sou o Luís.

Está bem, Luís. Agora desaparece que não estou com paciência para te aturar, tenho as minhas amigas à espera e não me apetece perder tempo com gajos que não me façam sentir um arrepio na espinha e não me deem vontade de lhes saltar para cima.

Pensei, mas não disse.

Antes de ir embora, perguntou se íamos ver Dave Clarke. Não respondi mas aquilo mudou o rumo da nossa noite.

Deixámos o Luís para trás e fomos ter com o Clarke. Dançámos até de manhã.

O sol já iluminava a praia lá fora, quando olhei à volta e percebi que só restavam duas pessoas na pista: eu e um rapaz. Olhámo-nos, sorrimos e mantivemo-nos distantes, sós mas com a certeza de estarmos acompanhados.

Quando a música parou, ele veio dar-me um abraço e abandonou a discoteca. Era meio-dia e eu começava a trabalhar à uma.

\*

Entrei, pus o avental, bebi um café duplo e preparei-me para atender a esplanada cheia. Não é fácil trabalhar de direta, mas os meus 20 anos, a cafeína, a nicotina e um *croissant* repleto de açúcar ajudaram.

Passaram duas horas. Vi surgir um casal ao longe, ela de cabelos longos e muito escuros, ele de calças engomadas e de ténis.

Aproximaram-se, percebi quem ele era e perguntei com uma voz onde se misturava a vergonha e uma certa provocação:

– Olá. O que querem tomar?

Ele levantou os olhos e percebi-lhe um estremecer suave, quase impercetível, quando me reconheceu. Nunca esqueci o sorriso tímido e a ternura com que me fitou.

– Olá. São dois cafés, por favor.

Lancei-lhe um olhar intenso, segura do efeito que exercia sobre ele, sem me lembrar da rapariga. Que cabra que fui.

O esforço que fiz para me fingir segura e poderosa atirou-me para a casa de banho. Precisei de passar a cara por água e de me olhar ao espelho. Detesto ver-me ao espelho, é por isso que quase nunca o faço.

É como se me castigasse pela pessoa que não consigo ser.

E tu gostas de ser castigada, não é?

\*

Castigo-me por nunca me sentir suficientemente boa, por ter sentimentos de culpa que dão várias voltas ao mundo e que me sufocam desde que acordo até que me deito. Culpa por me sentir um objeto e, ainda assim, querer sê-lo; culpa por querer um namorado e ainda não o ter encontrado; culpa por estar longe de ser a jovem adulta responsável que os meus pais tanto desejaram; culpa porque o autocarro perdeu os travões e atropelou uma senhora; culpa porque o mundo implodiu e não fui capaz de o evitar. Um poço sem fundo de culpa. Era neste ponto que me encontrava no primeiro ano da faculdade.

\*

Quando saí da casa de banho, ele estava ao balcão, com algo na mão, provavelmente a nota com que pagaria os cafés. Admirei-lhe a beleza de longe.

Deu dois passos na minha direção e entregou-me o que segurava: o desenho de uma rapariga a dançar rodeada de luzes. Percebi que era eu. Senti o coração bater mais forte e fiquei sem saber o que dizer, o que fazer. Fitei-o com um sorriso incrédulo, enternecida com a forma como baixou a cabeça, envergonhado. Por fim, o olhar terno dele encontrou os meus olhos. Sorri timidamente.

– Sou o Vasco.

Agradei e desapareci atrás do balcão.

Nessa noite, contei à Bia o que acontecera e como desejava aquele rapaz que olhara para mim de uma forma tão diferente daquela a que estava habituada.

O meu primeiro impulso, independentemente do rapaz que me dava um pouco de atenção, era perguntar-me se teria, finalmente, encontrado o homem da minha vida.

\*

No dia seguinte, apareceu no café, sozinho. Perguntou a que horas saía e se queria dar um passeio. Respondi que podíamos beber um fino longe dali.

Fomos.

Explicou-me que a rapariga com quem o vira no dia anterior era uma amiga de longa data. Conversámos. Deu-me *O Alquimista* para ler e pediu-me que prestasse atenção à mensagem.

Percebi quão encantado estava comigo e essa certeza, em vez de inflamar a minha paixão, com o tempo secou-a, ao ponto de a matar.

Seria por o Vasco ser tão diferente dos rapazes a que estava habituada? O Vasco nunca me usou. Era pura vontade de amar, era prestável e generoso. Queria muito aproveitar o que tinha para me dar, a sua forma de me adorar.

Com ele, estava longe de ser invisível.

Contudo, o que me ligava ao Vasco era diferente do que o ligava a mim. Ele estava completamente apaixonado, eu usava essa paixão.

Por fim, fartei-me da sua alegria ingénua. Foi no dia em que, apaixonado, partilhou:

– Se tivesse um balão de ar quente, metia-nos lá dentro e fugia contigo.

A minha reação foi imediata: uma ligeira sensação de repúdio. O romantismo daquelas palavras embateu na minha pretensão de ser moderna e alternativa, e só me apeteceu rir. Não foi o pior que fiz, o pior foi não ter sido honesta com ele. No fundo, ser honesta comigo.

Perdi o interesse pelo Vasco. O desejo dele de querer ficar comigo para sempre parecia-me peganhento, cheirava-me a mofo. A verdade é que não sabia ser bem tratada e estranhei, soou-me falso.

O Vasco era um menino bonito e bem-comportado e isso não encaixava nos meus padrões. Quando és uma rapariga podre, só consegues imaginar-te com um rapaz ainda mais podre. É uma das regras da atração: se estás equilibrada, encontras equilíbrio; se te respeitas, encontras respeito; quando te amas, encontras amor.

\*

Não muito depois, encontrei o Ricardo que já conhecia desde o liceu. Tinha seguido para outra faculdade, mas mudara de curso e lá estava de regresso ao meu campo de visão.

O Ricardo, cara de miúdo, sempre com um livro debaixo do braço, cheio de arrogância nas frases e no olhar. Mochila às costas, cheia de cassetes de vídeo com filmes de todas as épocas e géneros. Um rapaz de poucas palavras. Possuía uma aura de mistério que me tirou o chão mal o vi.

Fomos namorados durante quatro anos. Mas o meu papel na relação sempre foi claro: invisível.

Porque não te separaste? Sei lá. Porque há coisas que nos fazem ficar mesmo quando sabemos que o mais correto é ir embora. O conforto do que é familiar, os dramas a dois, as dificuldades de início da vida adulta que abrandam se partilhadas, o meu papel de cuidadora e o medo de que não sobrevivesse sozinho. Tudo e mais alguma coisa.

E se começasse a mostrar o quanto me amava? E se começasse a ter vontade de me tocar com o entusiasmo com que tocava nos livros que lia e nos filmes que devorava, na ânsia de saber tudo sobre cinema? Invejava a sua concentração absurda, que o fazia desaparecer, esquecer-se do que o rodeava, mergulhar numa entrega quase pornográfica. Imaginem que me separava do Ricardo no dia em que ele decidira tirar-me da invisibilidade. Um pouco como quando te cansas de estar à espera do autocarro, decides ir a pé e o raio do autocarro aparece dois minutos depois, só para o ficares a ver a passar por

ti. O que poderia estar a desperdiçar! Foi assim que pensei durante aqueles dois pares de anos.

As vezes que fiquei sentada a ver as mãos dele percorrerem as capas duras, os dedos firmes folheando páginas, o corpo arqueado na ânsia de ir ao encontro da narrativa, o nervosismo das pernas em movimentos de cadência perfeita que acompanhavam a emoção da leitura, a forma como segurava os livros com ambas as mãos.

Às escondidas, esfregava-me no sofá, imaginando aquelas mãos no meu corpo.

A subtileza do semicerrar de olhos no momento em que o prazer de chegar à última página se misturava com a dor do fim da história. Imaginava-o a vir-se no segundo em que o livro se fechava para sempre.

Daquela vez, o final da história não lhe correu de feição. Frustrado, desfez-se do livro com violência, atirando-o para cima do sofá. Dei um salto com o prazer que senti, acordada do meu sonho de ser usada daquela maneira.

Quando é que me fodes assim?

Pensava, mas não dizia.

Puxa-me o cabelo, dá-me palmadas no rabo. Prende-me à cama. Usa-me.

Quase ouvia a voz dele: que estupidez. Seria incapaz de te magoar.

E era estúpida que me sentia quanto aos meus desejos mais íntimos, querendo partilhá-los com o meu companheiro, mas ciente de que ele não entenderia. Mais, que reprovaria.

Fui ficando tão envergonhada que deixei de conseguir tocar-me e masturbar-me, na tentativa de compensar a frustração de nunca me vir das poucas vezes que fodíamos.

Eu molhada por ele. Ele seco de mim.

E respirar? Como serias capaz de respirar sem o teres ao teu lado?

Lá estava eu a confundir amor com dependência. Tantas desculpas que inventava. Culpa por não ser suficientemente boa para o Ricardo. Teimosia de querer à força que me visse. A tristeza de aceitar o que me dava e não aquilo de que eu precisava. A obsessão por ocupar um espaço que julgava estar vazio, mas no qual não tinha lugar.

E as perguntas que me atormentavam: o que se passa com a minha cabeça para não ser capaz de me apaixonar por rapazes bem resolvidos? Porque só me entreguei a gajos que não querem mais do que um corpo para foder? Tipos que fogem dos compromissos à velocidade de um risco de cocaína, com os quais me sinto sem vontade própria, sem me permitir ser o que devo e sonhei ser? Por que raio tudo isto me excitava, na mesma medida em que dava cabo de mim?

Qual é o sentido de amar quem não nos ama?

Desapareci da vida do Vasco e ele nunca foi capaz de me perdoar. Encontrámo-nos uma ou outra vez, anos mais tarde, mas senti-lhe a frieza e uma certa cobrança por me ter aproveitado do seu amor. Não era para menos.

Mal sabe o Vasco o quanto, nos anos que se seguiram, desejei amá-lo como ele me tinha amado; o quanto me senti infeliz por não ter sido capaz de admirar o homem que fora para mim.

## Vamos com calma

Pouco depois de começarmos a namorar, ele veio viver para Lisboa. Arrendou um pequeno quarto, numa casa escura que partilhava com outro rapaz. O prédio era velho, a porta de casa abria-se com um empurrão forte, entrava-se diretamente para uma pequena cozinha que não devia ser limpa há anos. O branco das paredes estava coberto por sujidade acumulada, o chão de madeira gasto escondido sob pesados tapetes de pó, a casa de banho exígua e duas portas que davam para os quartos. Não havia sala nem corredor e, ao todo, o apartamento deveria ter uns 30 metros quadrados, se tanto.

A porta de um dos quartos abriu-se e vi sair um rapaz de uns 30 anos, bem como um cheiro nauseabundo a álcool.

– Bem-vindos – saudou, com um sorriso estremunhado.

Entrei no quarto e abri a janela para dissipar o cheiro e a humidade. Do outro lado da rua, na parede de um prédio esquecido, por entre carros e elétricos que passavam, li: «A puta da minha vida.»

Imaginei que pudesse ser o desabafo de um sem-abrigo. Fiquei hipnotizada com a desgraça que acontecia a cinco metros de mim, nas ruas de Lisboa, nas tendas rasgadas e nas ruínas do que outrora tinham sido quartos de meninas bem-comportadas.

Acompanhei a fachada até terminar rente a um prédio acabado de reconstruir, finíssimo, sem *graffiti*, e com um belo parque automóvel à entrada.

Recolhi a cabeça, mas mantive a janela do quarto aberta, apesar do trânsito.

– Porque escolheste esta casa?

– Fica perto da tua.

Arregaçou as mangas e atirou-se às limpezas. Com o balde repleto de detergentes e a esfregona em punho, lavou, limpou, deitou fora o lixo e tratou de meter a vida inteira num quarto minúsculo.

Consegui; conseguia tudo aquilo a que se propunha.

– Basta meter uma coisa na cabeça...

Disse-mo tantas vezes. Admirava-lhe a determinação, era algo que não

existia em mim. Admirava a coragem de ter vindo para Lisboa à procura de trabalho mesmo que isso implicasse deixar o filho para trás. Também questionava a facilidade e a rapidez com que tudo acontecera. Mas obrigava-me a afastar esses pensamentos, castigando-me por plantar dúvidas onde não existiam.

Foda-se, que burra.

\*

A casa que escolheu era um buraco e passava a maior parte do tempo na minha. Mas não tinha lógica pensarmos viver juntos, a relação estava a começar, estávamos a conhecer-nos.

– Podemos ir com calma?

– Mas eu adoro-te.

– Temos todo o tempo do mundo.

– Estás com medo?

A vontade dele empurrou a minha pelo desfiladeiro, atropelou-a. A pressão para nos juntarmos, apaixonados como estávamos, começou a ser demasiada. Quanto mais lhe mostrava o meu amor, forte e determinado, mais ficava feliz e realizado. Aproveitava para sublinhar o facto de ter mudado a vida para estar comigo.

– Mas eu não te pedi nada.

– Não sejas ingrata.

A certa altura, disse que não entendia por que razão vivíamos separados. Calei-me. Deixei-me ir, estava apaixonada.

Vivia do outro lado do bairro, numa casa pequenina com quintal, um rés do chão no topo de uma colina. Adorava a casa. Entrava-se para um corredor muito comprido que, ao fundo, dava para a casa de banho. Do lado direito, um quarto, do lado esquerdo, uma pequena sala e a cozinha, cuja janela abria para um pátio de muros amarelos. A toda a volta, vasos com flores, que alternavam com molduras de janelas de madeira velha, apanhadas na rua. O chão era de cimento e estendia uma manta de lã, para me deitar ao sol, perdendo-me nas histórias das famílias que aquelas paredes tinham abrigado. Eram histórias de amor, perfeitas, imaculadas, como eu desejava que fosse a minha.

Havia risos na cozinha, conversas sem tempo na sala. E a paixão que se entranhava nas frinchas das paredes e nas rachas dos tetos, na humidade e no bolor que crescia indomável.

Uma semana depois de ele se ter mudado para Lisboa, saí de casa para comprar pão e reparei num desenho feito com tinta vermelha, no chão, à porta do prédio. Era uma peça de um *puzzle*. Percebi que tinha sido ele, que tantas vezes me dizia: somos duas peças do mesmo *puzzle*.

Sem imaginar o quebra-cabeças que a minha vida se tornaria, não coube em mim toda a felicidade que senti.



A minha casa era pequena e tive de me encolher para ele caber nela.

Foi enquanto arrumava as prateleiras que descobri um livro que muito me fizera questionar a vida e a minha forma de a viver, quando andava perdida no início da adolescência. Peguei no *Livro do Desassossego* e folheei-o à procura de anotações, curiosa por reviver aquilo que sentira.

Cresci sozinha, refugiada nos livros. Lia compulsivamente. Revejo-me com o dicionário debaixo do braço, procurando os significados das palavras que não conhecia.

Foi assim toda a vida: eu e os meus livros. Quando íamos de férias para a praia, a minha mala acusava o peso dos livros; quando ia de férias para casa da minha avó, a mochila era pequena para tantos livros. E cadernos e canetas, vivia no pânico de que as folhas e a tinta acabassem.

Tantas vezes que os livros me salvaram. Sempre que li um livro fui corajosa. Por isso li tantos quando estive internada, a ver se a coragem não me abandonava. Mas os livros que li nos 49 dias em que estive deitada na cama de um hospital foram os últimos por muito tempo. Durante longos anos, não permiti que outro livro me salvasse porque sempre que abria um, sentia que me atirava para aquele quarto onde esperei, desarmada, pela morte.

«Sou quem não sou. E, não sabendo o que sou, escrevo porque me alivia. Alivia-me o peso de ser uma prateleira carregada de frascos vazios.»

O meu eu de antigamente e o de agora resumidos naquelas linhas.

Agradei-me por ter finalmente encontrado o homem que ia preencher a minha vida, que caíra no meu colo com o objetivo de me ajudar a encontrar-me. Já não precisava de sofrer com os eus que não me permitia ser.

Enchemos a carrinha com as tralhas dele, conduzimos de janelas abertas numa felicidade que se fazia ouvir pelas ruas da cidade. Eu não queria acreditar no que estava a acontecer. Aquele homem, sim, aquele homem estava apaixonado por mim, queria viver comigo! Fazia a capa de uma revista, aquele homem; podia ter qualquer mulher, aquele homem, mas escolheu-me a mim e senti que essa era uma das coisas mais extraordinárias que tinham acontecido na minha vida.

Olhei-me ao espelho e vi-me mais bonita do que no dia anterior.

## O algarve

Os anos da faculdade são os que guardo com mais carinho. Tenho pena de não me lembrar de tudo o que idealizei, de todos os concertos a que fui, de todas as conversas que tive, dos passeios que dei, das loucuras que fiz, de quão feliz fui.

Também me recordo do quanto sofri quando me fechava em casa em conversas masoquistas com o espelho. Penalizava-me por odiar o curso escolhido e por me sentir obrigada a trabalhar depois da decisão imponderada de abandonar a casa dos meus pais. Condenava-me por olhar para mim e não gostar do que via.

Aquela semana no Algarve soube tão bem. Era a primeira vez que ia de férias sem família, sem uma mochila ou tenda às costas, a caminho de um festival. Esperavam-me dias de praia e biquínis ousados, de vestidos decotados e curtos que, à noite, revelavam a minha pele bronzada.

Meti-me no autocarro e desci até Albufeira onde a Bia e a Bárbara me esperavam.

Era também a primeira vez que passava férias no Algarve. Em miúda, os meus tios e as minhas primas faziam-no, mas nunca me convidavam. Pesava-me a tristeza de os ver partir, causava-me inveja o bronzeado da Margarida quando regressava – ficava ainda mais bonita. Era enorme o esforço que fazia para ouvir todas as histórias que contava, fingindo vibrar com cada pormenor. Nessas alturas, contava os buracos da persiana à minha frente, fazia padrões com os tacos e raspava as unhas na parede para me aliviar; sempre era melhor do que cortar a pele para expelir o sofrimento.

Quando o autocarro finalmente parou, vi-as à minha espera e esse momento de pura felicidade fez-me esquecer quão mal me tinha corrido o ano na faculdade, o trabalho que me esperava quando regressasse, a cama que tinha ficado vazia e por fazer. Era este o efeito que as minhas amigas, e a liberdade de ocupar um espaço onde era desconhecida, exerciam em mim.

Desfizemos as malas, misturámos as roupas em cima de uma cama e escolhemos as melhores combinações: a Bia optou por um dos seus vestidos floridos, a Bárbara pelas habituais calças de ganga e *top* a revelar o umbigo, eu escolhi uma minissaia e um *soutien* vermelho por baixo de uma blusa transparente. Se a astrologia vos disser algo, éramos dois escorpiões e um leão.

Na mala, tínhamos cigarros e garrafas de plástico com *vodka* a fingir que eram de água. Tínhamos uma casa só para nós e eu todo o tempo para mim.

A vida ficara para trás, longe, e estava decidida a aproveitar cada minuto até ser obrigada a encará-la de novo.

Nessa semana não precisámos de apaziguar dor alguma causada por um rapaz. Concentrámo-nos em nós, seduzimos, sem nos deixarmos seduzir. As nossas energias aliaram-se e, muitos anos mais tarde, fomos encontrar num dos bares da cidade, onde tínhamos passado essas memoráveis férias, uma fotografia das três em destaque, num mural logo à entrada.

Os meus pés na areia, a água tépida no corpo, a música a chegar às nossas toalhas alinhadas na areia e a festa na praia a que fomos nessa noite, a última das férias.

Jantámos e executámos o plano que havíamos delineado no dia em que cheguei, o dia em que traçámos a loucura que a última noite de férias haveria de cumprir.

Cortámos as pastilhas em metades e cada uma enfiou um pedaço na boca.

Irrompemos pela pista, dançámos, cantámos, curtimos as dezenas de batidas por minuto. Sentimos o estômago na boca, aproveitámos os movimentos de cada uma, estendemo-los aos rapazes que nos rodeavam, fechámos o círculo de cada vez que tentaram impor-se. Abraçámo-nos e prometemos com cuspido selado nas mãos que nunca nos abandonaríamos.

As lágrimas emocionadas, a merda da pastilha a comover-nos, a permitir que nos contássemos umas às outras. Ali, naquela discoteca com vista para o mar, numa praia algarvia barulhenta, tivemos a certeza de que a nossa amizade seria para sempre. Um amor verdadeiro, em que se aceita o outro pelo que é, com os lados bons e, principalmente, com os lados que se escondem por vergonha. Entre nós não havia segredos ou julgamentos, e isso permitia que nos cuidássemos como ninguém poderia cuidar.

No fundo, descobrimos, ajudadas pelas pastilhas, cujo efeito nos fazia ranger os dentes, que o amor verdadeiro é o da amizade. Algo que muitos casais, por uma ou outra razão, esquecem com demasiada facilidade.

Um amigo não me julga nem me faz sentir mal por ser quem sou; não se esquece de mim quando me perco no meu silêncio e vem à minha procura sempre que me vê desaparecer nas teias da minha tragédia.

– Uau, descobrimos a pólvora! – riu-se a Bárbara.

A viagem de regresso a Lisboa foi silenciosa, trazíamos na bagagem as memórias da semana incrível que havíamos vivido.

Mal tirei a mala do porão do autocarro, apoderou-se de mim a angústia do que me esperava.

Estava de regresso a um verão sem namorado, ao trabalho no café e às contas que se amontoavam na caixa de correio sem que tivesse dinheiro para as saldar.

Podia ser a ressaca da pastilha do dia anterior, mas mal abri a porta de casa, o vazio e a raiva que lá tinha deixado atiraram-se a mim. Deixei-me invadir por eles.

A impiedade da minha solidão instalara-se na minha cama e esperava-me tão amarfanhada como eu. A minha vida era aquela. As férias com as amigas que me aceitavam como era tinham acabado. A pedrada também.

## A minha casa

Que apaixonados estávamos. Que bom foi sentir-me a alimentar um amor que tinha tudo para ser aquele que idealizara. Tantas vezes me contemplei ao espelho e sorri. E sonhei.

Fomos ver os Metronomy, viajámos para o Alentejo, passeámos de bicicleta, trocámos bilhetes apaixonados. Experimentámos hotéis, pensões e parques de campismo, fizemos amor na cama, no carro, em casa dos pais dele, no chão da cozinha, contra paredes e muros, ao vivo e por telefone. Perdemonos em jardins e em passeios pela Arrábida, rodopiámos como crianças ao som das nossas juras de amor.

Contei-lhe os meus sonhos, deitados, nus, numa praia secreta. Tomei como testemunha um pinheiro pontiagudo, encostado à berma de uma pequena estrada que corria, colina abaixo, repleta de ervas sacudidas pelo vento. Atrás, as montanhas imponentes carregadas de neve nos picos, sob um céu azul que albergava nuvens muito brancas, dei comigo sentada numa toalha de piquenique feita à mão, com ele a mostrar-me o tanto que tinha pensado em mim e na minha felicidade. O difícil que fora disfarçar tudo o que preparara: as viagens de avião, os hotéis, os banhos quentes com vista para o vale. O cheiro das flores a entrar-me pelo nariz quando ele me afastava os joelhos, cobria o meu corpo com o seu e me encostava ao solo, enquanto se fundia comigo e murmurava:

– Quero casar contigo.

E eu a gritar de prazer para as nuvens que corriam no céu, de tão feliz que era nos meus sonhos.

No dia em que fui operada, depois de semanas presa à cama, e antes de me cortarem a barriga em dois, o médico anestesista pediu-me:

– Vá para um sítio onde se sinta segura.

No momento em que a anestesia me entrou no corpo, fechei os olhos e foi para aquele lugar que me deixei conduzir.

Fomos viver juntos, fizemos sopas deliciosas, dobrámos lençóis e demos beijos, cantámos ao pequeno-almoço, ele conheceu os meus pais, ficou amigo dos meus amigos, entrou na minha vida.

Eu, liberta da condição de culpada, ao lado de um homem que me aceitava e compreendia, experimentava uma sensação de absoluta felicidade; ele tinha arrumado aquilo que aparentava ser o meu caos e a razão principal da minha infelicidade.

Sentia-o cada vez mais preso à personagem que criara para me conquistar. Não percebi que a bomba estava prestes a rebentar-me nas mãos.

E tu cega como foste a vida inteira.

Começou por pequenas cenas de ciúme, episódios que eu interpretava de forma positiva. Ria-me, agradecia-lhe por gostar tanto de mim e fodíamos.

\*

Um dia, antes de sair para o trabalho, deixei-lhe um beijo marcado a batom vermelho na sua caneca preferida. Ligou-me descontrolado e acusou-me de já não esconder a porca que era, uma oferecida.

– Essa sujidade corre-te nas veias. Não consegues livrar-te dela por muito que te laves; nem do cheiro nojento que vem da merda que fizeste e que és, dos gajos que te comeram. Pensas que não te conheço? As doenças que tiveste deviam ter-te levado desta para melhor. Não mereces estar viva, és uma puta.

Saiu-lhe tudo num vômito. Estava atónita.

À noite, quando cheguei a casa, pediu-me desculpa, assumiu o exagero, disse que era um idiota, serviu-me o jantar quente acabado de fazer:

– É só porque te amo tanto.

E eu escolhi acreditar que tudo aquilo era resultado do imenso amor que me tinha. Afinal, era a minha felicidade, a visão tangível da vida com que sempre sonhara.

## A cabra da Mónica

A Mónica namorava com o Manuel, que conhecera no bar que frequentava com a Bia e a Bárbara. A sua cara era-me familiar desde o liceu, embora não frequentássemos a mesma escola. Na faculdade ficámos mais próximas, sem sermos amigas. Partilhávamos a conveniência de frequentar o mesmo curso, podíamos ajudar-nos com fotocópias e apontamentos das aulas em falta.

Certo dia, a Mónica encontrou-me a jogar às cartas com o Ricardo no bar da faculdade e convidou-nos para estudarmos em casa dela. Os exames finais estavam à porta e ofereceu-nos a sua casa, onde estaríamos à vontade. Francamente, tinha pouca vontade de aceitar o convite, mas o Ricardo anuiu e fui atrás.

Foi numa manhã quente, eu e o Ricardo descemos do autocarro e percorremos a pé o resto do caminho. Abrimos o portão sem saber exatamente qual seria o andar e tocámos à sorte. A porta abriu-se e o Ricardo entrou à minha frente.

Estava de olhos no chão quando a porta se abriu, o Ricardo à minha frente, quando vi os pés da Mónica descalços sobre o chão de madeira e as pernas desnudas. Usava uma camisa de dormir de cetim branco colada ao corpo magro, sem vestígios de rabo, mas com umas mamas sugestivas. Não usava *soutien* e os mamilos trespassavam o tecido. Trazia um casaco a pender-lhe dos ombros.

O tempo parou quando os olhos da Mónica se fixaram nos do Ricardo. Beijaram-se, cordialmente. Ela recomendou que entrássemos, dando-me um beijo fugidio e indicou a sala de estudo, na segunda porta à direita.

Sentei-me num dos lados da mesa de jantar, a Mónica e o Ricardo instalaram-se no outro, à minha frente. Debatendo assuntos que me passavam ao lado, rindo com piadas que me soavam privadas, folheando livros. Sentia-me afundar na cadeira.

– Podes ir tirar fotocópias?

– Quem, eu?

Era a mim que ela se dirigia.

Apesar de me sentir profundamente desconfortável, levantei-me para fazer o que me mandavam. Pelo caminho, imaginei-os enrolados em cima da mesa de madeira antiga, a rirem-se de mim e a usarem a minha ingenuidade como afrodisíaco. Fiz todos os filmes possíveis, repletos de cenas de sexo explícito e uma figura triste: a minha.

Não devia ter voltado, mas voltei.

Encontrei-os numa peça de teatro. O Ricardo fingindo-se concentrado no estudo, a Mónica, com o casaco apertado até ao pescoço, muito compenetrada nos apontamentos.

Senti-os comprometidos e recordei como ouvira dizer que a Mónica não tinha pejo em trair os namorados, sendo-lhe indiferente que os rapazes que seduzia tivessem ou não namorada.

– Uma puta – acusavam.

Fui invadida por uma vaga de ciúme e humilhação. Imaginei o polegar da Mónica sem rabo e sem cintura a passear pelo lábio inferior do Ricardo, num gesto de sedução.

Levantei-me e aproximei-me daquela cabra, apertei-lhe o pescoço e atirei-a ao chão.

– Ou deixas o Ricardo em paz ou fodo-te essa cara bonita.

Cortei-lhe o pescoço como se faz às galinhas, deixando-a correr pela casa já sem cabeça.

Pensei, mas não fiz.

\*

O tempo passou como se estivesse a descer uma colina íngreme agarrada à carapaça de um caracol, sempre na iminência de cair pela ribanceira. Conduzida por um bicho sem fibra, sem músculo e sem espinha: eu.

O Ricardo e a Mónica. Não era preciso ser muito esperta para perceber o que se passava entre os dois.

E agora vais fazer o quê? Implorar-lhe que não me abandone. Dizer-lhe que o amo, que faço o que for preciso para ele ficar comigo.

Tive a certeza de que não gostava tanto de mim quanto eu dele, que jamais se transformaria no homem com que eu fantasiava. Senti-me triste, desesperada e infeliz, uma vítima.

\*

Agora que já passou muito tempo, e que recordo essa história quase como se não fosse minha, pergunto-me como não percebi mais cedo que o Ricardo me ignorava e anulava. Mas a história com ele estava longe do fim.

Quanto à Mónica, chorei muito por causa dela, chamei-lhe todos os



nomes, desejei que desaparecesse, que morresse até. Culpei-a de tudo, de todas as minhas frustrações e da invisibilidade a que o Ricardo me tinha votado; culpei-a por ter umas mamas belíssimas e eu não, por se sentir bonita e sensual e eu não, por ter pais que a deixavam sair à noite, com o Ricardo e os amigos, e eu não. Nunca mais lhe falei, era superior às minhas forças. Deixei-me ficar ao lado do Ricardo que me jurou, sem nunca ser capaz de olhar nos meus olhos, que entre ele e a Mónica não se passava nada. Que raiva por ter sido tão ingénua.

Muitos anos depois, reencontrei o Gustavo, ex-colega de trabalho e de escola, e percebi que namorava com a Mónica. Num estalar de dedos, teria levado o Gustavo para a cama e teria lixado a Mónica com uma pinta do caracas. Por alguma razão, não fui capaz de o fazer.

Sobre o miserável episódio em casa dela, nunca consegui falar. Fui incapaz de perguntar o que tinham feito durante aquela hora em que fui tirar fotocópias. Era maior a angústia e a vergonha de saber a verdade e perder o Ricardo do que fazer-me de estúpida. A ignorância era como uma cama fofa de segurança.

Semanas depois, apanhei-os a lamberem-se atrás de uma árvore no jardim da cidade. Morri de desgosto.

Mas vale a pena andarmos um pouco para trás para perceberem como começou a minha paixão pelo Ricardo.

\*

O liceu assemelhava-se a uma prisão. Era frio, com paredes grossas e janelas altas, minúsculos jardins deixados ao abandono e pátios interiores cheios de lixo, onde ninguém entrava. As secretárias vinham do tempo do meu pai, bem como alguns professores. As salas, desconfortáveis, tinham janelas com cortinas rasgadas. No recreio, abundavam beatas pelo chão e certas zonas só estavam acessíveis a grupos «duvidosos».

A degradação da escola assentava-me como uma luva e adorava-a. Representava a minha libertação do colégio, a minha emancipação, prova suprema de que era capaz de existir sem a rigidez das freiras, o medo constante do pecado e, sobretudo, sem aquela bata preta medonha a esconder a pessoa que eu era.

\*

- Não agradece a comida que tem no prato?
- A quem?
- A Deus.
- Não acredito em Deus.

Pobre Deus, servia para tudo. Imaginei-o a regressar da mercearia, com a cesta carregada de queijo e pacotinhos de leite para o lanche. Deus a apanhar o autocarro, a tentar picar o bilhete e a dizer mal da sua vida porque a viagem ia sair-lhe cara. O Deus que depois entraria no colégio sem tocar à campainha, porque tinha chave, e que desceria para a copa onde descascaria cebolas e batatas para a sopa, com as mangas arregaçadas. Imaginei Deus a pôr o peixe a cozer, sem sal, que o sal faz mal à saúde e já não ia para novo. O mesmíssimo Deus que ainda descascava marmelos, um processo nada fácil, para a marmelada que o senhor padre tanto gostava de misturar no pão com queijo, que empurrava com um belo café acabado de fazer. Por Deus, claro!

– Nunca o vi e ele nunca me perguntou se tenho fome.

– A menina tem muito que aprender – ralhava-me a freira, que tinha uma aliança no dedo, símbolo do seu casamento com o Deus. E sendo mulher dele, era natural que o defendesse.

\*

Passei o primeiro ano do liceu na biblioteca. Li a coleção inteira do Astérix, devorei todos os livros do Lucky Luke e do Tintin «Daprézerger», como repeti tantas vezes na infância, sem perceber o que dizia.

Estava sempre sozinha, mas o facto de me ter livrado de uma educação católica asfixiante dava-me força para enfrentar um lugar onde não conhecia ninguém, onde ninguém me conhecia e onde todos tinham mais pinta do que eu.

Era tão baixa que não chegava às janelas. Metade da minha turma era composta por repetentes.

Usava a mesma mochila que levava para o colégio de freiras, quando toda a gente andava com cadernos de capa preta debaixo do braço.

– Olha lá! – interpelou-me uma rapariga que se sentava atrás de mim.

Era a Fátima, cabelo encaracolado e louro, cheio de espuma, unhas grandes pintadas. Parecia ter mais uns cinco anos do que eu, mas podia ser impressão minha. Tinha ar de mulher, eu parecia uma criança.

– Quantos namorados tiveste?

– Precisas que te ensine alguma coisa?

Não entendo onde raio fui buscar aquela resposta à qual se seguiram minutos embaraçosos. Fátima chamou a amiga Rute com um simples «psst» e a rebentar de gozo anunciou:

– Esta ainda é virgem.

Riram-se. E eu virei-me para a frente, humilhada. Percebi que sabia muito pouco sobre rapazes.

\*

O que significa orgasmo?

Todos os adultos se riram.

Virei-me de costas, de frente para o mar, sentindo-me culpada pela minha ignorância, o riso dos outros a martelar-me na cabeça. O sentimento de humilhação era uma constante no meu dia a dia.

Precisas de alguém que te entenda? Precisas de ajuda para desaparecer?

Ansiava por alguém que intuísse as lágrimas que me caíam e, com um leve braço sobre os meus ombros, revelasse o interesse que não conseguia sentir por mim.

Engoliste as lágrimas e a dignidade. Nada que eu não estivesse já habituada a fazer.

\*

Foi nesse liceu que vi o Ricardo pela primeira vez. Juntou-se a nós no décimo segundo ano. Era novo na cidade, e dei de caras com ele encostado a um muro grafitado que amparava o telheiro ao lado do ginásio. Usava gel no cabelo, muito bem penteado, e exibia tudo o que me faltava: liberdade. Liberdade de ser, de experimentar, de errar, de repetir e errar outra vez.

Ricardo era um artista. Escrevia, desenhava, entendia de cinema como ninguém, ouvia Sisters of Mercy e Joy Division, e tinha uma *T-shirt* dos Stone Roses e outra dos Beatles. E fumava. Fazia-o com uma graciosidade que me desarmava, enquanto o observava de longe, de muito longe, o longe que sempre estaria de mim. Nunca imaginei que, anos mais tarde, seríamos namorados por um acaso da minha coragem.

\*

Essa coragem ganhei-a já na faculdade, no dia em que fugi de casa para que a minha mãe não visse a roupa que decidira vestir: uma blusa creme, transparente, roubada ao armário com cheiro a naftalina da minha avó, com botões pérola em forma de malmequer. Era a minha blusa preferida e a mais odiada pela minha mãe, por estar «velha e esburacada.» Foi esse trapo, como ela lhe chamava, que me deu ousadia para abordar o Ricardo:

– Queres vir à matiné?

Ele aceitou.

À porta da discoteca, disse-me para entrar que já se encontrava comigo.

Obedeci e fiquei sozinha à espera dele, ou melhor, à espera de resolver a paixão que me inspirara mal o vira.

Com o coração aos pulos, fui buscar uma bebida e esperei sentada num banco alto, de frente para um espelho. Ali estava o reflexo de quem eu era, sem tirar nem pôr: uma pobre criatura solitária.

Toda a gente vê, menos tu.

## A revelação do monstro

O despertador ainda não tinha tocado, mas já estava acordada. Aninhada no meu lado da cama, pensava na conversa da noite anterior.

\*

Sempre falámos sobre o passado, as histórias que nos tinham conduzido até ali, ao ponto em que nos cruzámos e nos apaixonámos. Havia um entendimento mútuo que era reconfortante.

Lembro-me dele muito sofrido, as mãos nervosas sobre o cabelo curto e ondulado, a camisa florida aberta e por fora das calças, sentado à minha frente numa esplanada depois de termos feito amor. Foi assim no nosso primeiro encontro. Ele partilhou os problemas com a ex-namorada, o medo de voltar a apaixonar-se, o quanto sofrera com essa relação e como ela lhe roubara o bem-estar.

\*

– Estás a dormir?

Percebi pela voz carregada que continuava zangado.

Sabia que o meu passado o incomodava, talvez por me ouvir falar dele com culpa.

– E bem podes sentir-te culpada.

Já o passado dele não me incomodava, muito menos intimidava. Éramos adultos, tínhamos vivido tempo suficiente para fazer o certo e o errado. Entendia isso – ele não.

Ficou irado quando lhe contei da noite em que fui para casa com um rapaz que acabara de conhecer. A história não lhe caiu bem e reconheci-lhe um olhar que já conhecia, mas que nunca me fora dirigido.

A conversa ficou por ali. Deitámo-nos, ele de costas para mim e de

auscultadores nos ouvidos.

– Mais valia não me teres contado.

Ainda lhe perguntei se queria falar do que sentia.

– Farto de falar contigo estou eu.

Nessa manhã, não me deu tempo de responder.

– Costumavas fazer isso com outros rapazes ou foi só com aquele?

Não entendia a relevância da pergunta. Já tinha percebido que era ciumento e isso até me agradava, significava que gostava de mim, que não me queria perder, que me achava bonita.

Contava-lhe as minhas histórias na mesma medida em que me contava as dele, trocávamos memórias e segredávamos tolices que nos tinham acontecido e complicações em que nos havíamos metido.

Naquele dia, foi diferente. Acusou-me de promiscuidade, sem perceber que, a julgar pela sua narrativa do passado, também ele era promíscuo. Gostava de se gabar das miúdas que engatava com um estalar de dedos, raparigas que aproveitava durante a noite para deitar fora no dia seguinte.

– Não queiras comparar!

Aquilo que o incomodava era a minha vida antes dele. Preferia, com certeza, que tivesse saído diretamente de um convento para a cama dele. Deve ser um fetiche dos homens, o das mulheres puras que são os primeiros a conspurcar.

Não havia como andar para trás e desfazer o que estava feito, nem queria, mas nessa altura ainda não sabia.

Tinha encontrado o meu homem, o meu companheiro, o meu namorado, o meu confidente, o meu amor. Podia libertar-me das culpas que me atormentavam, chutá-las para longe.

Que descanso.

Que ilusão.

\*

– Quantos gajos enfiaste na cama? Ou não os consegues contar de tantos que foram?

Sentei-me, de costas para ele, sem conseguir responder, confusa.

Lembrei-me de que a casa era a minha e de que era eu quem pagava as contas, de que ele tinha ficado desempregado há três meses e pouco ou nenhum trabalho procurava. A soberba com que anunciava que jamais teria um emprego menor, como eu tivera, anos antes, numa loja de roupa. Uma vergonha!

O dinheiro não era suficiente – éramos dois e dois custam mais do que um – mas quando lho recordei, respondeu:

– Não somos dois, somos um só.

Recordou-me que o que tínhamos era para sempre e pediu-me que lhe

disseste o quanto o amava:

– Amo-te.

Que promettesse que nunca mais deixaria que outro homem me tocasse.

– Nunca mais deixo que outro homem me toque.

Sugeri que fizesse um empréstimo para lhe comprar um computador portátil, dava muito jeito para os trabalhos que ia fazendo, dava-lhe autonomia e a possibilidade de sair e trabalhar num café.

Fui apanhada desprevenida. Como podia comprar um computador se mal tinha dinheiro para a renda e para o supermercado? Que comprasse a prestações, foi a resposta.

Reforçou quão egoísta eu era, acusou-me de não querer ajudá-lo, de não fazer um esforço por ambos:

– Somos uma família, é isso que as famílias fazem.

Levantei-me, aproximei-me do armário e abri uma gaveta em busca de algo para vestir. Escolhi um *soutien* vermelho e umas cuecas pretas de renda, uma camisa de xadrez laranja e vermelho e umas *jeans* justas de cintura subida.

Peguei na bolsa da maquilhagem e senti-o aproximar-se. Indagou se estava a preparar-me para ir trabalhar ou para um jantar de gala. Não entendia por que razão eram a roupa e a maquilhagem tão importantes. Quando estava em casa nunca me arranjava, mas não dispensava o batom vermelho para sair, nem o decote. Imaginava os homens à minha volta, com risinhos gulosos, durante os almoços de trabalho.

– Não estou lá, mas imagino.

Disse que não gostava do seu tom.

– Estás com ciúmes?

– De ti?

– Sim.

– Deves ser parva.

Olhei para os lençóis amarrotados da nossa cama e senti-me enxovalhada, sem coragem para me arranjar. Estar bonita perdera o sentido.

\*

Estava nu à minha frente e queria que o chupasse. Respondi que estava com pressa.

– Tira as cuecas, senta-te em cima da cómoda e abre as pernas.

Sabia que estava a ser usada, mas obedeci.

Entrou dentro de mim com uma estocada, ouvindo-me gritar de dor e de prazer. Mandou-me calar e admirar o melhor sexo que alguma vez vira.

– Que puta que és.

Abriu a gaveta da cómoda e retirou um vibrador que me obrigou a lambar. Pressionou-o contra o meu clítoris enquanto continuava a pinar-me.

Sabia fazê-lo muito bem.

Apoiou as minhas pernas nos seus ombros, e continuou, cheio de raiva, até que nos viemos os dois.

\*

Abandonei o quarto sem dizer palavra e fui tomar um duche rápido. Ele perguntou se podia entrar na casa de banho, vinha com uma expressão diferente, diria até que parecia sereno. Encostado à ombreira da porta, disse-me que tinha entendido mal as palavras dele.

– Gosto que te arranjes, mas para mim, não para os outros.

Fiquei presa ao meu reflexo no espelho, tentando esconder com pincéis e base o que estava errado em mim.

Ele continuou, lembrando a minha sorte em tê-lo ao lado, ninguém teria a paciência que ele tinha, ninguém me amaria assim com os vários defeitos que eu tinha:

– Já percebeste que não tens corpo de supermodelo, mas é aqui que eu estou, não é?

Devia agradecer o facto de o ter na minha vida. Ainda que tivesse de me manter debaixo de olho, não fosse apanhar-me com um gajo qualquer e aí a coisa ia ser feia.

– Muito feia, entendes?

Os meus olhos arderam com as lágrimas que não deixei cair. Tapei as olheiras com a base, passei rímel nas pestanas e troquei o batom vermelho por um de cieiro. Não queria mais confusões.

O dia ainda mal tinha começado e a minha vontade era que já fosse noite escura para poder deitar-me na cama e ficar muito quieta no escuro dos meus pensamentos até o sono me levar.

Antes de me ver sair, ele afagou-me o rosto e sorriu:

– Vá, tenta lá pôr-te bonita. Eu deixo. E pensa na conversa do computador.



## O aborto

Era namorada do Ricardo há pouco mais de um ano quando descobri que estava grávida. Éramos muito novos e a nossa vida financeira era de tal forma complicada que a decisão mais responsável seria interromper a gravidez. Sendo ilegal, não tivemos outra hipótese senão encontrar a solução que nenhum médico nos forneceria.

Uma amiga falou-nos de uma enfermeira que fazia abortos clandestinos, perguntámos se era de confiança e recebemos a resposta óbvia: fazer um aborto naquelas condições acarretava sempre riscos.

A casa da parteira ficava a 30 quilómetros, numa pequena vila a caminho da serra. O Ricardo parou o carro ao lado do portão. Seguimos por um carreiro de cimento, com hortas de ambos os lados. Se não me falha a memória, havia uma oliveira do lado esquerdo e uma figueira demasiado próxima da fachada, do lado direito, onde construíram uma escada larga e desproporcional que nos conduzia ao segundo andar.

A parteira abriu-nos a porta e mandou-nos entrar e sentar. Regressou meia hora depois, pediu desculpa, vinha com um cigarro apagado nos lábios. Saiu, acendeu o cigarro e deu uma passa sem travar. O fumo saiu-lhe pelo nariz.

Vi-a a descer as escadas, de calças de ganga e camisola de malha e reparei que o colarinho da camisola que usava por baixo estava coçado. Usava óculos e tinha o cabelo escuro e ondulado.

Não abri a boca desde que cheguei até ser conduzida a uma porta muito pequena, num anexo da casa.

– É aqui? – perguntei.

– É.

Era uma porta de metal, com uma janela de vidros foscos e com cinco grades. Estava trancada. A parteira rodou a chave e segurou na maçaneta com vigor, puxando a porta para si:

– É preciso ter força para isto.

– Tenho medo.

O sítio era escuro, o teto misturava-se com as paredes dando ao espaço um aspeto de gruta, abobadada. Havia um sofá à direita e ao lado deste uma mesinha onde alguém pousara meia dúzia de revistas, provavelmente para distrair os acompanhantes enquanto esperavam.

Mandou-me despir, já vinha ter comigo.

Encostei a mão trémula à porta e empurrei-a. Lá dentro, iluminada por uma luz branca forte havia uma cama metálica de bloco operatório, com ferros onde daí a nada apoiaria as pernas, deitada de barriga para cima, sem defesa. Vislumbrei bisturis, tesouras e taças. O frio arrepiou-me os ossos. Que pesadelo.

A parteira tentou acalmar-me com a promessa de que tudo iria correr tudo bem. Quando lhe perguntei pela anestesia respondeu-me que não estávamos no hospital.

– Vou dar-te um calmante forte e vais adormecer.

Não adormeci.

Tirei as meias e senti o chão gelado debaixo dos pés; despi as calças e notei como a barriga crescera. Já sem cuecas, vesti a bata e esperei que me autorizasse a deitar.

Senti-me culpada por ali estar, cheia de vontade de ir embora e sem poder fazê-lo. Não podia ter aquele filho. Por outro lado, se o tivesse, talvez o Ricardo me prestasse mais atenção e a nossa relação melhorasse. Um filho poderia garantir o que eu não conseguia sozinha.

– Podes deitar-te.

Obedeci enquanto recordava o que o médico da minha mãe lhe dissera no dia em que nasci, durante o parto.

– Também gritou quando o fez?

A parteira deu-me dois comprimidos e mandou-me relaxar. Senti a espátula tocar-me e fazer pressão para entrar dentro de mim. Disse-lhe que ainda não estava preparada e ela esperou enquanto organizava as compressas numa mesa ao lado.

Fez pressão mais uma vez e mordi os lábios com a dor daquela invasão gelada. Era como se me tivessem enfiado o cano de uma espingarda e puxassem o gatilho.

A mulher mandou-me descontrair enquanto me raspava e esfregou a testa com um ar cansado enquanto eu gritava. Na minha viagem pela dor, berrei pela minha mãe.

Cortou-me uma vez e outra, e empapou as compressas de sangue, que atirou para uma taça que se tingiu. Eu sem forças e ela também.

– Não tenho força para puxar isto de dentro de ti.

Avisou o Ricardo de que sentia que ainda lá estava algo que não conseguira retirar e que talvez fosse melhor esperar dois ou três dias e ir ao hospital. Podíamos alegar que me sentira mal de repente e não sabíamos o que

se passava.

O Ricardo pagou, meteu-me no carro, inanimada, e levou-me dali.

\*

Lembro-me pouco da viagem, ia deitada e conseguia ver o topo dos pinheiros que ladeavam a estrada e o céu escuro por cima. O Ricardo não proferiu uma palavra. Lembro-me das dores e do facto de estranhar a incapacidade de lhes reagir. De dizer baixinho: mãe. De sentir o suspiro: mãe. De querer voltar a ser pequena, aninhada naquele colo que era um mundo seguro: mãe.

Quando abri os olhos, estava na minha cama. Levantei-me, cheia de dores, e vi os lençóis cobertos de sangue. Arrastei-me para a casa de banho, sentei-me na sanita e forcei as minhas entranhas a expelirem o corpo estranho.

Encostei-me à parede de azulejos com flores pintadas à mão, a testa encharcada em suor, os braços gelados, as pernas sem força. Gritei pelo Ricardo, mas estava sozinha. A minha barriga rasgava-se por dentro.

Agora sim, gritava: mãe. Não sussurrava, não suspirava, gritava: mãe.

Uma dor aguda fez-me cambalear, achei que ia morrer. Senti uma massa quente a escorrer-me pelas pernas, era uma massa de sangue vivo, com cinco centímetros, talvez. As dores acalmaram e não recordo mais nada.

Quando acordei, estava dentro de uma ambulância a caminho do hospital. Pedi que conduzissem devagar, não queria morrer. Fui operada, tinha um tumor no ovário direito.

\*

Depois disto, o Ricardo ficou ainda mais distante. Três anos depois, acabou comigo. Foi no dia em que descobri que me traía com a Mónica.

– Mas que grande cretino.

Foi só o que a Bia conseguiu dizer quando, nessa noite, lhe contei, lavada em lágrimas. Abraçou-me como só a Bia conseguia abraçar-me, com aquela força que não vem dos músculos, mas da alma. Tentou preparar-me:

– Vais sentir a falta dele, mas estás melhor sozinha. Manda-o à merda, finge que ele não existe. Grita, berra, manda tudo cá para fora. Não fiques com essa mágoa dentro de ti, ela acabará por consumir-te.

E consumiu.

Anos perdidos numa relação desequilibrada, um aborto que me ia matando, uma tabuleta gigante ao pescoço com a palavra «invisível» escrito em letras maiúsculas, a **bold**, tamanho 50.

O tanto que lutei por ele, a energia que gastei, o peso de todo o amor que não quis fazer comigo, os passeios que recusou dar, os aniversários que não

lhe apeteceu comemorar. As vezes que tomou banho antes de se deitar quando chegava a casa de madrugada.

Tudo isso ficou tatuado na minha pele durante anos, sem que o conseguisse remover.

No dia em que o vi agarrado à Mónica fiquei presa ao chão: ela tinha tudo o que desejei durante anos e nunca tive.

A beleza resultante daquela imagem de duas pessoas apaixonadas e felizes arruinou-me a vida.

Deixei-me ficar, à distância, masoquista, a ver a vida fugir-me das mãos, os meus olhos fixos no par, envoltos naquela cumplicidade que me enojou.

Imaginei que me deitava no colo da minha mãe e ali ficava até que a dor de o ter perdido desaparecesse para sempre.

## Freud entra em cena

Abri os olhos e percebi que o dia não ia correr bem. Senti-me triste, sem vontade de me levantar e sair de casa. Em dias como aquele limitava-me a sobreviver. Eram sucessões de horas que passavam por mim sem eu passar por elas.

Vergada pela angústia e pela ansiedade, lutava com a minha cabeça para a pôr a funcionar. Mais um dia de trabalho terrível.

\*

Quando percebi que não me conseguia resolver sozinha decidi fazer terapia. A psicóloga era freudiana, foi o que me disse mal me sentei no sofá. Puxei pela memória para recordar o que aprendera sobre Freud no liceu. Era o tipo dos sonhos, do desejo sexual, da mãe.

Fiz terapia com ela durante aproximadamente dois anos. No primeiro dia, arrasada, percebi que teria de assumir perante uma desconhecida não ser capaz de me valer a mim própria.

Na adolescência, nunca fui ao psicólogo. Escrever o que sentia e vestir-me de preto eram as minhas armas. Pintava os olhos de negro, vestia o casaco de cabedal da minha mãe quando tinha 20 anos, punha uma gargantilha ao pescoço e calçava botas da tropa.

– Vais para a guerra? – perguntava o meu pai, que esteve no Ultramar.

Não ia para aquele tipo de guerra, mas para outra. A guerra de ser aceite, de exprimir o que sentia, de querer que me respeitassem e me olhassem de igual para igual. A guerra de vencer a indiferença a que era votada. Desejava que a minha diferença e originalidade fossem louvadas e admiradas – não gozadas ou desprezadas. Vivia em luto pelo mundo.

E foi porque viver dentro de mim se tornou insuportável que tive de procurar ajuda num sofá que não me era, de todo, familiar.

\*

Olhei para o relógio, estava na hora de parar a cítara de Ravi Shankar e ir para casa, o que só me angustiava. O meu refúgio estava em guerra, devastado por uma tempestade sombria e imparável.

Fiquei nervosa com a ideia de ter de justificar o atraso – nenhuma explicação seria suficiente.

Recordei o sorriso dele quando nos conhecemos, os dentes, brancos, perfeitos, o olhar reconfortante, os braços num abraço seguro que me fez sair de dentro de mim e confiar. Angustiou-me ter sido capaz de confiar no inconfiável.

Tinha cinco chamadas não atendidas e várias mensagens por ler. Vesti o casaco, abri a porta da redação, entrei no carro e fui à minha vida, na certeza do brutal acidente que me aguardava. Um desastre provocado por um camião de oito rodas, conduzido por um homem que estava sentado na poltrona da minha sala, à espera de que eu chegasse para me atropelar.

## A lição

A Ana era a rapariga mais bonita do liceu e estudava comigo no Instituto de Inglês. Era um pouco mais velha, tinha uma pele muito branca, salpicada de sardas e um nariz perfeito, usava franja e roupa original. Parecia saída de um filme francês. Já tinha dado por mim a observar-lhe os trejeitos, a beleza do sorriso e aquela atitude quase magnânima de quem sabe quão bonita é. Admirava-lhe o estilo, tentava encontrar nas minhas gavetas roupas parecidas com as dela, sem sucesso.

Tudo nela condizia, tudo nela era perfeito. Invejava-a.

À porta da sala, perguntou-me se tinha visto o Gui, meu colega de turma e seu namorado.

Entrámos e sentámo-nos à espera que a aula comesse. O Sérgio chegou e atrás dele outros colegas, seguidos pelo professor. Preparámo-nos para um exercício de leitura. O Sérgio, com pouco jeito para o inglês e um problema grave com o som «th», que lia como «s», começou a ler. Mas em vez de «think» leu «sink» e isso foi suficiente para se afundar.

A Ana tocou-me no braço esquerdo com cumplicidade e riu-se. Piscou-me o olho e deixei-me levar por ela. Ri-me do Sérgio, iludida com a atenção da Ana. As nossas risadas não o largaram até ao fim da aula.

\*

Desci, para apanhar o autocarro. Era de noite, havia pouca gente na rua e seguia sozinha pelo passeio.

Em frente à papelaria, já fechada, senti que me puxavam a mochila. Virei-me e levei um murro na cara com toda a força. Não consegui defender-me.

Enquanto lambia o sangue do lábio, o Sérgio enfiou os punhos fechados na minha barriga. Tinha os olhos semicerrados, a boca crispada, de lábios muito finos. Em seguida, deu-me um pontapé certo no estômago. Ninguém apareceu para o ajudar a controlar a raiva que sentia.

– Para a próxima é pior.

Apanhei o autocarro, com a boca a saber a sangue, a barriga a latejar e lágrimas incessantes a escorrerem-me pelo rosto. Tinha dificuldade em respirar, estava assustada e carregava a custo a mochila sem uma alça, arrancada pelo Sérgio.

Felizmente, os meus pais não estavam quando cheguei. Deitei-me sem jantar, de olhos inchados, cabeça a latejar, a barriga dorida, a dignidade arrasada. Estava arrependida, profundamente arrependida do que fizera ao Sérgio. E com medo de ir para o liceu no dia seguinte.

Nessa semana, a minha cabeça ficou muito estranha. Não conseguia concentrar-me, tinha pesadelos e perdi o apetite. Não conseguia estudar ou conversar.

Fechava-me no quarto, com vista para a linha do comboio, e sentia-me a morrer.

\*

Abri a porta do quarto e dirigi-me ao armário do corredor, onde se guardavam os comprimidos. Fiz o que tinha de ser feito. Se queria chamar a atenção? Não, queria morrer.

Os comprimidos tiraram-me da realidade durante uma semana.

Tomei-os mal saí de casa. Quando cheguei ao café, a duzentos metros, entrei na casa de banho e já não saí. Não sei contar o que ali aconteceu, não me lembro. Encontraram-me no chão, de olhos revirados, babada, sem conseguir erguer-me. Isto foi o que me contaram. A memória de mim agarrada à sanita suja do café do bairro foi a única coisa que me sobrou. Levaram-me para casa e o resto é história.

Tento medir o tamanho do meu desespero para ter tido coragem de fazer o que fiz; tento encontrar uma justificação minimamente lógica. Não consigo. O peso da culpa, da incompreensão e da invisibilidade colam-se a mim.

\*

Os anos de liceu foram extremamente solitários, fazia-me falta um grupo de amigos e a robustez que nos dá o sentido de pertença. A vivência da amizade, só a descobri na faculdade.

Do secundário, recordo um episódio na cantina que me encheu de vergonha e de amargura.

À minha frente, na fila, estavam duas colegas de turma a quem perguntei se podia juntar-me na mesa do almoço. Admito que não lhes dei a hipótese de uma recusa, mas entristeceu-me o tom seco da resposta positiva. Quem me mandou ser oferecida?



Estavam a combinar uma festa na garagem da Raquel, nessa tarde a seguir às aulas. Cigarros, cerveja, música, rapazes e amigas, muitas amigas. Mais uma vez, a minha ousadia surpreendeu-me:

– Posso ir?

A Raquel trocou um olhar rápido com a Manuela, que abanou negativamente a cabeça, o mais discretamente de que foi capaz. Mas eu vi.

Desculpavam-se dizendo que era provável que acabassem por não fazer nada, mas dir-me-iam alguma coisa. Levantaram-se, agarraram nos tabuleiros e foram-se embora.

Fiquei sozinha, braços apoiados na mesa suja, migalhas que me picavam os dedos e que eu desfazia, tal como elas me tinham desfeito com um olhar.

Senti vergonha de mim própria, não devia ter perguntado se podia ir. Tentei engolir a amargura e o choro para não incomodar ninguém.

Levantei-me, atirei o tabuleiro ao chão, pisei os restos de comida enquanto gritava. Distribuí murros por todos os que tentaram acalmar-me, insultei a empregada da cantina e os meus colegas, parti portas e janelas, os meus punhos em sangue, vidros no cabelo. Desfiz os livros e os cadernos, rasguei tudo, até a roupa. Atirei ao chão garrafas, chávenas e colheres. Apareceram contínuos, professores e até o diretor do liceu. Nenhum foi capaz de me deter. Quando o diretor me tentou agarrar, pontapeei-o na boca. A professora de Sociologia aproximou-se de mim e segredou-me ao ouvido:

– Esqueceste-te de ir ao teste.

Olhei para as migalhas desfeitas, levantei-me e fui para a aula.

\*

A campainha de saída tocou e a turma levantou-se de imediato. Deixei-me ficar para trás. Não tinha nada para fazer, ninguém com quem estar. Trouxera comigo «O Perfume», que entretanto acabar de ler, e o meu bloco, onde ia escrevendo tretas sem nexos.

A Raquel e a Manuela já iam ao fundo do corredor com um grupo. Saíram da escola, viraram à direita, subiram umas escadinhas e entraram no prédio da Raquel. Fiquei a ver toda a gente abandonar a escola, alguns de mota, outros a pé. Havia combinações e um certo ar de festa: tarde livre de sexta-feira.

Vivia longe e as três horas de intervalo não me permitiam ir a casa e voltar. Pensei inventar uma dor de barriga e ir para casa, mas não tive coragem. Imaginei-me a demorar três horas a fazer o caminho de quinhentos metros até ao instituto onde tinha aula de Inglês. Imaginei-me rodeada de amigos e amigas e a ser convidada para ir a casa de um deles – ou de todos.

O som do portão da escola a fechar travou a minha imaginação. Percebi que já estava sozinha.

Desci a rua em direção do jardim que ficava à frente do liceu e sentei-me

num banco. Abri o livro e li um parágrafo. A minha cabeça não estava ali, estava no futuro.

\*

– O que vão fazer no fim de semana? – perguntei.

– Nada – respondeu a Maria.

– Não combinámos ir à praia? – retorquiu, surpreendido, o Pedro.

Descíamos as escadas para ir almoçar. O Pedro seguia ao meu lado, a Maria à nossa frente. Quando ele fez a pergunta, a Maria virou-se para trás e arregalou-lhe muitos os olhos. Depois, cruzou-os, sem querer, com os meus e percebeu que eu tinha entendido. Ficámos em silêncio, o Pedro tocou-me no braço:

– Não lighes.

Nessa altura já tinha mais de 30 anos, mas fiquei muito angustiada. A Maria era minha colega há vários anos, fazíamos pausas para cigarros e almoçávamos juntas.

Pensando bem, não passava disso: uma colega.

O olhar que trocara com o Pedro foi apenas a certeza da sensação que me perseguia: ela não gostava de mim.

Revi a nossa relação: as vezes que a tinha convidado para jantar e que ela declinara sempre, justificando-se com a falta de tempo. As palavras de apoio que lhe tinha dito para a convencer a aceitar o corpo, o trabalho, a vida. O *feeling* que eu sentira desde o início e que optei por silenciar não fosse estar a ser injusta.

Vieram-me à memória comentários que já lhe tinha ouvido sobre outras mulheres e que me deixavam desconfortável.

– E a Ana? Deve andar desesperada a tentar arranjar um gajo para vir assim vestida.

A Maria tinha corpo de quem fizera muitos anos de natação, um ar claramente masculino, zero graciosidade e uns grandes dentes. A sua falta de autoestima batia a minha. Nunca lhe vi uma saia, um vestido, um decote. Andava sempre de calças de ganga pelo tornozelo, com meias pretas e uns sapatos castanhos sem piada nenhuma. Usava *T-shirts* de decote redondo colado ao pescoço até no verão; no inverno eram as camisolas de lã que as nossas avós tricotavam nos anos 80.

Durante algum tempo, do alto do meu preconceito, pensei que era lésbica, mas nunca lhe conheci namorada, ou namorado.

Não havia problema nenhum com o aspeto da Maria. O grande problema residia dentro dela. Estava desfeita, arruinada. Como eu.

A grande diferença era que a Maria aliviava a frustração diminuindo as outras mulheres, ao passo que eu gostava de as admirar, desejando ser como elas. Aos homens, servia sem questionar, enquanto eu era subserviente, mas

desafiadora.

Quando a Maria falou mal da Ana, que dizia ser a sua melhor amiga, as peças encaixaram e percebi quão tóxica era.

Desse dia em diante, passei a jogar à defesa. Como não fui capaz de lhe dizer na cara tudo o que ela merecia ouvir, porque não me queria chatear e porque era cobarde, resolvi alimentar a paz podre que, sei agora, existia entre nós.

O que fazia alguém como a Maria, que não gostava de mulher nenhuma e muito menos de mim, chamar-me para cafés e para cigarros? Percebi onde a solidão nos pode levar, até a usarmos alguém de quem não gostamos para fingir que estamos acompanhados.

Ela usava-me.

E eu deixava.

Foi duro perceber de que era precisamente isso que eu fazia com os homens: usava-os para me aliviarem do silêncio e da solidão.

Numa bela tarde de agosto, a Maria anunciou que ia embora e com ela foi a nuvem carregada que transportava diariamente para o trabalho. O ar puro e fresco pôde finalmente entrar na redação, pudemos tirar as máscaras e respirar fundo.

\*

Os anos da faculdade permitiram-me fazer as primeiras amigas a sério. A vida mudou, graças à Bia, à Bárbara e, mais tarde, à Rita.

Ao fim de tanto tempo, vejo-as quando olho para o passado, mas sei que continuarão ao meu lado no futuro. Por muito distante que ele seja. Essa é uma das coisas que mais segurança me dá.

## O lobo

Assim que abri a porta e o vi, desejei voltar a sair. Estava de pijama, talvez não o tivesse despido o dia todo, com um copo de vinho na mão.

– Sabes que horas são?

Pedi desculpa. Ele levou o copo à boca e bebeu-o de um trago, limpou os lábios com a palma da mão direita e pousou-a, com os dedos a tamborilar em cima do joelho, sem pestanejar. Pousou o copo no móvel ao lado, com extremo cuidado.

– Onde estiveste?

Voltei a pedir desculpa e expliquei que estava cansada, que precisava de jantar e de me deitar. Segurou-me pelo braço quando tentava passar para a cozinha; com suavidade, pedi que o largasse.

– És muito sensível.

Olhei para trás tentando perceber se as cortinas da janela da sala estavam abertas.

Obrigou-me a sentar-me ao colo dele. Sentiu a minha tensão e perguntou o que se passava. Respondi que não se passava nada.

– Estás nervosa?

Senti as pernas a fraquejar e as mãos dormentes. Tentei levantar-me.

– Onde é que estiveste?

Perdi a coragem para o enfrentar. Desviei o olhar e fechei-me na minha cabeça.

\*

É o maior imbecil que eu conheço, um inseguro que se acha um grande macho por violentar mulheres. Que as trata como animais inferiores e que desconhece o significado da palavra «não». É um abusador. Um cabrão disfarçado de cordeiro. Sei que um dia vai deixar de conseguir esconder-se. Vai pedir-me que pare de lhe mostrar o reles que é e eu vou esfregar-lhe na cara todas as minhas nódoas negras, as que me fez na pele e as que me deixou,

como ferro em brasa, na memória. Será atormentado sempre que deitar a cabeça doentia na almofada e pensar na besta que é. Vou estar nos seus pesadelos, nos seus piores pesadelos, deitada ao seu lado sempre que acordar e quando procurar outra miúda a quem destruir a vida. Vou ser o fantasma que o atormenta e enlouquece, vou fazer com que viva borrado de medo de que descubram quem é. E tudo vai acontecer sem que me mexa, sem que profira uma palavra ou me aproxime. A cabeça dele vai garantir que não vive descansado um único dia até morrer.

\*

– Hei de ver-te largada num canto sujo, a morrer, e não vou mexer um dedo para te ajudar.

Disse-mo num domingo de manhã.

\*

Esta era eu a sonhar com a mulher corajosa que haveria de ser no futuro. No dia em que tivesse o destemor de o enfrentar e de o varrer para fora da minha vida, seria capaz de o tornar invisível. Por enquanto, estava a lidar com a incredulidade de amar um homem assim.

\*

Mandou-me levantar e despir o nojo de roupa que tinha levado para o trabalho. Mas quando tentava levantar-me, deu-me uma bofetada tão forte que senti a cara queimar.

– Para a próxima é pior.

Tinha bebido, mas não estava bêbedo. Sabia o que fazia, só não conseguia controlar-se. Ordenou-me que desaparecesse, disse que me cheirava à distância, que eu cheirava ao lixo que era e queria descobrir com que gajos andava.

– Vais arrepender-te do dia em que me conheceste.

Deitei-me sem jantar e sem conseguir controlar o choro. Sentia a cara inchada, marcada pelos seus dedos. Pensei no estado em que acordaria e na desculpa que teria de inventar caso não estivesse em condições de ir trabalhar.

\*

Na manhã seguinte, acordei com ele, em lágrimas, a meu lado.

– Perdoa-me. Perdoa-me, por favor. Não volto a bater-te. Amo-te, amo-

te tanto.

Levantei-me em silêncio. Era um silêncio de ausência de palavras, mas também de vazio, como se estivesse em queda livre, desamparada. Perguntei para dentro: o que estou aqui a fazer?

## O pesadelo

No autocarro, na longa viagem do centro da cidade ao subúrbio, seguia um homem de barba castanha e olhos mortos, magro como nunca vira e maxilares salientes. Vestia umas calças de bombazina castanha largas demais, um *Kispo* que já lhe devia ter assentado bem, mas que agora lhe boiava no corpo, e tinha as mãos negras feridas.

Íamos embalados pela trepidação e encostei a cabeça ao vidro. Estava com fome. Depois da curva apertada à direita vinha a reta da minha paragem.

Desci. A rua perigosa e sempre cheia de trânsito estava calma. Quando ia atravessar, um carro fez sinais de luzes e não abrandou. Corri até ao passeio. Passei a mão pela roseira carregada de pequenas e cheirosas rosas silvestres, parei, toquei numa com delicadeza, pedi-lhe desculpa, arranquei-a e meti-a no bolso para dar à minha mãe.

A mochila que trazia era mais pesada do que eu. Mirei as botas castanhas, com uma risca vermelha, que os meus pais me tinham trazido da Madeira. Adorava-as!

Parei na mercearia e levei o saco com seis pães que todos os dias esperava que alguém o fosse buscar. Meti-me pelo caminho de terra batida que me levava a casa. Ia a cantar «já fui, mas já não sou», letra de uma canção que ouvia muitas vezes com os meus pais e que tinha este verso que me fascinava.

Puxei o portão, o saco do pão rasgou-se e os pães caíram na terra. Apanhei-os, aflita. O portão estava preso a um poste de cimento onde a minha mãe ia perdendo a mão esquerda, que ficou presa entre o espelho retrovisor do Fiat 127 e o maldito poste. A minha mãe gritou de dor e eu também.

Atravessei o pátio vazio, o caixote do lixo que tínhamos lavado no dia anterior estava a um canto. Reparei que parecia não ser esfregado há anos, incomodando-me o cheiro fétido que largava.

Subi os dezoito degraus, por entre as sombras da ameixoeira carregada de fruta, vi a salsa escondida debaixo das couves, as flores plantadas cuidadosamente nos canteiros, o cão a ladrar no pátio superior e as amoras suculentas que esperavam por mim.

No décimo oitavo degrau, virei à direita, dei quatro passos, tirei as botas e entrei em casa.

Chamei pela minha mãe que estaria a preparar o almoço, mas ninguém respondeu. A pia de mármore tinha ossos e pele de frango numa taça de plástico azul e, no fogão, cozinhava-se arroz de coentros. Cheirava bem.

Chamei pela minha mãe outra vez, talvez estivesse a estender roupa.

Deixei o pão em cima do armário, descalça no chão frio de tijoleira, e segui até à varanda onde a roupa se estendia com vista para a igreja. Voltei a chamar:

– Mãe!

Chamei-a muito alto, não estivesse ela na garagem sem perceber que eu tinha chegado. Olhei à volta, vi as orquídeas murchas e a pereira com os ramos arrancados. Senti uma brisa que me fez tiritar e entrei em casa.

O corredor estava carregado de silêncio, a porta do quarto dos meus pais movia-se com a corrente de ar. O meu quarto tinha as persianas corridas. Estranhei a escuridão.

Chamei a minha mãe, mas desta vez baixinho.

O arroz ao lume, a mesa por pôr, o frango morto na banca da cozinha, os meus pés descalços, o pão carregado de terra, a água do banho a correr. A mãe está a tomar banho, pensei. Bati à porta mas ninguém respondeu. Empurrei a porta devagar, esfreguei os olhos para conseguir ver para lá do vapor.

– Mãe, não me ouves?

Afastei o cortinado e vi a minha mãe deitada na banheira, com os olhos abertos na minha direção. A água a cair-lhe no corpo nu, tinha os lábios azuis e a pele cinzenta, o cabelo encaracolado empapado pela água quente. Estava morta.

Chamei-a e não me saiu qualquer som. Quis tocar-lhe, mas não tive coragem. As veias dilataram-se-me com o esforço do grito imaginário. Queria dizer à minha mãe que a amava, pedir-lhe que não fosse embora.

O arroz a queimar-se no fogão, a roupa a voar para longe, os restos de comida à espera do lixo e a minha mãe morta a olhar para mim. Caí no corredor, com as unhas cravadas nos tacos de madeira, a rosa silvestre a desfazer-se dentro do bolso. Queria chegar ao telefone mas ele ficava cada vez mais distante. Os meus gritos mudos rebentavam-me os pulmões. Tentei gritar pelo meu pai e pela minha mãe, mas a voz não me saía.

Agarraram-me quando caía, transpirada, com a garganta em fogo. Sentada na cama, a minha mãe abraçou-me.



## Confissões perigosas

Sentados na mesa ao canto da sala, jantávamos em silêncio, os livros das prateleiras a fazer-nos de companhia. Queixou-se do som do meu telemóvel.

– Quem é que te envia tantas mensagens?

Expliquei-lhe que eram grupos de *WhatsApp*, sabia que eu não gostava de ter o telefone no silêncio. A conversa azedou quando, com o garfo espetado num pedaço de batata-doce, me pediu que lhe passasse o telemóvel.

– Como assim? – perguntei, incrédula.

Recusei-me a dar-lho. Insinuou que andava a enganá-lo.

Engoli em seco e senti-me culpada por algo que eventualmente pudesse ter feito sem querer. Revivi o dia que agora terminava, desde que saíra de casa até ao momento em que me confrontava com aquelas suspeitas. Tinha partilhado anos de culpas com a pessoa errada, achando que me ofereceria a liberdade suprema, que me livraria dos pesos que acumulei ao longo da vida.

Acreditei que se vomitasse quem era, como vomito quando bebo *shots* de tequila, seria perdoada de todos os meus crimes. E contei tudo. Essa foi a receita para a desgraça, anunciada numa soalheira manhã de primavera, quando levei com um punho fechado na cara:

– Não gostas que te batam enquanto te fodem?

Na altura, a minha cabeça ficou confusa. Encaixei a crua realidade daquelas palavras e achei que estava naquela situação porque merecia. Como merecia estar à frente do padre que me obrigava a assumir a culpa e a aceitar a penitência, quando nem 10 anos tinha.

Olhei para ele, procurando convencer-me de que uma coisa eram as nossas fantasias e a outra a realidade. Mas talvez a dor que ele me impusesse fosse o antídoto para a dor que sempre havia sentido.

– És uma triste – lançou-me.

O meu telemóvel voltou a tocar.

– Dá-me essa merda.

Voltei a recusar.

Irado, perguntou:

– Quem é o filho da puta com quem andas a foder?

Levantou-se da mesa e aproximou a cara da minha em jeito ameaçador. Era mais alto do que eu uns bons vinte centímetros. Enrolou o meu rabo-de-cavalo na mão, e puxou-o com força.

– Estás a queixar-te de quê?

A minha cabeça inclinou-se para trás com a pressão, as cortinas da janela entreabriram-se e ele fechou-as. Devo ter feito um ar assustado. Com a mão que tinha livre espremeu-me a boca:

– O teu amigo das tatuagens está bom?

O meu amigo das tatuagens era o Gil, que conhecia há mais de 10 anos, presença assídua em nossa casa. Tinha perdido a conta aos jantares que havíamos partilhado, aos copos e histórias em comum.

– O Gil é meu amigo.

– Tantos beijos que vocês trocaram hoje no *Messenger*.

Fitei-o, atónita. Tentei lembrar-me com quem tinha trocado mensagens nesse dia e sim, o Gil fora um deles, o que não era de estranhar.

Tentei libertar-me, incrédula: como teria ele visto as mensagens do Gil?

– Só não vejo o que não quero.

Senti que abrisse um buraco na minha cabeça e se atirasse para dentro dela, tomando conta de cada milímetro de mim.

Garantiu que não tinha invadido a minha privacidade, atribuindo-se o direito de saber com quem andava e falava, o seu direito absoluto à minha liberdade, como se fosse meu dono. Perguntou-me como tinha coragem de mentir.

Que desespero. O que teria eu feito para que não confiasse em mim?

– Tens todo um passado sem mim.

Foi já desesperada que tentei explicar-lhe que não tinha mentido, que não andava com outros homens, que nunca o traíra. Enquanto tentava escapar da sua mão, mostrei-lhe a agenda, para que percebesse que vivia entre a casa e o trabalho. Era-lhe irrelevante. Tinha montado o seu filme ao pormenor.

É muito difícil, para não dizer impossível, comunicar com alguém assim: doente. Quando me apercebi disso, já era demasiado tarde. Já o amava e tentava perdoar, desculpando todas as suas atitudes.

\*

– Perdoa-me por ser um filho da puta.

Eu perdoo.

– Não me consigo controlar.

Eu perdoo.

– Mas amo-te tanto, tanto.

Também eu, também eu.

\*

Largou-me finalmente o cabelo e ordenou que o Gil não voltasse a entrar em nossa casa.

– Em minha casa.

– Qualquer dia está enfiado na minha cama. Com a minha mulher.

Enfrentei-o. Não podia ser, não ia ceder aos ciúmes absurdos daquele homem para quem eu olhava sem o reconhecer.

– Já te olhaste bem ao espelho? – perguntou-me.

Já olhei, sim. Muitas vezes, sem nunca me conseguir ver.

Antes de sair da sala, encarei-o:

– Não quero voltar a partilhar a minha cama com um homem que não conheço.

Furioso, correu para mim e agarrou-me pelo pescoço:

– És uma puta.

Senti a respiração dele quente na minha boca, senti que estava a ficar excitado. Mordeu-me os lábios:

– Podíamos foder.

Afastei-o e pedi-lhe que parasse. Ele arrancou-me a saia e empurrou-me para dentro da cozinha, até ao fogão.

Tirou o cinto das calças, usou-o para me prender os pulsos atrás das costas com força. Puxou-me a *T-shirt* para cima até me tapar os olhos e mandou-me encostar, de pernas bem abertas, aos bicos do fogão que se enfiaram nas cicatrizes da minha barriga. Apanhou-me as nádegas e afastou-as de tal forma que temi que me rasgasse. Fodeu-me enquanto eu gritava, e ele gritava. Sentia-lhe os testículos chicotearem-me o clítoris e vim-me como há muito não acontecia.

Dor com dor. Desespero com desespero.

## A primeira vez

Terminei o liceu e entrei na faculdade, mas não acabei o curso, perdi-me nas mesas de café carregadas de finos e tremoços e nas ganzas fumadas no pátio da universidade. Perdi-me enquanto tentava descobrir-me nas camas de rapazes que ia conhecendo e com quem me ia explorando. Perdi-me na alegria das novas amigas, nos passeios de carro à praia, nos banhos de mar e de rio que não exigiam fatos de banho nem biquínis que cobrissem o peito. Perdi-me nas centenas de livros que li e nas palavras escritas por outros em que me encontrei; nas experiências mais íntimas, nos beijos fugidios a outras raparigas, nos quilos a menos que as drogas me proporcionaram, na falta de apetite compensada por dezenas de cigarros.

Apazigou-se a vergonha de entrar sozinha num lugar, conheci a Bárbara, que frequentava o meu curso, estando um ano adiantada, e a Bia que, na altura, era namorada do melhor amigo do Ricardo. Descobri pessoas de quem nunca mais me vou lembrar, envolvi-me com rapazes de quem não me recordo do nome, da cara, do corpo. Estava feliz. Sim, foi uma altura muito especial, que passei com um tremendo peso na consciência por não conseguir assumir a pessoa que era.

Eu, que já vinha desorientada do liceu, cheguei à faculdade e perdi-me à procura de mim. Fazia o que queria e ninguém me chateava, só os meus pais com as notas e com a vida. Mas já tinham perdido a mão em mim.

\*

A partir dos 17 anos, a maior parte da minha vida passou a fazer-se na rua, com tudo o que a rua traz para dentro das nossas casas. Arranjei um grupo de amigos na vizinhança e as noites eram passadas a jogar matraquilhos, a beber copos e a aprender a foder. Éramos uns ingênuos, mas divertíamos-nos à brava.

Perto de nossas casas existia um monte onde eu, pequenina, apanhava flores com a minha mãe. No cimo, uma casota para o tiro ao alvo e um vasto

mapa feito pelas rodas das motas que ali corriam aos fins de semana. Lá ao fundo, a linha do comboio deitada entre os pinheiros.

Juntávamo-nos pelas 9h da noite e até de madrugada ninguém sabia de nós. Fugíamos por um carreiro que ficava nas costas de uma fábrica onde outrora se faziam bolachas, e naquela altura estava abandonada, e arfávamos até ao topo do monte.

Aí, admirávamos o brilho do céu na escuridão, julgando-nos os maiores do mundo. Perdíamos-nos em conversas atrevidas e eu adorava ouvir os mais velhos falarem sobre sexo. Era inevitável, todas as nossas conversas iam parar ao sexo: atraídos pelo desconhecido, ansiando pelas primeiras experiências e desejosos de poder dizer, do alto da nossa pinta:

– Ya, já perdi a virgindade há algum tempo.

Foi o que me aconteceu, perdi a virgindade com um rapaz daquele grupo, o Carlos. E foi uma primeira vez sem nada para recordar.

Tão inexperiente era ele como eu, fizemos o possível com a nossa atrapalhão, sabíamos que precisávamos de preservativo e usámo-lo, sabíamos que havia a possibilidade de haver sangue e tomámos precauções. Num relâmpago, já não éramos virgens. Não foi uma primeira vez memorável, mas também não foi traumatizante, assustadora ou dolorosa. Naquele momento, sem que o soubéssemos, estivemos equilibrados.

Julgo que, inconscientemente, ao longo dos anos fui procurando uma sensação semelhante à que me ficou daquela noite com o Carlos, mas foi difícil encontrá-la outra vez. Tinha a ver com uma certa pureza, uma pureza que vem da inocência que se perde com a crueldade da vida.

E o sexo, para mim, passou a ser como ir ao dentista: só fui ingénua no primeiro dia.

Quando os meus pais, desesperados por não conseguirem controlar-me, me avisaram que se não cumprisse as regras que me impunham tinha de arranjar outro sítio para viver, abri a mala e enchi-a o mais que pude. Ao sair, fechei a porta com tanta força que o barulho nos ensurdeceu a todos, ficando a zunir nos nossos ouvidos durante anos. Não voltei.

Foi no fim do primeiro ano de faculdade, se a memória não me falha. Arranjei um quarto numa república de estudantes e um *part-time* num café. Os meus pais iam morrendo de tristeza, mas mostrei-me inabalável.

O que mais queria era que me entendessem, que confiassem em mim e permitissem que errasse para poder aprender. Se saí por falta de amor? Não. Sei o quanto os meus pais me amam, simplesmente não compreendiam quem era. E eu fiz o que melhor sabia: escondi-me naquele mundo que era meu e que eu, no fundo, desprezava.

## A espuma do oceano

Tentei compreender como me deixara chegar àquele ponto, o ponto em que a minha vontade de ser feliz me impediu de ver quem ele era.

Mantinha a esperança de que resolvesse os problemas que tanto o irritavam e atrapalhavam e voltasse a ser o homem sorridente que eu conhecera. Aproveitava cada momento em que ele não estava para descomprimir.

Era sábado de manhã e tinha o fim de semana só para mim. Deitada no sofá, sozinha, filosofava sobre que raio seria ser feliz.

Vieram-me à memória episódios em que ri e fiz rir, em que me emocionei e as lágrimas foram de alegria. Momentos em que os meus olhos brilharam e a minha voz se fez ouvir para lá das copas das árvores.

Piqueniques no meio da serra e pinhões caídos pelo chão; os patins de ferro com correias de cabedal vermelho com que percorria o jardim da casa onde cresci; a minha primeira bicicleta-surpresa; o pudim cozinhado de propósito para mim, que não podia comer quente, senão ficava com dores de barriga. Os pintainhos que a minha avó me punha no colo para eu cuidar. Os mergulhos nos montes de milho durante as férias de verão, a minha cara cheia de terra, a erva que apanhava com o ancinho feito à minha medida. Os cortinados da janela do meu quarto e os cobertores que me aconchegavam.

As férias na praia passaram a ser felizes depois de ter perdido o medo do mar, que ganhei no dia em que ele me levou e a minha mãe foi atrás, agarrada ao meu vestido, salvando-me da morte certa. O meu pai, no cimo da duna, pregado ao chão a ver-nos desaparecer na espuma do oceano, que nesse dia não quis levar-nos.

O que fiz? Pus o medo para dentro.

O sal misturado com o doce dos gelados e das bolas de Berlim, a minha pele bronzada e as farturas a seguir ao jantar, os balões gigantes que fazíamos com as Super Gorila e que nos rebentavam na cara.

Na janela da sala, fumava um cigarro enquanto observava o bairro.

Espreguicei-me, tentando que aquelas memórias boas preenchessem cada centímetro de mim. Bebi um resto do sumo de laranja que deixara no copo e fui colar memórias na parede. Só as minhas. Pensei como conseguiria esconder as memórias dele e só a ideia da sua existência afastou a minha alegria.

Procurei recordar a semana de férias no Algarve com a Bia e a Bárbara, horas que nunca eram suficientes, as três deitadas na relva do parque, os abraços e os beijos trocados. E como eram boas as tardes passadas com os meus gatos, que cabiam na palma da mão quando os tirei da rua e que ronronavam no meu pescoço todas as noites.

Dei por mim a sorrir, contemplando o quadro da minha mãe: papoilas, a minha flor preferida, pintadas e enviadas pelo correio, que chegaram sãs e salvas a casa – as papoilas são muito delicadas. Que bonitos são os desenhos da minha mãe, as princesas que me pintou quando eu andava na escola primária, as quatro árvores das estações do ano, a explosão de letras que me ajudou a compor e que me deu a melhor nota da turma. O meu medo de falhar.

A exigência da minha mãe para que eu fosse perfeita. Eu quase perfeita no meu vestido preferido, rodado e cheio de flores tão pequeninas como eu. Às cavalitas da minha mãe dentro do rio, as mãos quentes do meu pai a afagarem-me a cara, o xaile da minha avó que me cobria de todos os perigos, o zumbido das moscas na hora da sesta. O cheiro a lareira, a broa acabada de fazer, a sopa de feijão, a cevada que borbulhava na cafeteira, a omeletas feitas com azeite comprado à vizinha do lado, o cheiro a ervilhas.

Odeio ervilhas, vomitei todas as sopas de ervilhas que me obrigaram a comer e engoli o medo de ser castigada por não gostar da comida.

\*

Arregacei as mangas e preparei-me para lavar a louça do jantar do dia anterior.

A água morna confortou-me as mãos, o detergente escorreu dos dedos para a esponja e com ela esfreguei as tristezas – a essas conhecia-as bem.

Eu feliz quando o vi pela primeira vez, a caminhar na minha direção. Os comboios preparando-se para partir e o corpo dele junto ao meu, quente. E que quente a minha cara depois do primeiro murro que me deu.

Já deixara fugir a felicidade outra vez.

Pousei as mãos cheias de espuma no rebordo do lava-louças e concluí que onde há medo não haverá nunca felicidade.

Ouvi a chave na porta, era ele. Fiquei em pânico.

## Terra de perdição

Antes de vir para Lisboa, vivia num pequeno apartamento no quinto andar de um prédio verde, horroroso, cuja varanda da sala/cozinha/quarto dava para o cemitério. Por cima morava uma trabalhadora do sexo, ao meu lado morava outra, à frente do prédio havia um clube manhoso. Não foram poucas as vezes que me tocaram à campainha a meio da noite:

– Cliente.

Ou que me apareceram de sexo intumescido debaixo das calças, no *hall* do prédio, durante a madrugada.

Estava separada do Ricardo há algum tempo e afogava as minhas mágoas de bar em bar. Não fosse o trabalho e o pouco dinheiro, e o norte da minha vida ter-se-ia perdido.

Sem rumo, servia cafés aguados e tostas afogadas em manteiga. Fugia de casa nos tempos livres, com medo de ficar sozinha. Não me permitia chorar com medo de nunca mais parar. Sofria com a falta de alguém a meu lado.

Apesar de não ter um namorado, só ficava sozinha se quisesse. A Bia e a Bárbara estavam sempre prontas para me fazer companhia. Conhecíamos muita gente, sabíamos onde se serviam os melhores *shots*, onde se bebia a melhor cerveja e onde se comprava a melhor droga. Éramos convidadas para as festas e para os muitos encontros das repúblicas de estudantes espalhadas pela cidade.

\*

Foi numa dessas repúblicas que encontrei o Flávio. As minhas pernas tremeram quando dei de caras com ele, num corredor exíguo e cheio de gente que comparei ao corredor exíguo do autocarro que apanhara numa manhã, há muito tempo. O rapaz de olhos verdes ganhou nome quando esbarrámos um no outro, tentando chegar à mesa das bebidas. Reconheci-o de imediato e, a avaliar pela expressão, ele também.

– És a rapariga do autocarro.



Era. Fiz sinal à Bia e a Bárbara, elas compreenderam e afastaram-se.

Servimo-nos de dois copos de sangria e fomos até à varanda. Que bonita a cidade vista dali, espelhada no rio, a ponte cheia de luzes.

Ele perguntou-me se fumava e preparou-se para enrolar um charro. Tirou as mortalhas e o tabaco do bolso de trás das calças, passou-me o maço e pediu que fizesse um filtro de cartão.

Ele misturou um pouco de tabaco na erva moída que tirou de um *grinder* com uma imagem de Bob Marley, que se desenroscava e tinha dois andares – um para triturar a erva, outro para acomodar o pó que caía. Acendeu-o, deu uma passa longa e entregou-mo. Fumámos à procura de um início de conversa:

– Fiquei com tanta vontade de te encontrar outra vez.

– Ah, sim?

– Que maradice, não me saíste da cabeça. Mas não tive coragem de falar contigo...

– Porquê?

– Porque... tenho namorada.

O ambiente ficou tenso.

– E onde é que ela está?

– Foi passar o fim de semana com os pais.

– Ok.

Dei mais uma passa, encostei os cotovelos às grades da varanda e fiquei a olhar em frente.

– Que bonita a cidade vista daqui, não é?

Não me lembro de qual dos dois fez a pergunta, sei apenas que ele apoiou os cotovelos junto aos meus e que senti o toque do braço dele. Não se afastou – eu também não.

Aquele choque elétrico que se sente da primeira vez que tocamos quem desejamos, e que vem acompanhado de um remoinho que se forma abaixo do umbigo e sobe até às raízes do cabelo, aliviou a tensão e reforçou a certeza de que nenhum de nós estava a imaginar coisas. Era real.

Virámo-nos na direção um do outro, percebendo como estávamos próximos, o mais próximo que alguma vez tínhamos estado. Sorrímos envergonhados, as nossas pernas tocaram-se, eu disse uma tolice para disfarçar a timidez e aproveitámos para ir buscar mais sangria.

Segui em frente, ele atrás de mim. No corredor apinhado, senti a mão dele nas minhas costas, por cima da anca direita, a indicar-me o melhor caminho. Lembrei-me de que tinha namorada, mas não consegui controlar a vontade de o ter.

Culpei-me pelo desejo. Nunca tinha estado com um rapaz com namorada, achava deplorável enrolar-me com alguém comprometido. Se me acontecer, vou virar as costas e ponto final.

Mentira. No dia em que me aconteceu, não fui a lado nenhum.

Enchemos mais dois copos, regressámos à varanda, o meu coração acelerado pelo efeito do charro e excitada com a possibilidade de o comer.

Disse-me que era de longe, que estudava Belas Artes, que adorava *trance* e que conhecia umas festas espetaculares que se faziam no meio do bosque.

– Nunca foste?

Acenei que não.

– Tenho de te levar.

Fiquei a pensar naquela alusão ao futuro e lembrei-me novamente da namorada.

– E a tua namorada?

Fitou-me sem palavras, mas acabou por contar que nunca a tinha traído. Estavam juntos há algum tempo, a relação estava triste e desgastada.

– Nunca pensaram separar-se?

– Não é fácil.

– Pois...

– A rotina fode tudo, não é?

– É.

Recordei as rotinas que me lixavam a vida.

Continuava a perguntar-me porque não era capaz de voltar costas e ir-me embora. Se já vos aconteceu, percebem do que estou a falar. Se não, devem pensar:

– Que puta.

Seguimos para mais um copo de sangria.

Lá dentro os LCD Soundsystem tocavam na aparelhagem, a madeira do chão vibrava, a minha barriga também. As paredes velhas pareciam reverberar o som da música, ou então era apenas o efeito do álcool e da erva.

Enchemos mais dois copos, ele deu-me a mão e levou-me escada acima. Passámos por uma pequena sala onde um grupo via o *South Park*, que naquela altura me fazia morrer de riso, perguntaram se queríamos sentar-nos, o Flávio disse que não. Continuámos, abrimos uma porta, entrámos num quarto, não havia ninguém.

Ficámos parados a olhar um para o outro, a pensar na merda que estava prestes a acontecer.

– Que se foda – pensei. E ele também.

Havia um sofá, num canto, ao lado de uma janela que dava para um pequeno varandim. Aproximei-me para espreitar. Ele abraçou-me, afastou o meu cabelo com o queixo e encostou os lábios frescos da sangria ao meu

pescoço. Não consegui controlar o gemido de prazer.

Procurei as mãos dele e levei-as ao meu peito, que ele agarrou e massajou com gestos circulares. Estava sem *soutien* e os mamilos ficaram entre os dedos dele. Espalmou-os entre o polegar e o indicador, por cima da *T-shirt*. Contorci-me e encostei o rabo o mais que pude à sua pélvis.

Tinha o botão das calças aberto, o fecho a metade. A pila saía-lhe dos *boxers* e acusava o movimento do meu rabo.

Desceu uma mão pela minha barriga e soltou um pequeno gemido quando percebeu que não havia pelos por debaixo das minhas cuecas. Despiu-mas, ajoelhou-se à minha frente e ajeitei-me com um pé apoiado no sofá e o outro no chão. O Flávio deslizou a língua de baixo para cima, em volta do meu clítoris. Deixou-se ficar, com os lábios muito juntos, como se estivesse a dar-me um beijo, e senti-lhe a ponta da língua a deslizar, enquanto me sorvia.

Que bem o fazia. Há homens que não fazem ideia de que existe um clítoris, outros que têm medo de ser mordidos e não se aproximam, os que pensam que é chegar e despachar. E os que sabem o que fazem – era o caso do Flávio.

O prazer que senti levou-me para outra dimensão.

Deitou-me na cama, voltou a ajoelhar-se, passou-me as mãos molhadas pelos joelhos e virilhas, acariciou-me e enfiou a língua em mim, enquanto a mão dele me masturbava. Puxou-me as pernas em direção do teto, e levou a língua molhada até ao fundo das minhas costas, massajando-me o ânus e de novo o clítoris, que lambeu com redobrado vigor até que me vim na sua boca.

No fim, subiu para me mostrar aquilo a que o meu sexo sabe quando tem um orgasmo.

\*

Enquanto gemia de prazer, reparei na tatuagem escondida numa das suas pernas, debaixo dos *boxers*. Adoro homens com tatuagens, desalinhados e com ar de cabrões. O Flávio encaixava perfeitamente no retrato.

A camisa amarrotada pelo uso dava-lhe o aspeto de quem não tomava banho há algum tempo, apesar do cheiro a sabonete que lhe emanava da pele. Fiquei incapaz de controlar a excitação.

Pedi-lhe que me fodesse, fixando os seus olhos verdes que me desorientavam. As suas rastas ásperas raspavam o pescoço. Eram grandes o suficiente para enrolar e apertar à volta do meu pescoço, até me deixar sem ar.

Repreendi-me de imediato pelo pensamento masoquista. Sabia que ser dominada me fazia gritar de prazer, difícil era admiti-lo sem me sentir culpada.

Levou-me para o sofá e ajoelhei-me à sua frente, ansiando pelo castigo que me tinha reservado.

Apertou com a mão bem fechada a pila, que esfregou nas minhas

bochechas. Enfiou-a, bem ereta e ligeiramente curvada, dentro da minha boca. Agarrei-o pelas ancas e ajudei-o nos movimentos de vaivém. Estava doido.

Não queria que se viesse logo pelo que me virei de costas, ajoelhada sobre a poltrona, enfiando a cara na almofada para abafar o prazer de o sentir a entrar em mim.

Pôs uma mão em cada ombro meu e cavalgou-me com ruído até se vir, enquanto lia, tatuada nas minhas costas, a frase: «*We can beat them, for ever and ever.*»

Deitámo-nos, cansados, na cama que não sabíamos a quem pertencia, num quarto com vista para a cidade que assistia ao nascer do sol.

Engoli em seco com a asneira que tinha acabado de fazer. O cheiro dele em mim, as minhas cuecas no chão, misturadas com os *boxers* coloridos dele e eu a sentir-me agoniada por não ter conseguido controlar-me, a sentir-me suja – uma merda de gente, usada para aliviar a frustração sexual de uma relação que já não funcionava. Eu traiçoeira, hipócrita e desleal.

Fui para casa. Ao entrar no prédio, deitei um olho ao clube duvidoso que já estava fechado e imaginei-me a sair de lá com o dinheiro do cliente que tinha acabado de atender, como a puta que acreditava ser.

## Dormindo com o inimigo

A porta abriu-se com estrondo. Ouvi a mochila cair no chão, fiquei parada na cozinha, com a água a correr, a louça meio lavada, sem perceber por que razão estava ele em casa. Tinha dito que ia passar o fim de semana fora, em trabalho, e que só regressaria no domingo ao fim do dia.

Partira na sexta-feira à noite. Apanhei-o ao telefone numa conversa monocórdica, antes de sair.

– Sim, mando um toque quando chegar, tenho de desligar.

A casa ficou tranquila a partir do momento em que a porta se fechou e ele ficou do lado de fora. Respirei de alívio, mas sentia o coração pesado, adivinhava-lhe segredos, estava sempre ao telemóvel, trancado na casa de banho. O meu sexto sentido alerta e eu a fazer tudo para o silenciar.

Quando o ouvi entrar, percebi que não vinha bem-disposto.

– O trabalho foi cancelado.

Havia qualquer coisa que não batia certo e antes que me virasse costas perguntei:

– E onde estiveste ontem?

Rosnou que não estava com paciência para conversas. Não sei de onde me veio aquele ímpeto de continuar a questioná-lo, devo ter ficado irritada por ter perdido a ansiada paz.

– E onde dormiste? – Perguntei, sem desviar o olhar.

Vi o seu maxilar ficar tenso.

– E tu?

– Eu?

– Sim, tu. Dormiste onde?

– Em casa.

– Imagino...

Virou costas e entrou na casa de banho. Respirei fundo, procurei manter a calma. Talvez fosse melhor sair, ir às compras, apanhar ar. Foi o que fiz.

Regressei uma hora depois, talvez menos. Estava deitado e chamou-me. A voz do David Bowie guiou-me em direção a ele.

– ...and the shame was on the other side...

Encostei-me à porta do quarto, sem vontade de entrar. O seu tom melado deixou-me desnorteada.

Senti o cheiro a perfume, que ficou muito tempo entranhado nas paredes, um cheiro que se colou à minha memória.

Que bonito é, que bem lhe fica o cabelo despenteado, pensei.

Apreciei os fios brancos que rompiam por entre o castanho-escuro. O sorriso era encantador, a voz grossa com um ligeiro sotaque, as pernas bem desenhadas – que vontade de lhes tocar. As tatuagens dos braços, que bem lhe ficavam, a camisa aberta, a barriga perfeita. Que homem extraordinário.

Eu encostada à ombreira da porta do quarto, vi-me a perder o equilíbrio, a travar uma luta injusta entre o meu eu e o meu ego, a sentir-me suja por desejar tanto aquele homem que acreditei ser o homem da minha vida. O amor por que tanto havia esperado. Simultaneamente, desejava que fosse embora e me libertasse.

Que difícil era gerir aquela esquizofrenia, que loucura olhá-lo sem o conseguir encontrar. E amá-lo, ainda.

Chamou-me mais uma vez. Entrei no quarto e contornei a cama.

– Despe-te.

Disse-lhe que não me apetecia deitar, nem despir. Perguntou se estava zangada, menti dizendo que não.

– Que saudades tuas.

Bateu com a mão direita na cama:

– Deita-te.

Deitei-me.

\*

O que tenho eu de aprender com este homem? Estará a esvaziar-me ou a dar-me armas necessárias para o abater?

\*

Queria ser capaz de não me deitar com o inimigo. Mandá-lo embora e tirá-lo de dentro de mim.

– Apetece-me fazer amor.

Era a forma de me dizer que o sexo não seria violento.

– Quando fodemos, arraso contigo; quando fazemos amor, cuido de ti. É assim que gostas, não é?

– Não tenhas medo de mim que não te faço mal.

Respondi-lhe que não estava com vontade. Só queria que me abraçasse e me tirasse do pesadelo em que vivia.

Desejava que a cabeça dele não fosse tão doente.

Enchi-me de coragem:

– Não quero fazer amor contigo.

Afastei-me dele, da cama, do quarto, daquela atração.

Ele seguiu-me, perdera o tom amoroso, tinha os olhos vítreos da fúria. Gritou que não tinha voltado para ser rejeitado. E eu a ver o sol do meu fim de semana a desaparecer debaixo da nuvem de raiva que se preparava para me engolir.

O medo atravessou-me todo o corpo, a noite caiu sobre mim, pesou-me nos olhos e na vida. Senti uma vertigem de pânico.

– És uma porca. Fodes com todos menos comigo.

Apanhou-me pelo meu pescoço, encostou a boca ao meu ouvido:

– Só eu para aguentar a filha da puta que és.

O problema daquelas palavras é que eu acreditava nelas.

– És uma reles que se julga muito especial.

Empurrou-me na direção da parede.

– Ai de ti que chores.

Afastou-me o cabelo da cara, chicoteou-me com a mão e ordenou-me que abrisse a boca onde enfiou o seu sexo. Só o retirou quando decidiu que eu já estava há demasiado tempo sem respirar. Trocou a pila pela mão e senti-lhe os dedos a tocarem-me as amígdalas. Sem que conseguisse explicar, o meu corpo reagiu, tomado por um prazer súbito, imaginando aquela mão inteira enfiada no meu sexo.

– Metes nojo.

As lágrimas saltaram-me dos olhos. Senti vergonha do meu orgasmo e de permitir que me tratasse daquela forma.

Entretanto, senti um líquido quente molhar-me o pescoço. Estava a urinar-me em cima.

## A casa de bonecas

Acendi um cigarro e olhei para as prateleiras do frigorífico, vazias. Comi uma torrada com manteiga e acendi outro cigarro, mesmo antes de sair de casa. A Bia avisara que estava a caminho. Não queria que ficasse à minha espera.

Entrámos no bar e comprámos quatro senhas para bebidas: uma cerveja e um *shot* para cada uma. Passámos o resto da noite a beber sem pagar. Éramos simpáticas com o empregado do balcão e com o DJ que punha *Billie Jean* a tocar para nós.

O bar estava sempre cheio de universitários, de estudantes de Erasmus e de jovens licenciados. Havia bebidas a rodar e um *shot* especial que custava 50 cêntimos e trazia as palhinhas que quiséssemos. Era uma forma barata de ficarmos bêbedas que aproveitávamos sem vergonha.

Hoje não sei como consegui gerir a minha vida. Mas consegui. Até ao dia em que decidi vir para Lisboa. Na verdade não decidi, fugi. Passava o tempo afogada nas minhas frustrações, de nariz enfiado em qualquer droga que me pusessem à frente, estava tão magra que não me reconhecia ao espelho. Mas gostava do que via, gostava que as calças me ficassem largas, que as saias me caíssem. Admirava a barriga lisa, os braços finos, o não encontrar gordura em lado nenhum.

Voltava a olhar e odiava, tentava encontrar a criança que um dia fora e que havia desaparecido, fugido com medo da pessoa em que me tinha tornado. Enlouquecia em busca da menina bem-comportada, com boas notas, que não incomodava ninguém e se esforçava por agradar a tudo e a todos. Onde se teria escondido, como poderia recuperá-la?

Muitas das minhas pedradas solitárias foram passadas em conversas à frente do espelho.

Quem és tu?

Os meus olhos dilatados procuravam uma resposta, lembrando-me do que os outros diziam a meu respeito. Duvidava de cada palavra simpática que me dirigiam, surpreendendo-me ainda com a capacidade que tinha de transformar o bom em mau, a contínua dependência da opinião dos outros. Na



minha cabeça, as pessoas gostavam de mim porque não viam bem quem eu era. Sabia disfarçar-me.

Estava a desaparecer nos becos escuros da minha cidade e da minha cabeça.

Pus a mochila às costas, despedi-me dos meus pais, apanhei o comboio e desembarquei em Santa Apolónia.

\*

Não conhecia Lisboa, assustava-me quão grande era. Não houve balões nem fogo de artifício à minha chegada; não havia ninguém a esperar-me na estação. Senti-me pequena e, pela primeira vez, agradou-me a invisibilidade.

Procurei no bloco a morada da casa que ia ver nessa tarde. Fui a pé, tinha e tenho medo de andar de metro – eu e a minha claustrofobia. Com a mochila ao peito, com medo de ser assaltada, pus-me a seguir as indicações do mapa.

Fui ter a um jardim belíssimo no centro da cidade, com um lago cheio de patos e tartarugas a apanhar banhos de sol. Percebi que estava perto daquela que seria a minha primeira casa em Lisboa, numa bonita ruela de pequenos prédios colados uns aos outros, cada um com a sua cor.

A casa parecia de bonecas. Uma pequena porta de madeira abriu-se e do outro lado encontrei o meu mundo. Ao fundo, um vislumbre do rio que parecia de prata.

Nessa noite, dormi em casa de uma amiga de infância da Bárbara e estava tão cansada que me deixei cair no sofá quando nem 9 horas eram.

\*

Vieram as malas de roupa, os sacos de livros, os caixotes com tralha. Arrumei tudo como se arrumam peças de Tetris. Livros espalhados por todo o lado, os preferidos à frente. O sofá grande que os meus pais me compraram e que fazia de cama, para quando quisessem visitar-me, o colchão do meu quarto sobre um cobertor, a roupa estendida no chão, por cima de um lençol, aguardando que tivesse dinheiro para comprar uma cama e um armário. Amava aquela casa vazia, que fui enchendo com as minhas vontades e as minhas possibilidades.

\*

Os últimos anos que passei na minha cidade não foram fáceis. Saí de casa dos meus pais impetuosamente e isso teve um efeito catastrófico na nossa relação. Podia querer convencer-me de que estava bem assim, sem eles, mas,

caraças, a falta que me fizeram.

A imagem de ambos a chorar, sentados no sofá, quando anunciei a minha decisão continua gravada na minha memória. Os dois muito juntos, mas sem se tocarem, arrasados.

A profundidade da mágoa instalou-se nos seus rostos – para sempre. Como as olheiras me ficaram de tanto que chorei toda a adolescência e juventude.

Que vontade de fazer um *rewind* até à barriga da minha mãe onde devo ter sido muito feliz.

Dois ou três anos depois de ter saído de casa, a minha avó morreu e a tristeza de ver partir a minha melhor amiga não lhes foi indiferente. Encontraram-me sentada junto ao caixão: e agora o que faço sem ti?

Levaram-me a almoçar após o funeral:

– Vamos ajudar-te.

Chorei a partida da minha avó e o regresso dos meus pais. Aceitei a ajuda, estava a chegar ao limite, sabia que tinha de me salvar e não me sentia capaz de o fazer sozinha.

Os meus pais apoiaram-me na decisão de viver em Lisboa e a minha partida aproximou-nos. Confiaram em mim e isso marcou o início da mudança. Aquele momento valeu-me por todos os que ficaram para trás, quando não souberam ver-me, ouvir-me e entender-me. Quando também eu não soube vê-los, ouvi-los e entendê-los. As mágoas resolvemo-las pelo caminho.

\*

Bebemos o *shot* de uma vez. Depois ficámos a ouvir música e a conversar, até o bar fechar.

A caminho do carro, parámos para levantar dinheiro e deparámo-nos com um rapaz visivelmente atrapalhado com o multibanco. Era italiano e perguntámos se precisava de ajuda. Aceitou.

Quando retirou o cartão da máquina, o meu olhar cruzou-se com o da Bia, demos as mãos por trás das costas dele e perguntámos-lhe se queria vir connosco. Ele coçou a nuca e sorriu:

– Sì.

A nossa inconsciência fez-nos entrar no carro apesar de bêbedas. Íamos as duas à frente e ele atrás, com a cabeça entre os nossos bancos, bêbedo também. Rimo-nos até pararmos à porta de minha casa.

Não sei o que dissemos ou pensámos, o que passou pela cabeça da Bia e pela minha para levarmos um estranho para casa. Não trocámos uma palavra sobre o assunto.

Nunca tinha olhado para a Bia de forma sexual. A beleza dela era óbvia, mas nunca me imaginara na cama com uma mulher. A minha orientação

sexual era mais do que óbvia: gostava de homens. Satisfazia-me o papel de voyeurista quando se tratava de mulheres.

Despimos os casacos mal entrámos. A casa cheirava a incenso e acendi um candeeiro cuja luz, alaranjada, se refletia nas paredes pintalgadas de fotografias.

Pus Phoenix a tocar.

*If I ever feel better remind me to spend some good time with you.*

A Bia agarrou no CD, tirou o saco de MD de dentro do maço de tabaco e despejou o que restava. Com o cartão multibanco desfez as pequenas pedras em pó. Enrolou uma nota e rodámos o disco entre os três.

O rapaz, que desconhecíamos, estava visivelmente entusiasmado. Apoiou um joelho na cama, afogeuado. Tinha barba de dois dias e um belo sorriso de bebé.

Perguntou onde era a casa de banho:

– *Non sono mai stato con due donne.*

Há gajos com sorte.

\*

Não demorámos a sentir o efeito da droga.

Desapertei a blusa da Bia e deixei escorregar as minhas mãos pelo seu peito macio. Sabia como eram as suas mamas, mas nunca lhes tinha tocado. Eram perfeitas, bem maiores do que as minhas.

O cabelo descia-lhe pelas omoplatas e senti uma mecha na boca quando me aproximei para lhe beijar os mamilos. Ela ficou envergonhada, mas permitiu que continuasse. A minha língua humedeceu a penugem arrepiada, os mamilos endureceram. A Bia gemeu deliciada, enquanto lhe despiu a camisola e me preparava para lhe desapertar as calças, esquecidas do rapaz que nos observava ao fundo da cama.

A Bia fê-lo aproximar-se e beijou-o na boca. Observei-os, aproximando-me para sorver a saliva que lhes escorria pelo queixo. Pus a mão, molhada de cuspo, dentro das cuecas.

Baixei as calças da Bia, lambi e acariciei-lhe as costas. Ela estava em bicos de pés, enquanto o italiano a masturbava. Abriu um pouco as pernas, num convite para que eu pusesse a língua entre as suas nádegas. Senti-a húmida e submissa. Que tesão me deu perceber que a dominávamos.

Ajoelhei-me atrás dela, de rabo empinado. Passei o nariz pelo seu sexo – tinha um leve cheiro a morango. Senti-lhe o clítoris a pulsar como um coração.

Lambi a pila do italiano e a Bia juntou-se a mim. Com as mãos nos nossos cabelos e um urro de prazer, veio-se.

Pedi-nos cinco minutos para se recompor, era novo e não teria dificuldade em entusiasmar-se uma vez mais.

Deitámo-nos os três na cama e a Bia encaixou-se em mim com um movimento de tesoura. Esfregou-se quase em delírio enquanto o italiano se masturbava. De um salto, ele arrancou a Bia de cima de mim e penetrou-a, enquanto ela me lambia. Viemo-nos os três.

\*

Acordámos às 11h, com o sol a brilhar lá fora. Depois do pequeno-almoço, cada um foi à sua vida. Antes de a Bia sair, abraçámo-nos e confirmámos que estava tudo como dantes.

## Vai-te tratar

Perdi a conta às vezes que me insultou e que aceitei como se esses insultos fizessem parte do meu bilhete de identidade.

Praticava uma malvadez requintada na procura de vocabulário para me descrever: o banal «puta», o metafórico cadela, o aliterativo *éjumanojenta*, o vibrante «reles», e os outros termos que utilizou e que assentavam em mim como uma luva. Eu permitia que o fizesse e isso dava-lhe cada vez mais propriedade.

Quando nos conhecemos, eu tomava um antidepressivo. Foi por essa altura que percebi que o comprimido me tinha ajudado, mas que já não precisava dele. Ele não demorou a usar esse argumento para me manipular e me acusar permanentemente de estar «toda fodida da cabeça» quando lhe dizia que não sabia quem ele era ou não percebia o que se passava connosco.

– Volta mas é a tomar os comprimidos que não estou para aturar doentes.

Eu tentava defender-me.

– Mas estás diferente.

A rotina deixara, há muito, de ser um filme romântico e comecei a ganhar coragem para o mandar embora. Não seria fácil. Ou se ajoelhava à minha frente a pedir perdão ou dava cabo de mim à pancada.

Com vergonha, percebia que o amava. Amava uma pessoa que não existia, alguém que fingira ser outra pessoa e que acreditei ser perfeito para mim.

Qual seria o meu limite?

Perdia a conta ao que já lhe tinha permitido. Que raiva sentia de mim.

Só queria ser amada, com tudo o que isso implicava e que era uma imensidão. Estava a anos-luz de saber o que significava o amor-próprio.

Fui-me deixando ficar, imaginando que ele voltaria a ser quem fora e a repetir-me que era a mulher com que sempre sonhara. Fiquei porque ele se arrependia e eu julgava ver honestidade no seu arrependimento, um certo desespero por não conseguir fazer melhor. E fiquei, também, porque ele me excitava como nunca nenhum homem tinha feito: era intenso.

Não. Ele era uma besta com cio, controlador, abusador, criminoso.

Permiti-lhe a agressividade, aceitei-lhe a violência e a cabeça doentia. A imensa crueldade.

Fixava o olhar em mim e perguntava-me se já andava a encher os ouvidos de alguém com as minhas invenções, mandava-me contar às pessoas a pervertida que era e recomendava-me que tivesse muito cuidado com o que dizia sobre ele, fosse a quem fosse. Começou a avisar-me para ter cuidado com as amigas em quem tanto confiava e a insinuar que pelo menos uma andava doida para se meter na cama com ele.

– Pede à tua amiga Rita que te conte a verdade sobre nós.

Nunca o fiz, não cedi à sua artimanha sórdida para me isolar ainda mais.

As minhas amigas sabiam de tudo o que se passava, e não foi fácil para a Rita, que o conhecia há muito tempo, aceitar que o amigo de mais de uma década era como eu descrevia.

– Mas, afinal, o que se passa com ele?

Talvez seja preciso recuar.

\*

Não sei quanto do que me contou é verdade.

Cresceu num bairro humilde nos subúrbios de uma pequena cidade no interior do País, os pais trabalhavam de sol a sol e ele vivia entre a escola e a rua. Desde os 6 que tinha chave de casa e se orientava sozinho.

Quando a mãe chegava, caso não o visse na rua, onde passava as tardes a jogar à bola, chamava-o da janela. Esta era a sua rotina diária, com exceção do domingo, único dia em que os pais não trabalhavam e iam almoçar fora. Isso era religioso.

Cresceu sozinho e rodeado de amigos a quem acontecia exatamente o mesmo – miúdos armados em gente grande, a fazer o que entendiam sem adultos por perto.

Um dia apareceram dois rapazes mais velhos, que moravam numa casa ao fundo da rua, e que o aliciaram, a ele e a um amigo, para fumar um charro. Ele teria 11 anos, os outros mais de 16. Eram irmãos.

Já na casa, seguiram-nos até a um quarto. Um dos rapazes mandou-os sentar.

– Sentámo-nos. O irmão mais velho acendeu o charro e passou-mo. O mais novo atirou o meu amigo para a cama, amarrou-lhe as mãos atrás das costas e baixou-lhe as calças. Com o pânico, deixei cair o charro. Comecei a gritar e o irmão mais velho tapou-me a boca com uma mão. Com a outra, abriu-me o fecho das calças.

Contava-me a sua novela emocionado e em esforço para conter as lágrimas.

– Debati-me, mas ele era mais forte do que eu. Prendeu-me as mãos e

tirou-me a pila para fora das calças. O outro puxou os *boxers* do meu amigo para baixo e enfiou-lhe o dedo no rabo com toda a força. Grande filho da puta. O meu amigo berrou de dor; eu estava em pânico. Quando iam fazer-me o mesmo, ouviu-se a porta de casa bater, eram os pais a chegar. Obrigaram-nos a ficar em absoluto silêncio, soltaram-nos e mandaram-nos embora com a promessa de que nos prendiam à linha de comboio se contássemos o sucedido. Nunca falei sobre isto, a única pessoa que sabe é a minha ex-mulher. Ela é mais velha, era minha vizinha e tinha uma paixão louca por mim. Mas fodeu-me a vida, mal me deixa ver o meu filho, a puta. Até com o cabrão do veterinário do gato me traiu. E eu que a amava tanto. Sofri muito, ainda sofro. Não vejo a hora de o meu filho ter 18 anos para me ver livre dela. Odeio-a, quem me dera que morresse.

E eu cega, crédula da planta dos pés à ponta dos cabelos, não vi todos os sinais que acompanhavam as palavras medonhas que lhe saíam da boca. Eu, sedenta de poder contar as minhas vergonhas e as minhas culpas, não vi a bandeira vermelha que esvoaçava à frente do meu nariz.

Como é possível não ter questionado a forma como falava da ex-mulher? Ter acreditado em todas as mentiras que me contou?

– Depois de tanto que passaste, estou aqui e vai ficar tudo bem.

O tanas é que vai ficar tudo bem, a bomba estava a explodir-me nas mãos.

## Lisboa

A nova vida afastou-me das minhas amigas e não foi fácil aguentar-me sem o conforto da presença delas. Passávamos horas ao telefone, a relatar os nossos dias ao pormenor, na tentativa de matar as saudades.

No dia em que vim embora, a Bia e a Bárbara levaram-me à estação e correram ao lado do comboio, comigo a dizer-lhes «até já», lavada em lágrimas, sentada de costas para o caminho que me levava para longe.

Correram até já não haver plataforma, e coleí o rosto à janela tentando reter os seus rostos. Avistei-as abraçadas lá ao fundo, até não serem mais do que um ponto. Essa imagem descrevi-a no caderno onde, durante anos, guardei tudo o que senti.

Aquela parte da minha vida acabava ali, sabia disso, e a necessidade de a matar obrigou-me a renascer a quilómetros de distância. Duvidei da minha decisão, tive medo de que aquele passo fosse maior do que a minha coragem, tremi de ansiedade ao imaginar a vida tão diferente que me esperava.

O coração batia-me desnorteado e o revisor não pediu para ver o bilhete do pânico que me acompanhava.

\*

Despedi-me das ruas íngremes e do rio, dos campos a perder de vista onde aprendi a andar de bicicleta, despedi-me da mãe e do pai, do monte e da erva que apanhei com a minha avó. Despedi-me do colégio e das freiras que me levavam a passear ao cemitério, do liceu onde, quando cheguei, não tinha tamanho para chegar às janelas e que me viu crescer, das mesas da faculdade onde fingia ser uma aluna aplicada.

Despedi-me dos rapazes com quem dormi e das camas que desfiz, das raparigas que magoei porque não soube fazer melhor, das noites loucas que acabavam de manhã. Despedi-me do Vasco, do amor que me entregou e que eu não soube aproveitar; do Renato e da lista de mulheres que guardava na mesinha de cabeceira; do Flávio e da namorada que chorou de tristeza ao



ouvir a história da nossa noite; do Gustavo e da Mónica sem rabo; do Tiago e dos quilos que ganhou ao longo da vida; do Ricardo, que não sabia onde andava; de todos os outros homens que não me ficaram na memória.

Despedi-me de mim.

\*

No momento em que o comboio abrandou para entrar na estação, desejei que desse a volta e me levasse para trás. Apreensiva, levantei-me, vi-me no reflexo da janela e confiei. Sabia que estava pronta para renascer naquela estação. E assim foi.

Lisboa, a cidade onde disse que nunca moraria, não estava propriamente à minha espera. Cheguei perdida, mas foi nela que me encontrei. Não ia ser fácil, mas certamente não seria impossível.

## Urgências

Antes de sair para apanhar o comboio, a minha mãe perguntou se ficava bem e garantiu que ele não tardaria a chegar. Eu tinha sido operada uma semana antes.

\*

No dia em que dei entrada no hospital, acordei aflita com dores. Ele enfureceu-se por me encontrar a chorar no sofá quando entrou em casa. Desaparecera na noite anterior sem deixar rasto.

– Foda-se. Acabei de entrar em casa e já estás com os teus filmes.

Odiava ver-me chorar, não por ficar preocupado, mas porque o irritava profundamente.

– O que me apetece fazer quando vejo essas lágrimas... Se soubesses, paravas de chorar imediatamente.

– Para de chorar! Para de chorar, caralho!

A raiva das suas palavras. A minha dor.

A Rita ligou-me e, sentindo-me estranha, veio ter comigo e chamou uma ambulância. Tentei debater-me, era uma dor de barriga normal.

– Não quero ir perder tempo para as urgências.

A ambulância veio e levou-me. Cheguei ao hospital e vi aparecer uma enfermeira de bata preta. Disse-me que tinha de ser operada de urgência. A bata preta em vez de azul, a máscara preta em vez de azul, um buraco negro em vez da janela aberta para o céu azul. Ele a pedir desculpa, a agarrar-me a mão. Eu perdida num lugar desconhecido, com vontade de mandar a minha vida à merda e de revelar ao mundo o cretino que ele era. A vontade que me deu de contar a toda a gente:

– Violento, mentiroso, manipulador, menos que zero. Um criminoso.

A vontade de lhe rasgar a vida, de sacudir os pedaços de papel que me restassem nas mãos e fazer desaparecer a história que partilháramos.

Quem me dera ter sido capaz de o tirar do quarto com murros e

pontapés, de lhe ter cuspidido na cara por todas as vezes que mo fez a mim.

O seu cheiro quando me beijou na testa. O trato exemplar com a médica, muito preocupado comigo, muito atencioso com a Rita, muitos conselhos para ter coragem porque ia correr tudo bem. Ele era feito de mentiras por dentro e por fora, mas eu ainda não tinha compreendido a dimensão da personagem nem o filme de terror em que vivia.

\*

– Pode ir embora à vontade, eu cuido dela.

Foi o que disse à minha mãe e eu, que não a queria preocupar mais, garanti:

– Vai que eu fico bem.

Ele chegou pouco depois, foi ao quarto e ficou a contemplar-me com um grande sorriso.

– Ainda bem que já estou em casa.

Fitei-o sem expressão.

– Custa-te mostrar que ficaste feliz por me ver?

Sentia-me amassada, sabia que a recuperação seria dolorosa.

Antes de lhe responder, virou costas e desapareceu. Só voltei a vê-lo três dias depois, quando decidi bater-lhe à porta do quarto, tentando perceber o que se passava.

– Vieste queixar-te?

Explicou que não era meu criado para ter de me levar comida de duas em duas horas. Era o que faltava ser ele a tratar de uma puta, agora toda rasgada.

Chorei de dor e de impotência. De culpa e vergonha por permitir que vivesse em minha casa e me matasse todos os dias um pouco. Chorei pela incapacidade de mandá-lo embora, pela raiva das pretensas saudades que ainda sentia dele, pelo magnetismo que ainda exercia em mim.

Chorei o amor que lhe tinha, o quanto me enganei e fui enganada. Chorei o passado e o futuro. E depois parei porque já não tinha forças para verter mais uma lágrima.

\*

Ouvi a porta do quarto dele, passos muito cuidadosos no corredor. A porta do meu quarto estava entreaberta e ele entrou sem dizer nada, deitou-se ao meu lado, abraçou-me e pediu-me desculpa. Tinha ficado zangado por não o ter recebido com paixão.

– Eu amo-te, tu sabes.

Explicou que havia dias em que ficava lixado e precisava de tempo para

recuperar:

– Para resolver estas merdas um gajo precisa de tempo.

Encostou os lábios ao meu pescoço, as mãos desceram pelo meu ombro esquerdo até às costas. Segredou-me ao ouvido as saudades que tinha, o quão maravilhosa eu era e o envergonhado que estava por me ter insultado, que putas eram aquelas que andavam pelo Bairro Alto a tentar engatar gajos. Pedi que me virasse para ele. Respondi que precisava de dormir.

– Não sejas assim.

Passou-me a mão na nuca, aproximou o nariz da minha cabeça e cheirou-a. Prendeu uma mecha do meu cabelo com suavidade. Eu estava de costas, ele encaixado em mim.

Afastei-lhe a mão e pedi que fosse embora. Ele respirou lascivamente ao meu ouvido e senti o seu sexo roçar nas minhas pernas. Pedi-lhe que parasse, os movimentos que fazia magoavam-me, o meu corpo estava dorido, precisava de descansar.

Precisava de desaparecer.

– Há quanto tempo não fodemos?

Eu sem conseguir mexer-me.

– Isso nunca foi um problema.

A minha dor. A tesão dele.

Tentei que parasse, ele prendeu-me as duas mãos.

– Por favor, vai-te embora.

Baixou as calças de fato de treino e puxou-me a camisa de dormir para cima.

– Para. Estás a magoar-me.

– Confia em mim.

As lágrimas que julgava já não ter pingaram nos lençóis.

\*

Na minha cabeça afastei-o, atirei-o pela janela, gritei-lhe com tanta força que a minha voz o fez cair no asfalto, como se fosse um saco de plástico cheio de lixo, a ser açoitado pelo vento, para muito longe de mim.

Não o conseguia deter. Tirou-me as cuecas e enfiou-se dentro de mim sem vacilar. A minha cabeça pediu-me que fugisse, mas o meu corpo não tinha força para se mover.

E aquela dor enquanto me violava.

Ele é meu namorado, estou a exagerar, tentava convencer-me, aturdida pelo cheiro a sexo e ao penso que me cobria as costuras. Mordi o lábio para calar a dor e a boca soube-me a sangue. Chorei baixinho para ele não ouvir. Lembrei-me de ser pequena e sentir medo do barulho, receio de que me batessem ou castigassem, de que se esquecessem de mim.

A mão dele tapou-me a boca. Levei as minhas mãos à barriga para tentar

protegê-la das investidas.

– Cala-te, puta. Só tens o que mereces.

Repetiu que eu merecia e que gostava daquele tratamento. Que só servia para foder. Aquele filho da puta que agia como meu dono, fazendo de mim o que entendia, estava cada vez mais excitado.

Prestes a atingir o orgasmo, urrou de prazer. Eu continuei a gritar por socorro sem emitir qualquer som. Ficou tudo dentro de mim.

\*

Quando abandonou o quarto, deixou-me entregue à minha sujidade e à minha doença.

O meu corpo dilacerado permaneceu na sua insignificância, alheio ao misto de espanto, repulsa e incompreensão:

Mãe, protege-me.

## Robert Smith

Desliguei o telefone. Naquela altura, os meus pais ligavam-me quase sempre ao fim da tarde. Estávamos a cuidar da nossa relação como nunca. Foi um tempo de muitas conversas, algumas à distância, outras em mesas de café. Ganhei coragem para lhes explicar o que me levou a fazer o que nunca entenderam. A coragem de quem está à beira do abismo, com a certeza de não pretender atirar-se. O meu pai segurou-me com as suas mãos quentes. A minha mãe abraçou-me, entre lágrimas.

– Desculpa.

– Amo-te.

Devo aos meus pais a vinda para Lisboa, sem a ajuda financeira deles teria sido impossível. Demorei um mês a arranjar trabalho.

Comecei a servir bebidas e a passar música num bar, à noite; durante o dia ia para a faculdade. Os meus pais garantiram-me tudo o precisei para tirar o curso de Jornalismo.

Andava entusiasmada, a proximidade dos meus pais tranquilizava-me. As saudades da vida que deixara para trás começaram a misturar-se com o brilho da cidade nova, passeava nas ruas à procura do dia em que a sentisse como minha, o que viria a acontecer anos mais tarde.

\*

Tomei um banho quente antes de sair de casa. Tinha acabado de chegar das aulas e preparava-me para uma longa noite de imperiais, em copos bem gelados. Bares, discotecas, pessoas encostadas ao balcão com dinheiro na mão e álcool no corpo. Divertia-me, sentia-me acompanhada no meio de tanta gente, enquanto observava a vida a acontecer: as discussões de namorados motivadas por copos a mais; os primeiros beijos de tanta gente – uns como se estivessem num filme romântico, outros engalfinhados como num filme pornográfico. Imaginava-os em bailados, nos quais eram dançarinos principais. Os corpos dissolviam-se nas partículas do ar que girava, suave, à

sua volta.

Tantas vezes me emocionei com este quadro que se pintava à minha frente e me vi a saltar na pista, em êxtase com as músicas de que mais gostava.

*However far away, I will always love you....*

Uma miúda de cabelo despenteado e uns olhos muito brilhantes – não sei se das luzes, se da alegria – dançava feliz à minha frente. Como a felicidade alheia sempre me comoveu, talvez por fingir que era um bocadinho minha, senti uma lágrima a formar-se nos olhos. Mas em vez de me entregar a ela, bebi metade de um copo de *vodka* de um gole.

\*

Há músicas que de tão pessoais se tornam universais. Queria que a letra daquela canção de amor fosse minha. Quando teria direito à minha história, a um amor que me fizesse sentir em casa, que fizesse de mim uma pessoa inteira, mais divertida, mais eu?

Fui à casa de banho enquanto Robert Smith cantava para mim.

O espelho perguntou-me de quem continuava a esconder-me e exigiu-me respostas que ainda não tinha prontas. Acusou-me de matar a minha felicidade com a ânsia de ter um namorado, com a habitual incapacidade de me sentir suficiente, a eterna fuga de mim própria.

Baixei os olhos sem conseguir encarar-me. Tinha vergonha de mim.

A música estava a terminar e tinha de regressar à cabina de DJ, mas o espelho confrontou-me mais uma vez: quando deixares de me virar as costas, estarei aqui à tua espera.

## Lá vem ele outra vez

Lisboa ensinou-me quão implacável podia ser. Fui assaltada duas vezes: uma no metro, quando me levaram a mochila com tudo lá dentro; a outra junto ao Largo do Camões, um idiota que me arrancou o telemóvel da mão, acabado de carregar com 25 euros, embrenhando-se em fuga no labirinto de ruas do Bairro Alto. Eram 4h da tarde.

Também foi mais ou menos a essa hora que vi dois tipos a tentarem matar-se à frente da esplanada onde me sentara. Uma troca de injúrias fê-los aproximarem-se:

- Estás a olhar para onde, preto de merda?
- Deixa-me em paz, filho da puta.

Agarraram-se tomados por uma raiva descontrolada, a bota do branco racista na cara do outro, um jorro de sangue a sujar as pedras da calçada:

- É hoje que vais morrer, cabrão. Devias ter ficado na tua terra.

O outro tirou um canivete ferrugento das calças e, num movimento brusco, espetou-o nas costas do inimigo.

Pareceu-me ouvir o som da carne a rasgar e o grunhido que o homem soltou. A *T-shirt* branca transformou-se num quadro vermelho. Foi-se embora a cambalear enquanto a polícia corria na nossa direção.

A esplanada ficou suspensa: cigarros que não se fumaram, cafés que não se beberam, sumos que não foram servidos e conversas que ficaram a meio. Tudo engolido pelo vácuo do susto.

\*

Quando a tarde voltou a existir, fiquei sem saber para onde me virar. Momentos antes o tipo do canivete tinha-me pedido o telemóvel para fazer uma chamada – respondi que não tinha saldo. Perguntou-me se queria alguma coisa e mostrou-me uma mochila cheia de CD roubados e sacos com placas que pareciam ser de haxixe, mas o mais certo era serem de louro prensado.

Assustou-me, confesso, mas estava numa esplanada, rodeada de gente, o



sol brilhava, os carros eram formigas a atravessar a ponte. Percebi que Lisboa era uma cidade sem medos, mas perigosa.

Fiquei apavorada com o regresso a casa, a ideia de me levantar provocou-me náuseas, ficar ali sentada deixava-me tonta. Precisava de ir embora e não sabia como. Estava sozinha. As minhas mãos ficaram dormentes, tentei agarrar a mochila enquanto me apoiava na mesa. Tinha o rio à frente, na outra margem, o Cristo-Rei, de braços abertos, olhava para mim.

Procurei respirar com calma e afastar o aperto na garganta, o incómodo da camisa a colar-se-me ao corpo, do suor. A mochila caía-me das mãos e não encontrei força para a segurar.

Lembrei-me da minha única viagem de avião e da sensação quando levantara voo: um aperto na barriga, uma dor lancinante no peito, a respiração acelerada, suores frios. A proximidade da morte, o medo de morrer sentada na cadeira gasta do avião – e na da esplanada.

– É um ataque de pânico – disse-me a hospedeira.

– Beba água, devagar, e acompanhe a minha respiração. Vai passar.

E passou. Deixou-me devastada, mas passou.

Lutei para controlar a respiração, vi um avião cruzar a ponte na nossa direção, com o ronco ensurdecedor cada vez mais próximo, e despenhar-se sobre nós. Corpos mutilados, gritos de socorro, fumo, destroços, eu sem saber se estava morta ou viva.

Voltei a concentrar-me na respiração. Um carro desceu a rua, entrou pela esplanada a alta velocidade e atropelou o carrinho de bebé que descansava duas mesas ao lado da minha. A chupeta voou por entre as cadeiras abalroadas. Vi-me ferida, feita em pedaços. Ao fugir, as pessoas pisavam os meus restos, eu sem saber se estava morta ou viva.

Procurei beber um novo gole de água, pequeno e cuidadoso. Arranhou-me a garganta de tão ressequida que estava. Limpei o suor da testa com a mão trémula e ouvi uma voz familiar:

– Por aqui?

O facto de reconhecer aquela voz teve um efeito calmante, antes mesmo de o meu cérebro a encontrar na base de dados, ocupado como estava a controlar o meu ataque de pânico.

Olhei por cima do ombro, devia estar com um ar desorientado, mas esforcei-me por disfarçar.

– Ricardo?!

Foi um espanto vê-lo ali, depois de tanto tempo sem saber do seu paradeiro, com quem estava e a fazer o quê. Perguntou se podia sentar-se.

Tinha deixado o fim da história com o Ricardo no meu passado, mas, quando ele se sentou, a minha cabeça rebobinou a paixão que me consumira. Sacana da solidão. Apanhou-me de novo desprevenida e abraçou-me, de forma poderosa.

Nesse momento esqueci o quanto já tinha caminhado na direção da meta e percebi que cada gesto meu passou a ser motivado por uma vontade

incontrolável de estar com o Ricardo outra vez. Até me esqueci do ataque de pânico. Senti esse desejo tomar conta de mim como se eu fosse uma criança perdida a precisar que a levassem a casa.

\*

Sentou-se.

Na esplanada, a voz de Ian Brown parecia ter sido encomendada:

*Forget everything and remember, for everything a reason...*

Apesar do medo de sofrer, e do perigo de isso voltar a acontecer, investi sem pensar duas vezes. Estivesse eu com a Bia ou com a Bárbara e ter-me-iam posto no lugar – pelo menos teriam tentado. Quando metia uma coisa na cabeça, não havia quem me demovesse.

Ele pediu uma imperial.

Percebi a ponderação na escolha das palavras quando perguntei se estava a viver em Lisboa.

– Vim fazer o mestrado e fiquei.

Falou-me do bom que era viver na capital, ter tanta coisa diferente para fazer. Trabalhava no Parque das Nações e vivia nos Anjos.

– Há muito tempo que não nos víamos.

– É verdade.

– Estás diferente.

– Não estou nada, estou na mesma.

Talvez esteja um bocadinho diferente, admiti para mim própria.

Então e a Mónica, como ficou essa história? Pensei, mas não disse.

Mantive a catadupa de perguntas encerrada na minha cabeça. Parecia a liceal do primeiro dia em que o vi e, sem que ninguém ouvisse ou tivesse dado conta, murmurei: um dia vais ser meu.

## O rapaz que não sabia mentir

Trabalhava há pouco tempo no bar quando conheci o Miguel, um rapaz muito certo da sua opção em não ter namorada, mas que era um pinga-amor. O bigode bem aparado assentava-lhe bem na cara redonda e os olhos eram de uma doçura tal que ainda por lá se encontrava a criança que fora outrora. Todos os fins de semana vinha com os seus discos e girava-os até o bar fechar.

Passávamos a noite a trabalhar e num corrupio de *shots*. Ele escolhia as músicas, eu servia as bebidas. Às 5h da manhã, fechávamos a porta, arrumávamos e limpávamos o espaço.

O Miguel era um bem-disposto, a mim encantava-me o bem resolvido que era, a facilidade com que falava da vida, a leveza com que contava as suas histórias, mesmo as mais complicadas, e os planos que acumulava. Era doido por música, tinha vinis até dizer chega, uma coleção que herdara do pai, e andava sempre à procura de concertos e de espetáculos novos. Era um homem da noite, com a noção plena do que significa ter uma vida ao contrário, algo que, dizia, nenhuma mulher aguentaria:

– Os primeiros meses são muito bonitos, mas depois quando me vires a sair de casa todas as noites vais começar a passar-te.

Eu entendia. E amedrontava-me por ele:

– E quando fores mais velho, não tens medo de ficar sozinho?

– Nem sequer penso nisso.

\*

Numa dessas sextas-feiras à noite, depois de fechar o bar, seguíamos pela calçada numa risota de muitos copos. Estávamos bêbedos e com vontade de continuar. Virámos numa ruela apertada, escura e deserta. Dei por mim abraçada ao Miguel, num sorriso malicioso que o fez abraçar-me de volta.

– O que estás a fazer? – perguntou, enquanto me apertava contra ele.

Gostei do seu cheiro a baunilha e da pastilha de melancia. Os pelos macios do bigode roçaram o meu pescoço e arrepiei-me quando os aproximou

da minha boca. Fiquei excitada. Os pelos dos braços arrepiaram-se-me quando imaginei a sua cabeça entre as minhas pernas a lambe-me como um gato lambe a taça da água, sequioso.

Mordeu-me os mamilos por cima do *soutien* e apalpou-me o rabo.

O cheiro a lixo não nos incomodou e o casal que passava ao fundo da rua também não.

Beijámo-nos enquanto lhe abri o fecho das calças. Ele puxou-me a saia para cima e rasgou-me os *collants* de forma a poder entrar em mim sem ter de me despir.

Segurou-me os quadris e procurou uma posição que lhe permitisse enfiar-se o mais fundo possível dentro de mim. Gemi num misto de dor e de prazer. O suor dele misturou-se com o meu. Ardeu-me o seu orgasmo quando saiu das minhas entranhas, sujando-me as pernas e as meias rasgadas.

– Foda-se, não usámos preservativo.

\*

O Miguel voltou à Terra e eu também. Descansei-o, tomava a pílula, mas teríamos de fazer análises, o que aconteceu poucos dias depois. Respirámos aliviados com os resultados negativos para todas as DST, brindámos à saúde e, no ímpeto da nossa alegria, marcámos uma viagem para ver uma banda que adorávamos desde a faculdade.

E foi dentro do avião que nos levou a Dublin, o primeiro em que entrei na vida, que descobri o medo que tinha de voar. Primeiro aquele acelerar a fundo que nos cola à cadeira; depois a confusão do cérebro por ver o chão firme cada vez mais distante, sem hipótese de fuga. A tontura, o cheiro a gasolina, a morte certa depois de uma queda a pique sobre o oceano. O Miguel, de mão dada comigo, tentando acalmar-me, bem como a hospedeira com o seu diligente copo de água. Todo o caminho na iminência constante de um desastre.

Acho que só voltei a respirar quando já estava bem longe do aeroporto.

O concerto, num pequeno teatro, lindíssimo, contemplava uma mistura de cítaras, tablas e guitarra elétrica, envolvendo-nos num ambiente psicadélico onde por vezes se ouvia o piar de aves exóticas. Fiz milhares de quilómetros para ver os Kula Shaker, ultrapassei um ataque de pânico e regressei sã e salva, mais contida nos cenários catastróficos e orgulhosa da minha coragem.

\*

Quanto a mim e ao Miguel, ficámo-nos pelos discos e pelos copos ao balcão. Aquele homem não era de se prender, mas também não era de

defraudar ninguém. Essa foi uma lição valiosa que aprendi; a naturalidade com que algumas pessoas se assumem, independentemente do que os outros vão sentir ou pensar acerca delas, cultivando um amor-próprio que se sobrepõe a qualquer juízo de valor e que não as submerge, necessariamente, em vícios narcísicos e exercícios egocêntricos.

Nessa noite em que fodemos, limpei-me com um lenço de papel.

– É o que as putas fazem – disse-me um tipo com quem me deitei uma vez.

Fui para casa embalada pela minha culpa, crente de que o sexo casual e a concretização das minhas fantasias faziam de mim uma mulher suja e pecadora.

## Engana-me que eu deixo

Ainda não estava refeita do ataque de pânico nem da presença do Ricardo, quando me perguntou:

– Queres ir jantar a qualquer lado?

Tanto que tinha para lhe dizer e perguntar, e a única coisa que consegui foi cerrar os dentes e controlar a vontade de indagar se tinha namorada e como estava a Mónica. Tinha essas palavras na ponta da língua, mas elas pareciam ter vontade própria e não quiseram sair. Pensei no que teria a perder se a resposta não me agradasse.

Precisava de encerrar aquele capítulo do passado.

Olhei para ele a sorrir.

– Não tenho nada combinado.

Naquele momento, o Ricardo salvou-me, que é aquela coisa simples que eu ainda não conseguia fazer sozinha, tirando-me de uma esplanada à qual jamais voltei.

\*

Procurámos um restaurante barato e acabámos numa tasca com cheiro a batatas fritas em óleo queimado e a churrasco no carvão. Continuávamos a ser pouco esquisitos.

Uma bandeja de cervejas passou por nós, aproveitámos para pedir duas imperiais ao empregado que a carregava, perguntando onde nos podíamos sentar.

– Numa mesa vazia – respondeu, mal-humorado.

Sorrimos com cumplicidade e escolhemos uma mesa ao canto, encostada a uma parede forrada com cachecóis de dezenas de clubes de futebol.

– Se fosse há alguns anos, já tinhas pedido o livro de reclamações – brincou o Ricardo, disfarçando o nervosismo.

– Que exagero!

As cervejas chegaram e pedi ao álcool que nos ajudasse a descontrair.

Conhecíamos-nos bem e quis acreditar que ele estaria, tal como eu, a recordar o tanto que passáramos juntos. A nossa energia estava espessa, eu nervosa, ele atropalhado.

– A tua saúde?

Houve um momento de silêncio. Arrepiou-me a lembrança da noite em que ia morrendo nas mãos de uma parteira ilegal e dos dias seguintes, passados no hospital, a recuperar. Há memórias que ficam tatuadas na nossa pele, não se apagam, por muitos anos que passem.

– Já viste se tivéssemos um filho? – perguntei-lhe.

– Que grande complicação.

É um facto. Nunca um filho juntou um casal já desfeito. A quantidade de relações que se procuraram manter à custa desse álbi.

Que tolices nos passam pela cabeça de vez em quando. Na altura, passou pela minha que o facto de estar grávida do Ricardo permitir-me-ia ficar a seu lado. Olhando para trás, não ter aquela criança foi o que fizemos melhor.

– Ando bem.

– Que bom.

A conversa seguiu sobre trivialidades. Passámos da cerveja para o vinho verde, tirado à pressão e servido numa pequena jarra gelada. Servi-me de um copo. E a Mónica, como está?

Não me pareceu nada surpreendido com a pergunta, mas não teve uma resposta imediata. Recostou-se na cadeira e fitou-me como numa súplica para que lhe lesse os pensamentos. O meu coração batia tanto que o sentia na boca, nas palmas das mãos, na barriga.

– Não sei.

Aquelas palavras acalmaram-me um pouco.

– Queres mesmo que te conte o que aconteceu?

– Sempre quis.

Começou a namorar com a Mónica quando nos separámos, saíram de Portugal durante algum tempo, precisavam desse espaço. Quando regressaram, a relação tornou-se estranha, a Mónica afastou-se e ele perdeu a vontade de a chamar de volta.

– Acho que nos fartámos um do outro.

Culpava-se pelo que me tinha feito, por não ter tido coragem de me contar o que se passava. Jurou-me que aquele beijo que vi fora o primeiro.

– Mas, sim, tinhas razão.

– Razão em quê?

– A Mónica não facilitava e eu...

– E tu?...

– Entusiasmei-me...

– Porque não te separaste de mim?

– Amava-te.

Fiquei confusa. Como pode um amor suportar a mentira? Como podia amar-me, ser meu amigo e trair-me ao mesmo tempo?

– A falta de coragem é fodida.

– Pois é...

– Consegues perdoar-me?

Não saber a verdade durante todo aquele tempo só me envergonhou ainda mais. E humilhou-me. Ter-me-ia poupado tanto sofrimento se tivesse sido honesto.

Voltou a pedir desculpa e deu-me um abraço.

– Obrigada, Ricardo. A verdade liberta, sabes?



## Aí vamos outra vez

A nossa cabeça tem a capacidade extraordinária de ampliar as coisas boas quando o objetivo é voltar a aceitar de volta um homem que já nos fez mal, mas por quem sentimos uma paixão aparentemente irresolúvel. Assim me acontecia com o Ricardo.

Conversámos até o restaurante fechar, dividimos a conta e caminhámos pela rua, calados. Temi que a noite terminasse sem que lhe tivesse perguntado se tinha namorada. Na dúvida, garantia a mim própria que ele estaria descomprometido, a avaliar pelo à-vontade com que falava, pela troca de olhares e pelo abraço longo que me deu quando fumámos um cigarro no fim do jantar.

– Voltamos a ver-nos? – perguntou-me quando nos aproximámos da praça de táxis.

– Claro que sim.

Era tudo o que eu queria.

Respirei fundo e ganhei coragem:

– Queres vir comigo?

– Agora?

– Sim.

– Acho melhor não. – E deu-me um abraço.

Ainda dei por mim a querer perguntar porquê, mas felizmente consegui conter-me. Ele afastou-se de mãos nos bolsos e sorriso constrangido. Eu fiquei pregada ao chão. Caíram-me lágrimas de vergonha pela minha servidão.

Entregaste-te de borla e foste rejeitada.

Já devia saber que há coisas que não se pedem. E se ele não tivesse ido embora? Seria porque afinal também me queria ou porque lhe pedira que não fosse? Lembrei-me da quantidade de vezes que já tinha pedido a homens que ficassem ao meu lado e tive a dura certeza de que aquela não seria a última vez.

No dia seguinte, engoli o orgulho ferido e enviei-lhe mensagem a perguntar se queria beber uma cerveja à beira-rio. Respondeu de imediato que sim.

Demorei algum tempo a escolher a roupa, a arranjar o cabelo – queria estar perfeita. Conhecia-lhe bem as preferências: calcei as DOC, vesti umas calças pretas justas, uma *T-shirt* de alças com o Morrissey estampado e um decote que mostrava o início da minha tatuagem. Completei com o blusão de ganga da Levi's e garanti que o cabelo estava selvagem q.b.

Olhei-me ao espelho, senti-me bem. Estava feliz por ir ao encontro do Ricardo e o meu cérebro concentrava-se num único objetivo: voltar a tê-lo.

Liguei à Bia a contar os pormenores, mas ela não respondeu à minha felicidade no mesmo tom.

– Por favor, tem cuidado.

– Não podes ficar feliz por mim, simplesmente?

Respondeu-me que não, que não ficava feliz quando o que estava em causa era a minha felicidade. Ou a falta dela.

– Que mania de veres sempre o lado negativo.

– Que mania de te esqueceres do quanto sofreste por causa dele.

Pedi-lhe que confiasse, que não se preocupasse. E desliguei o telefone, cheia de certezas. Estava decidida a mostrar ao Ricardo o quanto o desejava. A nega da noite anterior tinha-me dado aquela determinação de ir até ao fim para alcançar o que pretendia. Calquei a minha atitude de submissão e transformei-me numa predadora.

\*

Vi-lhe o sorriso, ao longe, quando os nossos olhos se encontraram. Aproximou-se e senti-lhe o perfume – o mesmo de sempre. Memórias felizes, e outras nem tanto, atravessaram-me o pensamento. Mas já não queria saber do mau que ficara para trás, ele estava ali e isso significava que a vida nos daria uma segunda oportunidade.

Como não a aproveitar, questionava-me.

Trazia na mão uma pequena caixa.

– Lembras-te disto? – perguntou.

Nem queria acreditar quando percebi o que era. Tinha comprado aquela caixa logo no início do nosso namoro. Abri-a e sorri de entusiasmo com o que guardava: os dois bilhetes do primeiro filme que vimos, um charro enrolado há 10 anos, que caíra num copo de cerveja e que tínhamos posto a secar. Não tivemos coragem nem de o fumar nem de o deitar fora; uma fotografia nossa no concerto de Stone Roses, em Vilar de Mouros; um pequeno postal onde escrevera «Amo-te. Vai correr tudo bem», e que me deu quando fui operada.

Segurei o postal com todo o cuidado e abri-o. Lá dentro estava ainda a pétala que tirei da flor que o acompanhava e que guardei para que nunca se

perdesse.

– Onde estava isto?

– Num caixote com coisas que trouxe de tua casa quando nos separámos.

O passado cheirava ao perfume dele. E o futuro também.

Redesenhei ali mesmo a nossa vida. O Ricardo estaria curado da sua frieza e era agora um homem quente e afetuoso. Não voltaria a trair-me. Teria vontade de fazer amor comigo, sem que eu precisasse de pedir. Queria passear perdido por matas e bosques e deitar-se comigo numa cama de terra húmida. Aventurar-se-ia no meu corpo como se aventurava nos seus livros e pedir-me-ia em casamento, encostados a um pinheiro enquanto o sol se punha. Não voltaria a deixar-me pendurada para sair com os amigos, de *lingerie* nova, à espera que chegasse a casa depois do trabalho, no dia do nosso aniversário.

Deliciava-me com todos aqueles sonhos que, finalmente, poderiam ser concretizados. Agora crescidos, a transbordar maturidade, saberíamos construir a relação perfeita.

Não foi o que aconteceu.

Era incapaz de prever o futuro, mas os anos vindouros teriam a capacidade de me pôr à prova como nunca antes a vida ousara fazê-lo. E foi dessas experiências-limite, as que me mataram e das quais renasci, que surgiu a força e a capacidade de me aceitar que hoje me caracterizam.

O Ricardo estava sentado à minha frente, risonho e conversador.

– Que diferente estás – comentei, enquanto o observava.

– Não estou nada. Estou na mesma – respondeu, contando-me a verdade que fiz por não ouvir.

Havia fogo nele. Nunca o tinha visto assim e só eu sei o quanto adorei o novo Ricardo. Abri os braços e, sem pestanejar, deixei que todo aquele calor me queimasse.

## A história repete-se

Estamos vivas? Foi a pergunta que me fiz quando senti uma mão no ombro. O relógio à minha frente marcava 22h43. A última vez que tinha olhado para ele eram 19h35. Depois, a anestesia arrancou-me da realidade.

– Estás viva – disse-me o Ricardo, com a voz embargada –, mas agora tens de descansar.

Não conseguia perceber se ele estava mesmo ali ou se era um sonho. Não sentia a barriga nem as pernas, estavam dormentes. Havia sobre mim alguns cobertores com que tentavam manter-me quente e tubos que saíam de diferentes máquinas para o meu corpo. Ouvia-lhes o som ritmado que acompanhava o bater do meu coração.

Tentei espreitar por baixo das mantas, mas os meus braços tinham cateteres, pensos e agulhas e o pulso direito estava negro. Percebi que não conseguia mexer-me. Tinha náuseas e a boca muito seca. Pedi água e a enfermeira trouxe-me uma espátula com uma compressa enrolada, embebida em água morna. Chupei aquelas gotas como se fossem as últimas do planeta. Sabiam a madeira e a tecido. Tive uma sensação estranha que identifiquei como vontade de ir à casa de banho.

– Tem uma algália, não se preocupe.

Não sei bem como passou o tempo daquela noite. Tenho ideia de sentir, de vez em quando, a presença de alguém ao meu lado. Lembro-me da sede, da dormência do corpo e das meias muito apertadas até às virilhas. Estava algures entre o sonho e a realidade, sem conseguir distinguir ambos. Calculei que os sarcófagos que tinha à minha frente, um deles com o meu pai dentro, fossem parte de um pesadelo provocado pela *trip* da anestesia. Fechei os olhos, assustada.

\*

Três meses depois de ter recomeçado a namorar com o Ricardo, e um dia depois de fazer 32 anos, soube que estava grávida. Ficámos na casa de banho

minúscula de minha casa a olhar para o teste de gravidez sem saber como reagir.

Os meses tinham passado num ápice. Que apaixonada estava e que diferente parecia o Ricardo nas primeiras semanas, mas houve um dia em que acordámos e o velho Ricardo estava de volta, distante e frustrado.

– Mas sabes o quanto te amo – dizia, quando me via mais triste.

Era essa a nossa história: uma tristeza constante e a felicidade de ter ao meu lado o amor da minha vida. E há sacrifícios que têm de ser feitos, certo?

Amar é sofrer, verdade? Mentira.

Maldito amor cortês que estudei no liceu e cuja ideia se instalou em mim sem que tivesse qualquer ferramenta para o questionar. Um amor de subjugação e humilhação, sofrido e implorado, que tinha tanto de dor como de júbilo. Malditos filmes que me fizeram esperar a vida toda pela merda de um príncipe. Eu, a princesa desgraçada, ansiosa pela salvação. Eu que adorava toda esta submissão, sem perceber porquê. E também me culpava por isso, sem perceber porquê.

Como raio podia ter ao meu lado um homem resolvido, se a minha cabeça era um monte de confusões e tretas?

\*

– O amor é uma merda.

– Mentira.

Não sei onde ia a Bia buscar tanta clarividência. Tinha uma enorme habilidade para ver o que eu nem suspeitava. Hoje entendo, mas essa sua consciência apurada passou anos a fazer curto-circuito na minha cabeça.

A Bia sempre teve uma vida tranquila, mas calhou cruzar-se com um tipo que era uma besta. Um pouco mais velho e bastante agressivo. Ela não demorou muito nessa relação, encheu-se de coragem, mandou-o foder, levou dois murros na cara, foi enxotada a pontapé do carro dele e saiu de cabeça erguida, apesar das nódoas negras. Fez queixa na polícia, ele, cobarde, nunca mais apareceu. E a Bia nunca mais teve uma relação tóxica. Dizia-me muitas vezes:

– Foi remédio santo. Não hei de esquecer a lição que aqueles murros me deram.

Quem me dera ser assim, eu que vivo a cair nos mesmos erros. Há dias em que me apetece bater com a cabeça na parede até sangrar e expurgar a porcaria toda que vive cá dentro. Como posso libertar-me de ser quem sou?

O amor, dizia-me a Bia, o amor é outra coisa, é liberdade.

E eu, com uma perna em cada prato da balança, presa no meu limbo, sem saber para que lado pender, ouvia-a mas não a entendia. E fintei todas as perguntas, implacáveis, que me fez quando eu e o Ricardo voltámos a namorar.

- Achas mesmo que o Ricardo está diferente?
  - Mas é amor que sentem ou dependência?
  - E o que te faz estar com um homem que te traiu? Que te mentiu? Que te fez sofrer?
  - Será possível que já te tenhas esquecido?
- A vida estava a dar-nos uma segunda oportunidade. Se ele apareceu, por alguma razão tinha sido.
- A questão não é ele ter aparecido, é porque o deixas ficar.
- Ainda por cima, reapareceu num momento horrível, quando precisava de apoio.
- Foi tão bonito, Bia. Foi o universo; ele salvou-me.
  - Foda-se, tu não precisas que ninguém te salve de nada.
- Lá estava a Bia outra vez. Não a ouvi, segui em frente.

\*

Estávamos sentados na casa de banho, em silêncio. Eu estava grávida. Do Ricardo. Outra vez. Havia um turbilhão na minha cabeça e na dele também. O teste positivo entre nós.

Pôs a mão na minha barriga e chorou:

– Vamos ser pais. E vai correr tudo bem.

Abraçámo-nos como há muito não fazíamos. A caminho, estava a salvação do nosso amor.

## Não queremos grávidas gordas

Trinta e dois anos, grávida e feliz. Aluguei o meu T1 e mudei-me para casa do Ricardo, que era um pouco maior e tinha um quarto livre para o bebé.

Não demorei a sentir os enjoos da gravidez e os súbitos desejos, vindos do nada.

– Apetecia-me mesmo uma pera.

Nunca tinha comido tantas peras. E folhados de queijo e fiambre que o Ricardo ia buscar quentinhos, todos os fins de tarde, à pastelaria do bairro. E depois chorava. Chorava muito, mas não era de tristeza. Sei lá do que era.

– É das hormonas.

Um dia, a vizinha de cima bateu-nos à porta. Queria saber se estava tudo bem. Há mais de uma hora que me ouvia chorar e ficou preocupada. O Ricardo, com um sorriso tímido, desculpou-me:

– Está grávida.

E eu, no meu pranto incontrolável:

– E feliz.

Agarrei-me ao pastel acabado de sair do forno e deixei que me enxugasse as lágrimas.

Enjoei arroz, que adoro, e água. Só de pensar em água, vomitava. Não voltei a fumar e só me permitia beber, muito raramente, um Sumol de laranja. O médico desaconselhou bebidas gaseificadas. Também disse para não comer *sushi*.

– Odeio *sushi*!

Os meus pais andavam encantados, os pais do Ricardo também, e não tardaram a aparecer roupa, brinquedos, fraldas, banheira, carrinho, cadeirinha. Tudo aquilo de que precisamos para o nosso filho – ou filha.

O curso de Jornalismo teria de ficar em *stand-by*. Faltavam dois anos. Havia de conseguir. Continuei a trabalhar no bar, mas no turno da tarde. A barriga, que crescia a olhos vistos, dava-me sono e às 9h da noite estava a dormir no sofá. Escrevia artigos para uma revista, a convite de uma professora da faculdade que, por alguma razão, gostava muito de mim. Foi precisamente nesta revista que conheci a Rita e foi amor à primeira vista.

\*

A minha barriga estava enorme, diziam-me que estava bonita, mas eu não a via perfeita como as das outras grávidas. Queixei-me ao médico das dores abaixo do umbigo e de como sentia a barriga muito dura.

– São as contrações normais desta altura.

Na última ecografia que fizemos juntos, o Ricardo perscrutou o ecrã.

– É uma menina?

– É sim.

As lágrimas caíram-lhe pelo rosto. Abraçou-me. Estávamos felizes. As ecografias mostravam que estava tudo bem e que a bebé era saudável. Só tinha de ter cuidado com o peso.

– Não queremos grávidas gordas.

O médico mandou-nos escolher a maternidade para o parto.

Passaram quatro meses: de náuseas, desejos e medos; de muita expectativa e de muita felicidade.

\*

O dia terminava quando o Ricardo ligou a dizer que não me preocupasse com o jantar, compraria qualquer coisa a caminho de casa.

Jantámos no sofá a ver um filme. Eu estava particularmente enjoada. Doía-me a barriga e as costas e o filme tornou-se pouco mais do que uma sucessão de ruídos e imagens.

Pedi ajuda ao Ricardo para me levantar e foi quando pus os pés no chão que senti uma dor forte na barriga. Fiquei imóvel, de mão dada com ele, sem saber se era preferível sentar-me ou manter-me de pé. Outra pontada mais forte decidiu por mim e obrigou a sentar-me. Tive vontade de vomitar com a dor e pedi ao Ricardo que me ajudasse a ir à casa de banho. Não consegui. Fiquei no sofá com uma agonia que não parava de aumentar.

Não, aquilo não eram contrações, era uma dor contínua que parecia querer abrir-me a barriga ao meio.

Ouvi o Ricardo chamar uma ambulância. Lembro-me de pedir ao condutor que fosse devagar. Não sei quanto tempo demorámos a chegar ao hospital, mas sei que pedi que salvassem a bebé. Gritei com a dor dilacerante que sentia, gritei por um comprimido que me aliviasse daquele inferno, gritei pela minha mãe.

As portas abriram-se de par em par e a maca onde ia deitada voou na direção de uma enfermaria que, percebi depois, era uma sala de partos.

Eram 23h32. Esbocei um sorriso com a sorte da capicua e tentei entender como tinha passado tanto tempo desde que saíra de casa.

Olhei em volta à procura do Ricardo, sem sucesso. Pus a mão na barriga e a minha filha continuava lá dentro – que alívio.



Um grupo de médicos reuniu-se à minha volta.

– Vamos observá-la.

Abriu-me as pernas e enfiou uma sonda metálica na minha vagina. Sei que doeu, mas o meu corpo não reagiu.

– A minha filha vai morrer?

– Não, claro que não.

– E eu?

\*

Voltei a acordar deitada num lugar diferente. Demorei algum tempo a perceber onde estava. Ao meu lado, com a minha mão esquerda entre as dele, um médico.

– Sou o diretor de obstetrícia do hospital e vim dizer-lhe, minha querida, que está nas mãos de Deus.

Levantei-me da cama e empurrei-o com a força de uma mãe que protege a cria. Atrapalhou-me a bata que me vestiram. Desapertei-a e com o cinto que a atava à volta da minha cintura estrangulei-o.

– Estamos nas mãos de quem, estupor?

Vi-lhe o rosto a ficar roxo, a impiedade dos meus olhos refletidos nos dele. Matava-o em três tempos, era o que merecia.

Na realidade, vi-me deitada na cama a apertar o lençol, com a pouca força que me restava na mão esquerda.

– Como está a minha filha?

Cruzou a perna direita, silencioso, enquanto uma enfermeira entrava com um carrinho. Explicou que estava tudo bem com a bebé, mas que ainda era cedo para nascer. O objetivo era ajudar a mãe e garantir que a filha só nasceria depois das 35 semanas.

Tentei fazer as contas, mas não fui capaz. Sabia que faltava imenso tempo. Até lá, manter-me-ia deitada sem poder levantar-me.

– Nem para ir à casa de banho?

– Nem para ir à casa de banho.

A enfermeira aproximou-se e, sem me deixar refletir sobre o que acabara de ouvir, pediu-me a mão esquerda e enfiou-lhe um cateter, que lá ficaria até ao dia em que o meu braço inchou tanto que tiveram de o mudar para a mão direita. E quando a mão direita ficou um balão, e os meus braços negros, avisaram-me de que tinham de passar a tirar-me sangue nos pés ou no pescoço.

– Depois escolhe o que prefere.

\*

Levaram-me da sala de partos por um corredor muito comprido, com uma janela grande ao fundo, que permitia um vislumbre do céu. A cama guinou na esquina e entrou no quarto que já me aguardava. Tentei olhar para trás, para a vida que ficava para lá das portas do hospital – não consegui. Pensei se voltaria a ver-me noutro lugar e travei o choro, porque os soluços das lágrimas me fariam doer ainda mais a barriga.

O meu cabelo estava sujo e assim ficou durante 15 dias, o tempo que estive também sem lavar os dentes. Ninguém se lembrou e eu também não. Os pelos cresciam-me por todo o lado e estive mais de dois meses sem sentir a água do chuveiro a escorrer-me pelo corpo, sem sair da cama, à espera de que salvassem a minha filha antes que eu morresse.

A minha mãe apareceu, de braços estendidos na minha direção, os olhos inchados de tantas lágrimas que lhe molhavam a gola da camisola. Agarrou-me e senti todo o amor com que me abraçou. A força que trazia para mim era tanta quanta a fraqueza que senti nas suas pernas.

Atrás dela vinha o meu pai, com um olhar de desalento como nunca lhe tinha visto. Segurou-me a mão, baixou-se para me beijar, afagou o meu cabelo sujo e ficou com o rosto encostado ao meu, o choro preso num soluço de cujo som ainda hoje me recordo.

Ao quadragésimo nono dia olhei para o médico e disse-lhe:

– Não chego a amanhã.

Resignei-me, já não conseguia lutar mais.

## Os dias infinitos

De manhã, logo a seguir ao pequeno-almoço, apareciam duas auxiliares que me davam uma espécie de banho, punham-me a arrastadeira e mandavam-me ficar à vontade para fazer o que tinha de ser feito.

– Como? Como é que faço para ficar à vontade?

Nunca nada me tirou a dignidade como a impossibilidade de cuidar sozinha da minha higiene.

Estava a viver um pesadelo.

Começavam por me passar a toalha molhada e quente pelas costas. Desciam para os genitais, rabo e pernas. Eu abandonava o meu corpo nas mãos delas. De que me valia queixar-me? Fixava os olhos num ponto lá fora, bem longe do hospital, e agradecia por ter um quarto só para mim enquanto me imaginava de volta ao trabalho, à faculdade, à família e aos amigos. À vida, com a minha filha.

Tiravam-me sangue e davam-me medicação intravenosa oito vezes por dia, todos os dias. O meu quarto ficava afastado dos outros, mesmo em frente à sala dos enfermeiros. Sempre que escutava o barulho de rodas no corredor, sabia que estavam a caminho para me picar. Adormecia angustiada, sabia que me acordariam a meio da noite para injetarem um antibiótico e tirarem mais sangue. Os meus braços estavam pisados, as veias deprimidas, como eu. O corpo doía-me, mas a minha dor ia muito para lá disso.

\*

Os dias passavam, as semanas também, e de cada vez que perguntava aos médicos se já sabiam o que se passava comigo, a resposta era igual:

– Está tudo bem com a bebé, mas a mãe é uma bomba-relógio.

Passei a vida a sentir-me uma bomba prestes a explodir. Afinal, com razão.

Dizer-me exatamente o que tinha, isso nenhum médico fez. Tantos foram os exames, as análises, as ecografias e ninguém encontrou explicação

para aquilo que me matava. Hoje sei que só não me deixei ir, porque isso significava levar a minha filha comigo.

Toda a gente à minha volta tentava esconder o desespero – eu incluída.

– Que tipo de música gostas de ouvir? – perguntou-me o enfermeiro mais simpático do piso, num momento em que o Ricardo se despediu e saiu do quarto.

– De música feliz.

Era mentira. Adoro música que me faça sentir miserável. Sei que música devo ouvir para me libertar da tristeza e que álbuns pôr a tocar se o objetivo for atolar-me na minha merda. Naquele caso, valia a pena tentar animar-me.

O enfermeiro ligou o rádio, mas não suportei mais de cinco minutos. A cabeça doía-me; não tinha disposição para nada.

\*

O Ricardo chegava no início da visita e ficava comigo até o mandarem embora. A partir de uma certa altura, já ninguém lhe dizia nada. Deixavam-no ficar, simplesmente. Houve noites em que saiu do hospital quando já passava das 10 da noite. Ficava a olhar para mim, triste, desesperado, tantas vezes sem saber o que dizer. Barrava-me manteiga no pão, para o lanche, e cortava-o em pequenos pedaços que me dava à boca. Ao jantar, separava as ervilhas do arroz e temperava a salada com pouco vinagre, como eu gosto.

– Ontem ouvi-te dizer que gostas de música feliz, mas isso não tem lógica. Música feliz não é um estilo musical. Não podes dizer coisas à-toa. Assim, ninguém te levará a sério.

O Ricardo levava toda a arte demasiado a sério. Para mim, música, filmes, livros, eram expressões artísticas de outros que eu sentia e vivia a meu bel-prazer. Não tinha de dominar a arte do ponto de vista teórico para ser capaz de a sentir. Nunca fui de grandes teorias e esse era um traço que o irritava profundamente. Chegou a oferecer-me o livro *Cultura*, de um tal de Dietrich Schwanitz, tentando salvar a minha ignorância.

– Espero que gostes e que aprendas alguma coisa.

Nunca o abri.

– Mas, olha, não fiques chateada, ok? Só estou a dizê-lo porque às vezes parece que não percebes a importância que a arte tem.

Percebia, mas a minha verdade não era igual à dele.

– E livros? Queres que traga mais?

Do lado direito da cama, havia a mesinha de cabeceira com duas torres de livros, a minha companhia nas imensas horas que passava sozinha. Tinham de ser pequenos e leves, os meus braços não suportavam o peso de calhamaços. Não sei quantos livros li naquelas semanas, foram muitos, imensos, foram tantos que demorei muitos anos a conseguir dissociar o ato da leitura à maldita estadia no hospital.

Da primeira vez que abri um livro depois de sair do hospital, fui de novo transportada para aquela cama, onde esperei pela morte.

Durante algum tempo, ainda me forcei à leitura, mas acabei por desistir. Não conseguia voltar àquele pesadelo e os livros ficaram arrumados nas prateleiras, a apanhar pó. Teriam de passar 10 anos até ser capaz de pegar num livro, abri-lo e lê-lo de fio a pavio sem medo de morrer.

À esquerda ficavam as máquinas que me monitorizavam – e também à bebé. A porta da casa de banho estaria a cerca de um metro de distância, e a porta do quarto, entreaberta, permitia ouvir o burburinho do corredor, que só via uma vez por semana quando me levavam, deitada, a fazer exames. Ao fundo do quarto, uma pequena televisão, e na parede do lado direito uma grande janela onde encontrava a linha do horizonte.

Quantas vezes me perguntei se sairia dali viva. Nunca questioneei a vida da minha filha; para mim, era óbvio que nasceria com saúde. Nem que fosse a última coisa que fizesse, trataria de assegurar que aquela criança sairia de dentro de mim cheia de vida.

## Tinhas de ser tu

À distância, sinto que foi um tempo extraordinário o que passei deitada à espera de que o meu último dia chegasse. Tinha 24 horas diárias para gastar comigo e não podia fugir. Pela primeira vez, não podia fugir de mim. Estava lixada.

Nas duas primeiras semanas, chorei, barafustei. Fui indecente com todos os que me visitavam. Irritava-me o poderem ir embora e eu ficar. O simples facto de os ver de pé era uma afronta à minha condição de imobilidade.

Tudo ganhou uma dimensão gigante, como se eu fosse uma formiga e o mundo tivesse a ousadia de continuar a girar, depois de me espezinhar sem piedade. A vida tinha passado por cima de mim.

– Acordaste bem-disposta hoje, filha?

Acordei uma merda, pai. Acordei com a certeza de que a minha vida vai acabar. Porra, quem é que me salva desta vez?

\*

Passava os dias à espera de duas coisas: comida e visitas. Nos intervalos, lia, via televisão, inclinava a cabeceira da cama e pensava na vida que acontecia lá fora tão longe de mim.

E conversava muito com a minha filha. Contava-lhe como seria a vida quando nascesse: o pai ia ver com ela os melhores filmes, o avô ia levá-la ao futebol, a avó ia enchê-la de livros. Havia gatos à espera e uma cama que encheríamos de peluches.

Bom dia, Matilde, está na hora de acordar, saudava-a todas as manhãs.

Não houve um dia em que a minha filha não me ajudasse a encontrar força. Quando sentia a vida a querer abandonar-me, olhava para a barriga, enorme, e concentrava-me em salvá-la. Em salvar a Matilde, que me salvou a mim.

Sabia que a vida nunca mais seria igual, só não fazia ideia de como aquela história terminaria.

Aquela filha foi uma salvação, não a da minha relação com o Ricardo, que terminaria um ano depois, mas a de mim própria.

\*

É verdade que num domingo de manhã disse ao médico:

– Não chego a amanhã.

E mais verdadeira ainda é a sua resposta:

– Quem decide isso sou eu.

Talvez a decisão lhe tivesse sido comunicada pelo tal Deus de quem o diretor de obstetrícia me falara no dia em que cheguei ao hospital. Não que me tenha deixado tranquila, mas houve algo nas suas palavras que me fez acreditar que nem tudo estava perdido.

Nessa tarde, estava com a Bia, os meus pais e o Ricardo, quando senti uma dor lancinante do lado esquerdo. Pedi que chamassem o enfermeiro. Quando chegou, as dores já se tinham espalhado por todo o corpo.

Levaram-me para o bloco de partos, deram-me uma injeção para dilatar os pulmões da bebé e iniciaram um tratamento de 24 horas que travaria as contrações. A bebé ia nascer prematura, era um risco.

– Um dia que seja. Cada hora a mais é crucial.

\*

Tenho dificuldade em explicar como me sentia. Porque era só isso: uma sensação. A sensação de que a vida me escapava e que todos os meus sonhos, todas as minhas vontades, amores e desamores acabariam ali. Estava árida, por dentro e por fora, e arrisco dizer que conseguia observar-me de fora, como se estivesse por cima da minha cama, a flutuar no teto, atenta. Não experimentava medo, raiva ou dor. Sabia que a minha filha ficaria em boas mãos. Sabia que o Ricardo ia ser um pai extraordinário. Estava simplesmente à espera e isso fez com que fosse invadida por uma calma estranha.

Percebia a angústia do Ricardo, dos meus pais, dos meus amigos, mas não me sentia angustiada. Não sentia nada, era como se tivesse saído de dentro de mim. Nunca vivera nada igual. Era como se me tivesse entregado à inevitabilidade da morte e, como tal, não valia a pena resistir-lhe.

O meu corpo era uma massa à mercê de médicos, enfermeiros e auxiliares. Vestiram-me uma bata limpa e perguntaram:

– Que tal uma massagem?

Trataram-me como a uma rainha. Pentearam-me com todo o cuidado, cortaram-me as unhas das mãos e dos pés, lavaram-me os dentes. Até desodorizante me puseram.

Ao menos morro limpa.

O enfermeiro mais simpático do hospital entrou no quarto e fiquei feliz com a sua presença. Fez-me uma festa no rosto.

– Vai correr tudo bem. Tens a vida toda para cuidar da Matilde. Acreditas em ti?

E não saiu enquanto não lhe respondi:

– Acredito.

\*

A Matilde nasceu com 32 semanas, não pesava um quilo e meio, mas ao terceiro dia já respirava sozinha. Foi nesse dia que a conheci, que olhei para ela pela primeira vez e pude dizer-lhe: «Sou a tua mãe.»

Estava fechada na incubadora, tinha tubos no nariz e no umbigo. Toda ela era perfeição. As mãos tão bem desenhadas, com um minúsculo sinal no indicador direito, os pés mais pequeninos que os meus polegares, o cabelo ralo por baixo do gorro. O meu milagre. A minha vida inteira dentro daquela caixa e eu ansiosa por agarrá-la e nunca mais a largar.

A minha filha.

\*

Os médicos só perceberam o que se passava comigo durante a cesariana. De dentro de mim, tiraram a Matilde e um tumor de 20 centímetros, agarrado ao ovário esquerdo. Era maligno, pelo que um mês depois voltei a ser operada para que pudessem remover o útero.

Demorei muito tempo a permitir-me chorar a dor de não poder ter mais filhos. Tinha 32 anos, estava viva e a minha filha também. Quão injusta seria com a vida se chorasse as minhas tristezas.

Mas a vida não perdoa: se não lhe choras os sofrimentos, eles nunca mais te abandonam e vão crescendo até que te rebentam na cara, impedindo-te de respirar durante muito tempo. Foi o que me aconteceu.

Mas a minha filha salvou-me. Se não tivesse engravidado não estaria cá para contar esta história. Estou e devo-o à Matilde que, na sua condição mágica, me salvou não uma, não duas, três vezes. Esta era a primeira.



## A minha obra-prima

A maternidade faz de nós artistas. Era assim que via, e sempre verei a Matilde: uma obra de arte, que me liberta sempre que olho para ela e a admiro.

Desenganem-se: levar um bebé para casa não é um momento de absoluta felicidade, é um ato de tremenda coragem. Destruída na minha condição de mulher, saí do hospital – que fora a minha casa durante tanto tempo –, despedi-me das pessoas que ali continuariam a salvar vidas todos os dias, levantei-me da cadeira de rodas que me transportou à porta e senti, como se fosse a primeira vez, o chão firme debaixo dos meus pés. A sua solidez contrastava com o eu que me acompanhava, completamente desfeito. Mas, nos meus braços, levava a força que nunca tinha sido capaz de me reconhecer, a Matilde.

\*

Em casa, a minha mãe esperava-nos com a mesa repleta de tudo o que lhe pedi. Molhei os lábios com uma *mini* bem fresca, que me soube por toda a vida que resgatara, lambuzei os dedos com o azeite e os coentros dos camarões que saltavam na frigideira.

Na casa de banho, desviei o olhar do meu reflexo no espelho e concentrei-me no meu novo papel de mãe: um brinde à vida de absoluta submissão.

Todos à minha volta brindavam e respiravam de alívio pela primeira vez em muito tempo. Precisava de contar o que tinha vivido, mas ninguém estava capaz de ouvir. E foi assim que fiz o que tão bem sabia fazer: calei-me num silêncio amargurado.

Era impossível pedir-lhes que voltassem atrás, ao dia em que fui internada, e me ouvissem contar tudo o que passei, as dores, os traumas, obrigando-os a reviver uma realidade que queriam apagar. Eu também queria – mas não conseguia.

Estava irreconhecível, tinha 20 quilos a mais, a minha barriga era um estaleiro de obras deixado ao abandono, a minha pele estava baça. Não tinha roupa que me servisse e passava os dias de pijama. Não pude amamentar a Matilde nem lhe dar banho nos primeiros meses de vida, mal conseguia estar de pé. Não fiz quimioterapia nem radioterapia, mas a médica preparou-me para a menopausa precoce e bem a senti, encharcando-me o corpo de um calor e de um suor implacáveis.

Não contei o tempo que passou até olhar de novo para o espelho, mas foi muito. O Ricardo não voltou a tocar-me, acho que não conseguia. Tantas vezes o procurei quando se deitava, mas ele deixava-se ficar imóvel, um dia a seguir ao outro. Não o condenava. Sabia quão medonha estava: gorda e estragada.

\*

Quando acordei com um ataque de pânico, engasgada no meu vômito, percebi que o medo de morrer se sobrepunha ao amor pela minha filha. Decidi fazer terapia. Estava deprimida, as crises de ansiedade tornaram-se rotineiras e não podia permitir que a minha condição atrapalhasse o bem supremo que a vida me proporcionara. Foi com esse sentido de missão maternal, e ao contrário do que acontece a grande parte dos casais, que permanecem juntos em nome dos filhos, que decidi separar-me. Não suportava viver naquela casa mobilada de tristeza e frustração. A minha filha merecia muito mais do que uma mãe e um pai arrasados. Uma vez mais, aquela bebé tão pequenina e delicada levou-me na direção certa, salvou-me uma segunda vez.

A Matilde já é tão crescida e não há dia em que não lhe agradeça a vida que me deu. A Matilde nasceu de mim uma vez, mas eu já nasci dela várias.

## O escadote e o antidepressivo

Todos nos habituamos à solidão. Estava sozinha desde quando? Talvez desde que saí da barriga da minha mãe.

Sentia-me uma merda e a minha energia só me permitia uma tarefa: cuidar da minha filha. O pouco que sobrava, tentava canalizá-lo para cuidar de mim. Estava a aprender a fazê-lo na terapia.

O primeiro médico limitou-se a passar-me uma receita para um antidepressivo. Ainda estava com o Ricardo quando comecei a tomá-lo e ia morrendo outra vez. O comprimido acentuou o meu estado de desespero e, pela primeira vez, tive pensamentos suicidas. Na adolescência, quando me enfraqueci em comprimidos, não queria morrer, só chamar a atenção.

Os pesadelos tornaram-se diários, ao ponto de ter medo de adormecer. Ao pesadelo da minha mãe morta na banheira juntou-se um rol de atrocidades que a minha cabeça produzia, estivesse acordada ou a dormir. Os pensamentos macabros durante o dia agigantavam-se à noite.

Um dia adormeci e vi-me a subir um escadote sem fim. Subi sem parar nem olhar para baixo. Lembro-me de que a barriga me pesava muito e de que as pernas se enchiam de nódoas negras, tal era o esforço. Quando cheguei ao penúltimo degrau parei e olhei para baixo, surpreendida de quão alto subira, e deixei-me vencer pelo cansaço. Desisti.

Não estava capaz de trepar até ao último degrau, e voltei para baixo, num movimento que me fez acordar em pânico, encharcada em suor e a chorar compulsivamente.

Senti o peso da miséria a que tinha chegado. A meu lado, a minha filha a dormir, à espera de que eu fosse a supermãe que tinha prometido.

\*

Mudei de médico e de antidepressivo e recuperei, pelo menos, a capacidade de respirar fundo, que era algo que não fazia há muito tempo. Foi nesse ato que encontrei o caminho por onde devia seguir e separei-me do

Ricardo.

Não foi uma decisão repentina. Tentei chegar a ele, pedi-lhe que me ouvisse, que falasse sobre o medo que também sentiu. O pavor de regressar a casa de mãos a abanar, sem mulher e sem filha. O pânico de perder tudo num piscar de olhos. Ele não foi capaz. Fechou a dor dele, bem fechada, num quarto que nunca mais viu a luz. O T2 onde vivíamos transformou-se numa mansão de quartos fechados, persianas e janelas cerradas que impediam a passagem do ar puro e fresco oriundo do rio. Deixados à solta, os fantasmas avolumavam-se. Foi o nosso fim.

O Ricardo não conseguiu ser mais do que pai e defendeu-se como soube e pôde. Nos livros, nos filmes, nos discos, no trabalho e nos cigarros consumidos à varanda. Creio que também ele deixou de se sentir um homem, como eu deixei de me sentir uma mulher. E quando isso acontece não há muito a fazer, salvo se conseguirmos resistir.

Só desisti de mim no sonho do escadote, em tudo o resto, mal ou bem, mais depressa ou mais devagar, renasci sempre. Até quando morrer de vez, hei de garantir que a vida volta a brotar em mim. Quem sabe sob a forma de uma grande acácia em flor.

\*

A Matilde tinha pouco mais de 1 ano quando a pusemos na creche. De início ia só de manhã, para se habituar. Surpreendia-nos sempre: nunca chorou por ficar na escola e transformou-se numa menina extraordinária que todos, adultos e crianças, queriam ter por perto. Foi nessa altura que nos separámos. O Ricardo, num momento de total desespero, pediu-me:

– Não quero ficar sozinho outra vez.

Não havia como voltar atrás. Amava-o, sem qualquer dúvida, e sabia que ele, ao seu modo, sentia o mesmo, mas a minha missão era superior a mim, a ele, a nós. Tinha um medo enorme de ser uma mãe infeliz e não havia nada que pudesse demover-me da minha decisão. Obstinação, sempre com tendência para o lado lunar, daquela vez decidi-me pelo sol e pela luz. Na obrigação de ser feliz, permiti-me a tristeza que me salvaria de me anular outra vez e viver na invisibilidade, na tristeza e na frustração.

No entanto, o papel de mãe não é o único que merecemos e eu parecia ter-me esquecido disso.

No dia em que, já separada, voltei a encontrar-me à frente do espelho, ele arrasou-me com uma só frase: «A tua filha não é tudo na vida.»

Que grande sacana. Apeteceu-me parti-lo. Desfazê-lo em tantos pedaços quantos aqueles em que estava desfeita.

## Recomeçar, outra vez

Precisava de uma rocha que me prendesse ao solo. Daquelas que encontramos pelo caminho, mas das quais não precisamos de nos desviar. Pedras que amparam.

E sempre aquela voz impiedosa: «És uma triste.»

Precisava de braços fortes, pernas robustas, de um coração destemido, de alguém que levasse tudo à frente – eu incluída.

A guarda da Matilde era partilhada e, nas semanas em que ficava sem ela, deixava-me morrer no sofá. No início, separar-me da Matilde, que era a minha vida, deixava-me num choro incapacitante, amarrada à certeza de ser uma mãe horrível. Que mãe quer ver a filha só metade do tempo? Que mãe toma essa decisão?

Lá vai aquela que despacha a filha para casa do pai semana sim, semana não.

Que egoísta estava a ser, foi o que pensei durante muito tempo, submersa nas almofadas do sofá velho com saudades daquilo que nunca tivera: uma relação saudável com o Ricardo; uma relação saudável com um homem.

Só mais tarde aprendi o contrário, que aquelas semanas sem a Matilde me permitiam cuidar da mulher que sou para lá da mãe. Carregar baterias para ser a mãe mais perfeita que consigo. Perfeita na minha imperfeição. Uma mãe que não descarrega tristezas e frustrações nos filhos. Era meu dever máximo – meu e de todos os pais e mães do mundo – proteger a minha filha do que não lhe competia sofrer. Já bastavam as lições que a vida faria questão de lhe ministrar.

Os pais que aceitam que todas as emoções fazem parte da vida são aqueles que estão mais perto de serem perfeitos. Eu não podia ser menos do que isso. Tive de aprender a lidar com a tristeza de ver a Matilde ir embora, transformando-a em força e determinação.

Aos poucos, fui regressando à normalidade. Retomei os estudos e voltei a escrever na revista. Só não voltei a trabalhar no bar. Para além de não ter energia, tinha vergonha de aparecer em público. Decidi que só voltaria a «eventos sociais» quando coubesse nas calças de ganga tamanho 38 que me ficavam largas antes de engravidar.

Não sei o que me deu para ir ao jantar de aniversário da Rita dentro de um vestido vermelho justo. Devia ficar ridícula, mas isso não impediu que ele olhasse para mim e se apaixonasse. Ou fingisse que se apaixonava.

Que presa fácil fui, dói-me a recordação.

Aos olhos de alguém perspicaz como ele, não lhe escapou nenhuma das minhas fraquezas e necessidades. Foi por isso que olhou para mim e fingiu ver-me. E eu, incrédula com tudo o que estava a acontecer, monstruosa como me sentia, agarrei-me àquela boia de salvação que ainda por cima era um homem lindo como há muito não via. Deitei-me e deixei que passasse por cima de mim, sem dó nem piedade. Se imaginasse o que seria capaz de fazer com a minha vida, nunca lhe teria pedido: «Ajuda-me.»

É impressionante como, depois de tudo o que me acontecera, não tivesse aprendido que só eu me podia ajudar.

– Só tu te salvas – repetia a Bia.

Como não tinha percebido ainda como era forte?

– Como é possível que te olhes ao espelho e não vejas? – Insistia a Bia.

Se me tivessem contado a minha história como sendo a de outra mulher, teria ficado espantada com a sua perseverança, resiliência, determinação, mas como a história era minha, ignorei.

O meu reflexo era opaco, pensei que precisava de usar óculos. Era o que me faltava: sem ovários, sem útero, sem umbigo e com óculos.

O amigo da Rita era, nem mais nem menos, o homem que pedi, com insistência, à vida. E ela deu-mo, certa do tanto por que eu precisava ainda de passar para, finalmente, me encontrar.

## O monstro

Será que há casais que se leem poemas de amor? Que dão passeios, de mãos dadas, em silêncio, permitindo que o único som que exista entre eles seja o do amor que se têm? Será que há casais em que cada um se permite ser o que é sem medo? Sem vergonha? Sem culpa? Casais que conseguem discutir sem se atacar e humilhar? Que se amam tanto que as camas nunca ficam vazias e os corpos não se enrugam de dor?

Eu acreditava, cada vez menos, que sim.

Pode ter-me acontecido muito ao longo dos anos, mas um homem violento, descontrolado, doente parecia-me uma experiência-limite. Mais limite ainda do que a minha quase morte.

\*

Depois do episódio que tardei a assumir como uma violação, sabia que a relação acabara. Só não tive coragem, nem força, para agir de imediato. A Matilde ficava mais tempo em casa do Ricardo, que sabia o que se passava e se prontificou a ajudar no que fosse necessário. Na verdade, o objetivo era afastarmos a nossa filha de minha casa e do homem que lá vivia.

Desde a noite em que me tinha violado que passava os dias à espera da coragem que me permitiria mandá-lo embora.

Ainda estava a recuperar da cirurgia, e apesar de já poder ir à redação, passava a maior parte do tempo em casa. Ele continuava desempregado, durante o dia ouvia *podcasts* em frente ao computador, à noite saía e só regressava de madrugada. Não voltou a procurar-me. Vivíamos juntos, mas sozinhos.

Sentia a tensão de cada vez que nos cruzávamos e em certos momentos era inevitável que existisse algum tipo de interação. Perguntas sobre a pasta de dentes, o sítio onde estaria guardado o blusão castanho de cabedal ou um pedido de autorização para acabar com o arroz. No geral, estava sempre com um olhar de fúria e um tom agressivo. Eu andava em pezinhos de lã.

Nessa manhã, a Matilde estava em casa e ele levantou-se furioso com o riso que vinha do quarto dela.

Ela estava de pé, junto à porta, eu sentada no chão, rodeada de livros, legos, brinquedos. A minha filha completava 5 anos nesse dia.

Ele abriu a porta de rompante, olhou para a Matilde e berrou: «Pouco barulho, foda-se!»

Ela recuou, cambaleante, e agarrou-se a mim a chorar, tomada pelo medo.

Nesse instante decidi que o fim havia chegado. Independentemente dos problemas que arranjasse, das loucuras que tivesse preparadas para mim, a nossa vida em comum tinha terminado.

Custa-me admitir, mas quando começámos a namorar, foi um pai afetuoso para a Matilde. As brincadeiras pareciam não ter fim, a paciência para as birras era quase infinita. Protegia-a, cuidava dela, levava-a à escola, cozinhava-lhe as refeições preferidas. Depois, num dia em que o Ricardo e a namorada vieram almoçar connosco, como aliás era normal acontecer, tudo mudou.

– Passou o tempo todo a olhar para as tuas mamas. Não volta a entrar aqui.

O Ricardo podia ter sido mulherengo, mas aconteceu-lhe aquele clássico de que já ouvira falar: ao tornar-se pai, assumiu um comportamento exemplar com as mulheres, não fosse o diabo tecê-las: «Queres ser um merdas e, um dia, a tua filha pode apanhar um merdas como tu? Ou preferes ser um homem que trata as mulheres com respeito, acreditando que, um dia, a tua filha só vai aceitar alguém que se comporta da mesma forma?»

Mudou. Conheceu a Cristina que adora a Matilde. É recíproco, e nunca houve uma ponta de ciúme da minha parte. É um descanso.

Não havia rigorosamente nada entre mim e o Ricardo. Não voltou a haver, desde que nos separámos. Estava de corpo e alma entregue àquele homem.

Porém, desde o dia em que cismou que o Ricardo queria voltar para mim, a relação piorou e o comportamento com a Matilde também. A grua que a levava para a cama na hora de dormir transformou-se num grunhido de boa noite; no lugar do abraço protetor surgiram palavras de crítica; desapareceu o colo e a irritação era constante. Foram várias as vezes que tentei mudar as coisas:

– Para criticares como um pai, tens de amar como um pai.

Desempregado, sempre envolvido com outras mulheres e com uma cabeça doentia, assim era ele. Preso a mim, não tendo como viver sem o meu dinheiro. Passou a odiar-me, escondido no seu machismo de homem ofendido que vive ao lado de uma mulher independente. Imagino quão terrível seria para o suposto dominador lidar com a submissão em que as suas ações o



havam deixado.

Sabia que me tinha na mão, apesar de tudo, porque percebia o quanto o amava e quão longe estava ainda de conhecer a pessoa que verdadeiramente era. Porra, o tempo que demorei a perceber. Que cegueira!

Levantei-me com a Matilde no colo, ansiosa por tirá-la dali. Liguei ao Ricardo e fui levá-la. Estava combinado passarmos a tarde juntos no parque, com amigos, para festejar o aniversário.

\*

Regressei a casa com um nó na garganta, mas ciente da minha decisão. Ia com a determinação que nos toma quando temos de defender a nossa cria. Queria lá saber se me dava uma sova, ia pô-lo na rua.

Estava sentado na sala. Mal entrei, disse-me que eu tinha exagerado e que não era nenhum monstro que maltratava crianças.

– Acabou. Quero que te vás embora.

Ficou a olhar para mim atónito.

Tinha vontade de estalar os dedos e fazê-lo desaparecer. Quando o encarei não senti amor, senti nojo. Tive a mesma vontade de vomitar que senti quando, em miúda, um amigo dos meus pais me apalpou na garagem, ou quando entro numa casa de banho pública e o cheiro é pestilento, ou quando vejo um animal morto na estrada. O meu cérebro encheu-se daquele cheiro da putrefação. Transformei-o num monte de merda e ele não era mais do que isso. Queria vê-lo ir pelo cano abaixo.

De todas as reações, escolheu ajoelhar-se aos meus pés, agarrando-se às minhas pernas e suplicando, choroso:

– Perdoa-me por tudo. A partir de agora vai ser diferente, juro.

Já não acreditava em nada do que dizia. Aquele criminoso que me tinha violado, que me mantinha prisioneira da minha própria cabeça, ia sair da minha vida e da vida da Matilde.

Não estava a reconhecer-me naquele arrojo. Ainda não tinha chegado ao ponto de me salvar. Estava quase, mas foi a Matilde que o fez, de novo. Agradeço-lhe todos os dias e peço-lhe perdão por ter permitido que aquele homem fizesse parte das nossas vidas.

\*

Ali estava ele, ajoelhado à minha frente, dependente da minha vontade.

Na minha cabeça ecoaram as notas do Yann Tiersen que ouvira nessa manhã enquanto preparava o pequeno-almoço da Matilde. A minha força contrastava com as teclas do piano, suaves e tristes, e eu de arma apontada à cabeça daquele traste que se desfazia em lágrimas, a cara enfiada nos meus

pés.

Puxei o gatilho e disparei.

Mandei-o embora e saí de casa para o aniversário da Matilde.

## O jogo ainda agora começou

Quando voltei deveriam ser 10 horas da noite.

Durante a tarde, o meu telefone tocou tantas vezes que tive de o pôr no silêncio. Mal sabia que, daí em diante, assim se manteria.

Não havia uma única luz acesa e desejei que tivesse pegado nas suas coisas e ido embora. Ainda assim, caminhei com cuidado pela sala. Acendi a luz e ouvi a porta do quarto abrir.

Saiu de copo na mão, em cima da mesa da sala estava uma garrafa de uísque já meio bebida. Estava bêbedo.

Perguntou se podíamos falar com calma, jurou que tinha analisado o seu comportamento e que percebia as minhas queixas. Tinha mudado, mas isso devia-se à frustração que sentia desde que acordava até que adormecia. Uma angústia que acompanhava as horas, desespero por não ter dinheiro para partilhar as despesas. Vivia numa prisão que o impedia de ser independente e de cuidar de mim como merecia. Disse que me amava como nunca amara ninguém e que estava certo de que, juntos, conseguiríamos ultrapassar todos os obstáculos. Pediu perdão pelas agressões físicas, por ser tão ciumento.

– Já te viste bem ao espelho? És linda.

Afagou-me os dedos com a mão trémula e vi-lhe os olhos cheios de lágrimas. Estava sentado à minha frente, pernas abertas. Encaixou as minhas nas dele e fechou-as, com vigor. Pediu-me que lhe promettesse que não o deixava, que lhe acalmasse o coração e entendesse o sofrimento em que vivia. Pediu-me ajuda.

Não foi fácil manter-me imune às manobras de manipulação. Durante muito tempo, tentei chegar a ele, repeti à exaustão que queria ajudar. Quantas vezes lhe falei da raiva e de como podia geri-la, lhe pedi que me explicasse o que se passava e o aconselhei a fazer terapia. A resposta era sempre a mesma:

– Agora sou esta pessoa, se não gostas não é problema meu.

Que pessoa era essa, afinal? Só ele sabia.

Aquele ano fora terrivelmente confuso. Não tinha noção de quem ele era, do que seria capaz de fazer e isso só descobri depois de nos separarmos.

O álcool dava-lhe vontade de falar sem interrupções. Com plena noção de que qualquer palavra em falso podia ser-me fatal, fiquei em silêncio.

Cigarro atrás de cigarro, disparava frases que procuravam a minha empatia e solidariedade. Pediu desculpa por ter assustado a Matilde, falou dela com palavras afetuosas como se estivesse a falar do próprio filho, ideias feitas que pouco me impressionaram. Estava decidido a fazer terapia e a procurar um trabalho, fosse qual fosse. Ia para um café, para um *call center*, o que fosse preciso para não nos separarmos.

A noite estava amena, cheirava a primavera. Ao longe, o ruído da cidade vinha fazer companhia à minha solidão. Uma ambulância a atravessar a avenida enviou-me uma espécie de sinal de proteção. Ouvia-se a vida a acontecer.

Os limoeiros dos quintais abanavam suavemente sem se deixarem afetar por aquelas palavras que se perdiam no ar, como um balão que sobe e só se permite pousar no oceano. Desejei que se transformasse em pó e voasse até se afogar no mar.

O monólogo já ia no nosso primeiro encontro, o quanto nos apaixonámos, como o nosso amor era diferente dos outros.

– Fomos feitos um para o outro. Eu sei.

–

– Por favor, diz alguma coisa – pediu.

Eu já estava no futuro. Soltei a minha mão da dele:

– Tens de ir embora.

Levantei-me, ele permaneceu sentado. Fez um sorriso cínico.

– Que parte de O NOSSO AMOR É PARA SEMPRE é que não entendeste?

A frase fez-me estremecer de medo, mas não podia deixar que o sentisse. Tinha de ser capaz de me libertar, de controlar a situação.

O poder está em mim e não nele, pensei.

Repeti esta frase até à exaustão, enquanto assistia à transformação da criatura. Da vítima a quem tudo acontecia e que mendigava o meu amor, ao homem ameaçador que não me libertaria.

Empurrou-me contra a porta da varanda. Os vidros abanaram e temi que se partissem. Já na sala, encostou-me ao armário:

– Alguma vez viste o *Shining*? Que papel incrível o do Jack Nicholson, não achas?

E piscou-me o olho.

Pensei na Matilde e não cedi, mas deitei-me com a imagem de um louco que, a qualquer momento, podia matar-me com um machado.

## A ex-mulher e a mãe

Deitei-me a congeminar soluções e decidi fazer aquilo em que há muito pensava, mas que ainda não conseguira concretizar: falar com a mãe dele. Gostávamos muito uma da outra e senti que ela me entenderia. Assim foi.

Ficou transtornada com o que lhe contei, não era a primeira vez que ouvia queixas semelhantes. Em tempos, Mariana, a ex-mulher e mãe do Gabriel, havia-lhe revelado uma série de agressões e traições e ameaças. E deixara cair uma frase: «Vou garantir que arraso a vida dele tal como arrasou a minha.»

Com o afastamento de Mariana, as justificações dele ganharam contorno de realidade. Chorou no colo da mãe todas as indecências que a ex-mulher lhe havia feito, enquanto se instalava com conforto – e de graça – em casa dos pais.

– Achei tão estranho, a Mariana sempre foi um amor de rapariga.

Mas uma mãe acredita num filho.

Desta vez, talvez a Augusta estivesse mais alerta. Ou talvez eu tivesse explicado o que se passava sem resvalar no ódio e no desejo de vingança. Porque apesar de tudo o que me fez, não me passou pela cabeça vingar-me dele. Só queria que desaparecesse. E foi por isso que não lhe estraguei a vida como merecia. Estava tudo à distância de um clique, como me disse repetidas vezes.

\*

– Lembras-te das fotos que te tirei? Posso mostrá-las a toda a gente. Basta um clique.

– Sabes que sei tudo o que quero saber? Basta um clique.

Quando nos conhecemos, criou perfis falsos no Facebook e no Instagram, que usou para me pôr à prova. Contou-mo, meses depois, quando apareceu à porta de minha casa, aos gritos, insultando-me de tudo. Foi nessa altura que partilhou as mulheres que trouxe para minha casa quando eu saía

para trabalhar. O quanto se divertiu com elas na minha cama e o quanto adorou ver-me deitar nos mesmos lençóis onde se tinha vindo nas bocas delas.

\*

Augusta pediu-me que não contasse nada ao marido. Não havia necessidade de o incomodar, já não se davam bem e isso só deterioraria a relação. Disse-me que lhe ligava e falava com ele, ia pedir-lhe que fosse passar alguns dias com eles.

Mas ele não foi a lado nenhum.

Só voltaria a falar com a Augusta um dia depois de ele sair de minha casa.

Senti-me numa posição desconfortável. Estava a mandar embora o homem que amava, desempregado e que se orientava mal em Lisboa.

– Não tenho para onde ir. Tens coragem de me pôr na rua?

Não foi fácil deixar de assumir como minhas as responsabilidades da vida dele, mas ainda lhe permiti ficar mais duas semanas.

\*

Passou a dormir no escritório. Andava sorridente, submisso, atencioso. Voltou a fazer panquecas de banana com canela e omeletas de tomate e orégãos.

Todos os dias lhe perguntava se já tinha encontrado uma solução. Ele respondia que não, que me amava e que íamos ficar bem.

Fui irredutível. Ao fim das duas semanas, avisei que tinha de sair. Ele bateu com a porta do escritório e berrou:

– Fico à espera de que me tires daqui.

Liguei à Rita e à Bia, que se prontificou a apanhar o primeiro comboio da manhã, e a um amigo dele que me inspirava confiança. Pedi-lhes ajuda, que viessem ter comigo e mo tirassem dali.

Assim fizeram. Às 11 da manhã entraram em minha casa e explicaram-lhe que tinha de sair.

Chorou agarrado à Rita, ao amigo, à Bia. Estendeu-me os braços e pediu-me que nunca esquecesse o nosso amor. Evocou a dor de me perder, a mágoa consigo próprio por não ter sabido fazer melhor. Não queria ir. Deixar-me era morrer.

\*

Quando as malas de roupa ficaram do lado de fora, pedi-lhe as chaves. Arrasado, argumentou que ainda tinha coisas para levar.

– Achas que vou entrar sem a tua autorização?

Perante todo aquele pranto, acreditei que não o faria. Sem me passar pela cabeça que poderia entregar-me a chave já depois de ter feito uma cópia. Que foi aquilo que ele fez.

Saiu pelo pé, mas parecia ir deitado num caixão, preso numa morte fingida.

## Perseguição

O Quim pôs os sacos no carro e foram embora.

A Rita e a Bia perguntaram-me se queria almoçar numa esplanada e aproveitar o sol. Não me senti capaz.

Fechei a porta e as janelas. Enclausurei-me.

Senti a casa vazia, como se eu não estivesse lá dentro. Afligiu-me saber que não tinha ido embora de vez. Pensei no trabalho que teria pela frente, a esquecê-lo e a perdoar-me.

Ele estava em todos os cantos da casa. Nos candeeiros de cada divisão, nos talheres dentro das gavetas, no colchão da minha cama. O cheiro dele permanecia na minha roupa e no meu corpo. Frustrava-me a ideia de que o homem da minha vida era uma fraude.

Deitei-me no sofá, afogada na culpa e na vergonha. Peguei no telefone, não havia mensagens novas nem chamadas por atender.

\*

No dia em que lhe dei o primeiro beijo, senti que a vida ia mudar. As minhas pernas fracas ganharam uma força que não parecia ter origem em mim. A confiança dos primeiros meses levou-me para dentro de um conto de fadas que era meu e só meu.

Que bonito é o amor, pensava.

Que feliz estava. O tanto que havia esperado por alguém assim, quanto havia chorado e evocado um amor assim enquanto me mantive ao lado do Ricardo e depois com outros homens com quem me envolvi. O que eu fantasiei enquanto lavava a louça sozinha, quando me ajoelhava a esfregar a sanita, a dobrar a roupa dos dois, sempre a pedir que me vissem. E sempre sozinha.

Este homem era tudo o que eu nunca tinha tido. Um homem com tesão por mim e que, acima de tudo, me amava. Sabia a culpa que eu arrastava, partilhei com ele os meus piores segredos e, mesmo assim, ficara ao meu lado.



Eu, uma mulher imperfeita por excelência, arrasada na minha feminilidade, de mão dada com um homem praticamente perfeito.

Mais tarde, foi a mão que me segurou que me deitou ao chão sem piedade. O que ele me trouxe não foi amor, foi medo e agonia. Foi sadismo e escuridão.

Como pude ser tão burra e tão ingênua? Como pude partilhar as minhas histórias, os meus sonhos e as minhas fantasias? Que vergonha.

Vivi com ele pensando que a honestidade era a nossa grande aliada e afinal... Disse-lhe tantas vezes que a traição não implicava uma terceira pessoa, estava em qualquer mentira que se contasse, nas emoções que não se partilhavam, na violência dos atos e das palavras.

– Nunca te traí.

De onde me vinha a cegueira? A necessidade desesperada de encontrar alguém que me salvasse. Alguém que me fizesse sentir aquilo que nunca sentira: ser suficiente.

Eu era suficiente para ele, o primeiro homem de quem não me escondi. E, ao expor-me, tornei-me ainda mais submissa.

Considerava-o o meu salvador. E amei-o ao ponto de lutar contra a realidade: não se ama quem nos faz mal.

Percebi que ainda não era capaz de me encarar e de me aceitar, de me amar. Como pude julgar que aprenderia a fazê-lo com alguém que não eu própria?

Estava arrasada e não sabia de quanto tempo precisava para me recompor.

\*

Senti o telemóvel vibrar debaixo da minha perna. Era uma mensagem dele, a primeira de muitas. Tantas que o som do telemóvel se tornou uma banda sonora infernal e tive de o silenciar.

Mais tarde, venceria a vontade incontrolável de ler tudo o que escrevia, mas ainda não tinha chegado a esse ponto. Por isso, ocupei o resto do dia a ler os lençóis de lágrimas que me foi enviando. Mensagens de tristeza absoluta e de uma vitimização tal que me colocavam, no papel de salvadora. A dona da sua vida.

\*

Ao longo dos meses que se seguiram, as mensagens e os telefonemas sucederam-se impiedosamente, como se estivesse numa montanha-russa sem saber quantos *loops* me aguardavam ainda: perdão, comiseração, amor intenso, raiva, ameaça; perdão, comiseração, amor intenso, raiva, ameaça, até

à náusea.

Pensei na quantidade de mulheres, e de homens, que estariam na mesma situação. Naqueles e naquelas que teriam sobrevivido a relações tóxicas e violentas. Como estariam? Teriam sido capazes de ultrapassar a dor? A humilhação? O medo? Teriam aprendido a ver os sinais ou ter-se-iam envolvido em mais relações abusivas? Teriam conseguido voltar a relacionar-se com alguém?

Pensei também em quantas mulheres teriam a autoestima tão baixa quanto a minha e onde andariam para que pudesse partilhar com elas o que sentia, perceber se era o mesmo que eu.

Precisava desesperadamente de um sentido de pertença, como o que as minhas amigas me deram quando as conheci. De alguém que entendesse o tudo que estava a acontecer na minha vida.

«Nunca ninguém vai amar-te como eu», dizia uma das mensagens.

E se ele tivesse razão? Vi-me como perdulária do maior amor de sempre.

\*

Hoje olho para trás e entendo os erros que cometi, incapaz de me proteger. Entendo todas as manobras típicas que usou para me controlar. Aprendi que num amor verdadeiro serás sempre incapaz de dizer ao outro: «Nunca ninguém vai amar-te como eu.»

Quando amas, sabes que aquela pessoa é tão extraordinária que pode ter nos outros o efeito que teve em ti. Pode ser amada por todos os seres humanos do mundo, mas foi em ti que encontrou o encaixe perfeito. E se deixar de ser assim, por muito que doa, tens de deixá-la voar.

E esta é a grande diferença entre amar e subjugar. É por isso que o amor é um sentimento de liberdade e a obsessão uma forma de aprisionamento. E é por isso, também, que o amor é tão difícil de encontrar, se não impossível.

## Atração fatal

Acordei às 7 da manhã no sofá, com dores nas costas. Tinha a cabeça tão pesada que fiquei tonta quando me levantei. No telemóvel, 32 mensagens novas.

Tive medo de as abrir e do que pudesse lá estar escrito, do efeito que teriam em mim, das saudades que poderiam provocar-me.

Não me contive e li-as todas. Que abismo separava a primeira da última.  
*Amo-te tanto. Não volto a fazer-te mal. Acredita, por favor.*

*Tenho nojo de mim, foste a maior porcaria que me passou pelas mãos.  
Quem me dera que morresses.*

Por alguma razão, os meus olhos leram esta última mensagem várias vezes, tal como acontecia com todas as palavras de ódio que me enviava. Parecia gostar do que a agressividade dele me provocava, como se fosse uma droga de que continuava a ressacar. Uma droga de que precisava para viver. Aceitar a minha atração pelo agressor e desconstruí-la, não foi fácil.

\*

Passou mais de um ano até ser capaz de ignorar as palavras que me enviava. Mais de um ano para o bloquear – no telemóvel e em todo o lado. Comecei pelas redes sociais, mais tarde fiz o mesmo com o telemóvel e o *email*. Não o bloquear dava-me a (falsa) sensação de que podia prever os seus passos e perceber em que estágio de loucura se encontrava.

Lavei a cara e fiz café. Quis sentar-me no sofá, mas senti que me faltava o equilíbrio. Percebi que caminhava sobre um arame muito fino, que se adaptava diariamente aos meus pés, era um passo de cada vez para chegar ao outro lado da minha vida, o lado iluminado.

Escutara certa vez uma música – *A Espera É um Arame* –, cujo título, curioso, me prendera a atenção, mas que não consegui compreender na plenitude. Até ao dia em que recomecei a minha vida sem ele.

Torcia pela celeridade do futuro e de nada me valia ficar sentada no sofá

à espera de que tudo se resolvesse como que por magia.

\*

O telefone vibrou. Era uma chamada dele.

A minha cabeça disse-me para não atender, o meu dedo carregou na tecla verde.

Do outro lado, o desespero.

– Não aguento viver sem ti.

Pedi-lhe que se acalmasse, ainda que soubesse que era um pedido em vão. Não sabia o que lhe dizer. Ele estava inconsolável, pedia perdão como se a vida dependesse de uma palavra saída da minha boca. Pelo meio do seu choro, tentava acalmar o amor que lhe tinha concentrando-me apenas no que precisava para ficar bem. E isso era mantê-lo longe.

Por mim e não por ele, pensei.

Um exercício que provou ser de uma dificuldade tremenda. Não podia ceder, se lhe permitisse voltar, tudo voltaria a ser como antes. Ou pior.

Pedi perdão, disse o quanto me amava.

– Diz que me amas, por favor, e que me perdoas.

Não disse nada. Pedi-lhe apenas que entendesse que não podíamos continuar juntos e que a vida dele não dependia de absolutamente mais ninguém a não ser dele próprio. Parecia que estava a ouvir a Bia a falar comigo. Esse eco da minha voz teve um efeito quase epifânico.

\*

– Estou na varanda de casa do Quim, no sétimo andar.

Garantiu-me que ia atirar-se. Sentei-me, o meu corpo cedeu ao horror de o imaginar desfeito no chão.

– Por favor, chama o Quim.

Repetiu que ia atirar-se e avisei que chamaria a polícia e ligaria à mãe dele. Implorou-me que não o fizesse e desligou o telefone.

Liguei de volta, não atendeu.

Fiquei com a vida dele nas minhas mãos, enquanto ele entrou em casa, acendeu um cigarro, sentou-se no sofá e ligou o computador para ver uma série. Estava consumido, não pela vontade de se matar, mas pelo desejo de me manter presa a ele. Mas isso eu não sabia.

Liguei à Augusta, contei-lhe o que acabara de acontecer, expliquei que o filho precisava de ajuda e que não poderia ser eu a dar-lha. Pedi-lhe que o fosse buscar e que cuidasse dele. Augusta disse que já me ligaria de volta, e assim fez.

Tinha conseguido acalmá-lo, mas avisara-a de que não sairia de Lisboa.

– Tem 40 anos, não há nada que eu possa fazer. Não posso obrigá-lo a vir para casa.

Podia ter vindo buscá-lo, não o fez. E ele continuou a delinear o plano maquiavélico com que tencionava acabar com a minha vida. Imaginei-o, de olhos semicerrados, tal como fazia quando procurava uma solução, mordiscando o lábio inferior, arregaçando as mangas da camisa e esfregando o cabelo com as mãos impecavelmente cuidadas. Encontraria forma de alcançar os seus objetivos.

\*

– Se voltas a ligar à minha mãe, estás fodida. Não preciso da tua ajuda, só serves para comer, estragar e deitar fora.

Tive medo de romper num pranto, medo de não conseguir travar o choro, trespassada de medo do que pudesse fazer-me a mim e à Matilde.

– És lixo. Um monte de merda à volta de um buraco vazio, que não serve para nada, nem para engravidar.

Tive vontade de gritar, de fugir, de andar 10 anos para a frente, eu que tinha tanto medo de envelhecer. Mantive-me imóvel, calada, em pânico.

– Que triste que tu és, uma puta.

Ainda segurava o telemóvel com as mãos trémulas, quando outra mensagem chegou.

– Quando menos esperares, mato-te. E a seguir mato-me a mim.

## A chave

No momento em que li aquele «mato-te» apoderou-se de mim um pavor que só me abandonou muito tempo depois. Estava no mais assustador filme de terror. Passei a viver numa fuga constante, dele e de mim.

Percebi que me ajudaria limpar a casa do que deixara para trás e enviei-lhe uma mensagem a pedir que fosse buscar o que lhe pertencia. Respondeu que iria no dia seguinte de manhã. Liguei a alguns amigos e pedi-lhes que estivessem comigo. Imaginar-me sozinha com ele punha-me num estado de ansiedade que jamais sentira na vida.

Procurei acalmar-me. Não estaria sozinha.

\*

O telemóvel vibrou, era ele. Avisou que passaria em minha casa nessa tarde. Pedi-lhe que não o fizesse. Menti, disse que não estaria em casa.

– Não te preocupes. Tenho a chave de minha casa.

Como assim? O Quim já me tinha devolvido a chave. Aterrada, percebi que fizera uma cópia. Podia entrar e sair a qualquer hora.

– Tens medo de que te apanhe com o nojento que andas a foder? Pensas que não sei, oferecida de merda?

Senti um ataque de pânico a formar-se, mas não podia permitir que tomasse conta da mim, sob pena de perder o discernimento.

De que homem estaria a falar? Não havia ninguém e só de pensar nisso ficava enjoada. Não queria mais homens a tocar-me, a mentir-me, a tratar-me como lixo. Não confiava em ninguém. Amava aquele louco e precisava de o apagar da minha vida.

Calcei as botas, agarrei na chave de casa e no multibanco e corri à loja de chaves que existia perto de casa. Só quando entrei percebi que estava de pijama. Pedi ajuda, precisava de mudar a fechadura com urgência. O rapaz viu que estava aterrorizada. De pijama, cabelo desgrehado, olheiras profundas de choro e falta de sono. Disse-me que não tinha ninguém disponível. Implorei:

– Preciso de ajuda.

Ficou a matutar. A loja estava vazia e não tinha quem o substituísse. Hesitou, mas a minha cara devia estar deformada pelo medo. Agarrou na mala de ferramentas e na chave da loja, deixou uma mensagem no lado de dentro do vidro da porta e veio comigo.

Mudou-me a fechadura num ápice.

– Pode ficar descansada. Aqui ninguém entra.

Despediu-se despreocupado com o facto de eu não ter pagado o serviço.

– Não se preocupe. Depois paga.

Chorei agarrada à porta trancada que me defenderia das suas ameaças. Dos muros, das fachadas e dos tiros que me prometera.

Sentei-me no chão, de costas para o mundo lá fora.

Suspirei de alívio pelo facto de a Matilde estar com o Ricardo. Chorei de vergonha por ter permitido que a minha filha vivesse na mesma casa que um homem assim, por tê-la encaixado entre nós, na cama, por ter deixado que ele lhe pegasse ao colo, por deixar que ficasse sozinha com ele.

A tarde passou sem que me aparecesse. Não voltou para ir buscar o resto das suas coisas. Guardei tudo em dois caixotes que escondi no fundo da despensa.

\*

Tinha medo de entrar e de sair de casa. Fechei as cortinas das janelas sem tencionar voltar a abri-las tão cedo.

As mensagens começavam por volta das 9h da manhã e só paravam de madrugada. Recebia telefonemas de números desconhecidos, que atendia para ouvir apenas uma respiração pesada do outro lado.

Quando o bloqueei nas redes sociais, ligou-me menos de cinco minutos depois, do número dele.

– Bloqueaste-me? Estás fodida. Quando voltares a abrir o Facebook vais ver as fotos que mostram a puta que és.

Passei horas a apagar perfis falsos. Muitos eram dele.

Enviava-me ameaças sucessivas, palavras que me provocavam náuseas só de as ler.

– Com quantos filhos da puta andas metida? Vais ter o que mereces e eu vou rir-me enquanto estiver a acabar com a vossa raça.

Nos primeiros tempos, respondia na tentativa de o acalmar. Deixei de o fazer. Não valia a pena, só ficava mais enraivecido.

– Não prestas para nada, só mesmo para que te mijem e caguem em cima.

\*

Os meus pais estavam, uma vez mais, desesperados. Insistiram para que apresentasse queixa, aliás, como todos com quem falei, mas a ideia de entrar numa esquadra para me queixar dele assustava-me. Não tinha coragem. E depois? Quem é que me protegia quando ele recebesse um papel em casa a informá-lo da minha acusação? Não estava capaz de aguentar isso.

Tentei tranquilizar os meus pais. Não era fácil estar longe sabendo como seria bom tê-los perto. A Bia e a Bárbara ligavam todos os dias, sem falhar. Que falta me fizeram em Lisboa.

A Rita ligava-nos todos os dias à hora de jantar. As minhas pessoas nunca me deixaram sozinha, mas cada uma tinha as suas dificuldades, falta de tempo para as suas vidas.

Nessa altura, já tinha contado o que se passava aos mais próximos. O silêncio é o maior aliado dos agressores.

Não foi fácil partilhar a minha intimidade com colegas de trabalho, por exemplo, mas se soubessem o que se passava podiam ajudar-me e entenderiam mais facilmente o estado em que andava. Na revista, a minha diretora foi extraordinária. Disse-me que contasse com ela para o que precisasse.

\*

Chegava à revista por volta das 8h30. Às 9h, o telemóvel começava a receber mensagens. À hora do almoço, o meu pânico era tal que tinha de me fechar em casa.

– Puta de merda, não vales os cornos que te pus.

Fazia questão de me lembrar que conhecia os meus horários, sabia onde eu trabalhava, onde ficava a escola da Matilde. Era fácil encontrar-me. Aconselhou-me a olhar para trás sempre que saísse de casa.

– Que bem te ficam essas calças vermelhas.

Recebi essa mensagem numa tarde em que estava prestes a chegar a casa, a pé, depois de ter estacionado o carro do outro lado do bairro, no único lugar livre que encontrei. A minha cabeça parecia que ia explodir.

Olhei em volta e não o vi em lado nenhum. Passei as mãos transpiradas de medo pelas calças de ganga vermelhas quando senti o telemóvel vibrar de novo.

– Odeio-te. Morre.



## Um predador

Saí da revista seriam 4h30 para ir buscar a Matilde à escola. Na rua, andava com as chaves de casa encaixadas nos dedos. Se fosse atacada, podia usá-las como defesa. Não andava dois metros sem olhar para trás.

Deixei de fazer a minha caminhada matinal, de sair para beber um copo com os amigos, de chegar a casa e sentar-me no parapeito da janela da sala, a apanhar o sol do fim de tarde. De dormir descansada, de conduzir com as portas destrancadas, de abrir os cortinados. Deixei de ir ao ginásio, de dançar no meu clube preferido, de respirar sem que me doesse o peito, de publicar fotografias nas redes sociais e de me envolver com outras pessoas.

Deixei de confiar. E de viver.

\*

Já na escola, pedi que chamassem a Matilde e aguardei que chegasse. Íamos comer um gelado, para compensar o facto de não podermos ir ao parque onde era hábito pais e crianças juntarem-se depois das aulas.

Adorava esses fins de tarde. Sentávamo-nos na esplanada ao lado do parque infantil, bebíamos sumos e imperiais, comíamos tostas, tremoços e amendoins, ríamos com as brincadeiras dos miúdos e partilhávamos trivialidades da vida. Quantas vezes ficámos até anoitecer. As crianças doidas com a liberdade, os pais e as mães também.

A minha vida estava em pé de guerra e o pouco que fazia fora de casa, fazia fora dos meus percursos normais. Não queria ser encontrada.

Na escola, as crianças desciam com a funcionária por umas escadas que os pais não estavam autorizados a utilizar no horário de saída. Estava ao fundo dessas escadas, a olhar para cima, na expectativa de ver aparecer a Matilde, quando senti um toque no ombro esquerdo. Virei-me na certeza de ser o pai ou a mãe de um amigo da Matilde.

Era ele.

Abriu-se um buraco debaixo dos meus pés. As minhas mãos ficaram

dormentes e perdi a noção de onde estava durante segundos que me pareceram uma eternidade.

– Não estava à espera de te ver aqui – ironizou.

Estava dentro da escola da Matilde, que descia as escadas com um sorriso enorme.

Dirigi-me à minha filha e abracei-a. Atrás de mim, ouvi-o cumprimentar:

– Estás boa, querida?

Na sua ingenuidade, a Matilde sorriu e disse-lhe olá. Não deixei que se aproximasse dela. Escondi-a atrás das minhas pernas.

– Não podes estar aqui.

– Estou onde quiser.

Tinha o carro estacionado à porta da escola. Entrámos e acelerei para casa. Não houve parque, nem gelado.

Tranquei a porta, garanti que as janelas estavam bem fechadas. Afastei os cortinados da sala e espreitei a rua. Passou e mandou-me atender o telemóvel. O telefone vibrou toda a noite com telefonemas que não atendi e mensagens a que não respondi.

\*

Nos meus momentos mais difíceis, costumo isolar-me. Nesta altura, foi igual. Tinha a sensação, que experimentara no hospital, de que precisava da minha pouca energia para aguentar o que se passava. Além disso, o medo tirava-me as palavras, por isso emudeci. Desde criança que era assim. Quando ficava com medo, calava-me.

Dei banho à Matilde, preparei o jantar em que não consegui tocar e deitei-me com ela. Eram 9 horas.

As noites tornaram-se assustadoras e passei a deitar-me o mais cedo possível para tentar adormecer e só acordar no dia seguinte. Sempre na esperança de que quando abrisse os olhos percebesse que tudo não passara de um pesadelo estupidamente real.

Desenvolvi um medo descontrolado de ser observada sem saber, de que estivesse à porta de casa e a arrombasse, que nos matasse. Qualquer barulho me aterrorizava.

Consegui proteger a Matilde de tudo isso. Felizmente, era ainda muito pequena para se aperceber da dimensão daquele terror. Disse-lhe que seria uma festa vivermos só as duas, podíamos ver os filmes que quiséssemos, brincar a tudo o que nos apetecesse, cantar o mais alto que conseguíssemos. Ela ficou feliz, mas perguntou:

– Ele ainda é meu amigo, não é?

Fiquei sem resposta, por isso abracei-a com todo o amor que lhe tinha e as lágrimas correram em silêncio, enquanto lhe propunha fazermos um projeto sobre coisas impossíveis de alcançar. Aceitou prontamente. Ainda hoje essa

lista está colada numa das paredes do seu quarto.

\*

Rondava-nos sem qualquer problema de se deixar ver. Parecia não ter medo das consequências dos seus atos. Parecia imbatível.

Sentia que estava dentro da minha cabeça e que adivinhava todos os meus passos, que me controlava por mais longe que se encontrasse.

O telemóvel vibrou na mesa de cabeceira.

*Deixaste de responder às minhas mensagens e eu entendo. Eu teria feito o mesmo. Não sei em que pessoa me tornei, mas preciso de te pedir perdão. O meu problema é amar-te e não imaginar a minha vida sem ti, mas tenho de aprender a respeitar a tua decisão. Preciso de ajuda e já tenho consulta com uma psicóloga. Quero e vou tratar-me. Peço-te apenas que tomes um café comigo, uma última vez. Quero dizer tudo isto a olhar-te nos olhos, para conseguir seguir em frente descansado. Por favor, não volto a pedir-te mais nada. A não ser perdão por tudo o que te fiz passar.*

Não estava à espera, confesso. Parecia uma mensagem lúcida, diferente de tudo o que escrevera nos últimos meses.

Pousei o telemóvel sem responder, pus a cabeça na almofada e não me lembro de adormecer. Há meses que não dormia uma noite inteira.

## A recaída

A esplanada estava cheia. Era natural querer sair de casa e aproveitar o sol. Há muito que não o fazia, estava pálida.

Encostada ao quiosque da praca, uma mesa com duas garrafas de água vazias e um cinzeiro a precisar de ser despejado. Sentei-me e esperei.

Não tinha dito a ninguém o que ia fazer nessa tarde. Não tive coragem. Encontrei uma série de explicações, mas nem a mim me convenceram.

Respondi-lhe à mensagem assim que acordei: «Pode ser.»

Estava nervosa, ansiosa, tinha tanta vontade de o ver como de nunca mais olhar para ele. E muita dificuldade em compreender a minha cabeça, mas isso não era novo.

Ele respondeu com um coração e disse que ia ter a minha casa. Tive um rasgo de sensatez e combinei num local público.

\*

Vi-o aparecer ao fundo da praça. Calças e camisa claras, cinto castanho. Tinha deixado os padrões habituais, usava o cabelo mais comprido. Recordei o cheiro do corpo dele, a forma como me tocava e beijava, todas as promessas que me fez e as vezes que repetiu o quanto me amava. Naquele momento, fiquei certa de que as ameaças, as mentiras e a agressividade vinham-lhe do desespero de me amar. Fui invadida por uma saudade imensa. Hipnotizou-me a sua beleza e senti um calafrio quando se sentou a meu lado.

Tinha dificuldade em encarar-me. Tentou tocar-me na mão, mas não deixei. Agradeceu-me por estar ali e pediu-me desculpa.

– Estou diferente, acredita. Amo-te e quero que sejas feliz, seja com quem for.

Estava tensa. As pernas pesadas, os braços caídos no colo, a cara contraída. Procurava controlar-me, cheia de medo de mim. Era amor o que sentia por ele.

Contou-me como estava a vida. Tinha um ar triste e envelhecido.

Continuava em casa do Quim, trabalhava num teatro e começara a fazer terapia. A psicóloga era formidável. Perdeu-se em pormenores sobre as consultas, do quanto chorava, de como lhe tinha contado o que me havia feito. Disse que a médica o aconselhara a encontrar-se comigo para poder explicar-se e pedir-me perdão. Estranhei.

O arrependimento consumia-o e o seu maior desejo era que acreditasse na sua mudança. Nunca mais voltaria a bater em ninguém, a enganar, a mentir.

Disse que me amava como nunca amara antes. Felizmente, aprendera na terapia que não é assim que se vive o amor.

Acreditei. Já me tinha perdido no caminho dos seus olhos e esqueci tudo. Que saudades.

\*

Não fui capaz de partilhar com ninguém aquele encontro. No dia em que, ao telefone, contei à Bia, fez-se um silêncio prolongado.

– Ele está igual, não te deixes enganar.

Despejei os meus argumentos: ele amava-me, eu amava-o; ele estava diferente, eu mais alerta. Tinha prometido que não voltaria a tratar-me mal, garantido que quem ama cuida e que era amor que me tinha. Contei-lhe a humildade com que falou, como assumiu todos os erros.

Expliquei à Bia que quando amamos, ajudamos, não fugimos.

– Sim, ajudamo-nos a nós próprias, não esses sacanas. Por favor, afaste-te dele.

Não me afastei.

\*

Antes de abandonarmos a esplanada, perguntou-me se queria fazer alguma coisa no dia seguinte e combinámos uma ida à praia na carrinha que acabara de comprar. Depreendi que a vida estivesse a correr-lhe melhor e senti um ligeiro ciúme. Foi um laivo de inveja por me parecer bem e eu estar na merda, por ter andado com a vida para a frente e eu estar presa num rodilho de desespero. Incomodou-me saber que, afinal, não vivia em função de mim e compreendi a força que me dava o estado deplorável em que supostamente vivia. No fundo, era como se estivesse a perder o poder de o controlar. Vi-me na necessidade de perceber o impacto que ainda exercia sobre ele.

Segui sozinha para casa, com medo de mim. Sabia que não tinha tomado a melhor decisão. Penalizei-me por não ter sido mais forte do que a atração que exercia em mim, ao mesmo tempo que refletia sobre a possibilidade de ele estar realmente diferente. Melhor do que alguma vez estivera.

Apanhou-me no dia seguinte às 5h da tarde.

Na carrinha, um cesto de piquenique esperava por nós. Sentei-me e, até chegarmos à praia, afastados da cidade e dos olhos que podiam apanhar-me com ele, pouco consegui dizer.

Abriu a garrafa de vinho e sentámo-nos a olhar para o mar. Falou-me das saudades que tinha das férias que passámos com os nossos filhos no Alentejo. Recordei-as, bem como à certeza que então tivera de que ele queria estar em qualquer lugar menos ali. Passou a semana agarrado ao telemóvel, zangado, sem que eu percebesse porquê. Foram tantos os momentos em que não quis ver o que tinha à frente dos olhos.

O sol estava a pôr-se e o marulhar da maré baixa ajudou-me a acalmar a respiração e o batimento cardíaco. As ondas confundiam-se com o céu, tal como o meu amor se confundia com a submissão. Já me tinha esvaziado, novamente; voltara a assumir o papel de vítima, ansiando que me tirasse do lixo em que ele próprio transformara a minha vida.

Foi submissa que abri o cesto e o servi, restituindo-lhe o meu corpo numa bandeja. O orgulho também lá estava.

Entrámos na carrinha e desapertou-me a camisa, enquanto me beijava o pescoço e o peito. Afastou os copos e a garrafa e deitou-me. Abriu-me as pernas e reclamou das saudades do meu cheiro, de quão estreito era o meu sexo, das nódoas negras que me ficavam depois de fazermos amor.

Não proferi palavra. Tinha uma mordação na boca, bem apertada, com correntes que me estrangulavam. Não conseguia pensar, a não ser no nojo que senti de mim própria no momento em que ele despiu as calças, mirou a sua ereção e, antes mesmo de entrar em mim, disse:

– Este é o meu caralho, o único que te fode como mereces.

Foi como se estivesse a fazer sexo sozinho, tapando-me a cara com a camisola que despiu. Deixei que se viesse dentro do meu corpo, que ele dominava com mestria. Esfregou-se no sémen que jazia sobre as cicatrizes da minha barriga e enfiou-me o sexo na boca.

– Quero que a limpes até à última gota.

No fim, saiu para fumar um cigarro.

Fiquei deitada sobre o chão da carrinha que me parecia uma sepultura. Na coluna, a voz do Lou Reed pareceu-me cínica:

*Oh, it's such a perfect day, I'm glad I spent it with you...*

Ouvira essa música com atenção, pela primeira vez, na estreia de *Trainspotting*. Talvez por isso, associava-a a momentos trágicos.

Vi-me deitada no chão alcatifado, inebriada por lhe ter permitido injetar-

se em mim. Perdi os sentidos perante o seu efeito. Seguraram-me pelos pés para fora da carrinha, a minha cabeça bateu no degrau e deixaram-me inanimada à porta do hospital, na esperança de que algum médico conseguisse salvar-me.

Deitaram-me numa maca, amarraram-me, fizeram-me um buraco na cabeça e tiraram de lá um monstro.

*You're going to reap just what you sow.*

Abri os olhos. A praia estava deserta e a noite chegara. Fiquei com medo de estar só com ele. Tinha o telemóvel desligado para não ter de me explicar caso alguém telefonasse. Pedi-lhe que fôssemos embora e, para garantir que não poria entraves, menti dizendo-lhe que no dia seguinte estaríamos juntos de novo.

– Amas-me?

Respondi que sim, de olhos no chão.

## As horas mais duras

Se o meu arrependimento matasse, estava em cinzas meticulosamente espalhadas na alcatifa cinzenta da sua nova carrinha.

O caminho que me levaria a Lisboa foi feito de arrependimento. Ia mais amargurada do que nunca. Cederà às saudades e as consequências do que fizera ser-me-iam cobradas – não tinha dúvidas.

Nessa noite, não consegui dormir. Sentia-me mal por ter mentido a todos, por ter deixado amigos e família ansiosos com o meu silêncio, por a minha imprudência poder pôr em causa a segurança da Matilde. Quis desculpar-me e não tinha como. O peso da culpa moía-me as costas e sufocava-me.

Decidi que no dia seguinte lhe ligaria para dizer que tinha sido um erro estarmos juntos. Arranjaria a melhor forma de o fazer. Escolheria as palavras certas, podia ser que entendesse e conseguisse respeitar.

\*

Eram 11 horas da manhã quando recebi a primeira mensagem apaixonada, a perguntar se queria jantar num sítio bonito. Bebi um copo de água para afogar a ansiedade face ao que tinha para lhe dizer.

Atendeu ao primeiro toque.

– Meu amor...

Perguntei-lhe como estava, se tinha dormido bem. Tentei medir-lhe a tranquilidade. Respondeu que se sentia ótimo e que não via a hora de estar comigo novamente.

– Mas vamos com calma, eu sei –, sussurrou.

Pedi-lhe desculpa, disse que não conseguia voltar. Tinha perdido a confiança e não havia como fugir disso. Expliquei-lhe o medo em que me fizera viver, as palavras horríveis que me dissera e que a minha memória não conseguia apagar. As ameaças, as perseguições, as mentiras, a violência.

– Então e que raio foi a tarde de ontem?



– A esperança de que estivesse diferente.

Ficou em silêncio. Respirou fundo e acusou-me de o ter enganado, de o ter usado e enxovalhado o amor que me tinha. Queixou-se de que queria deitá-lo fora como se fosse esterco. Disse que as minhas mentiras não o enganavam.

– Sei bem com que filho da puta andas metida, mas a pila dele não te chega. Tiveste saudades e vieste a rastejar. És um nojo.

\*

Porque não tinha eu sabido controlar-me? A minha vida andou vários anos para trás naquela noite.

Antes de desligar o telefone, pedi desculpa por lhe ter dado esperanças, mas não exigi que se desculpasse por tudo o que me tinha feito e continuava a fazer. Deixei-o dominar, uma vez mais. Coloquei-me no papel de agressora e a ele no de vítima.

Liguei à Bia logo. Ela ajudar-me-ia a ser racional e não me sentir mais culpada do que já sentia.

Consegui tranquilizar-me.

– Não será pior do que tem sido até agora.

Se estou viva e bem depois de tudo o que passei com este homem, o que poderia acontecer que eu não fosse capaz de ultrapassar?

– E se faz mal à Matilde?

Na escola já estavam avisados, desde o dia em que decidira terminar a relação, que não estava autorizado a levá-la. Sabiam que não podiam deixá-lo aproximar-se dela. Conheciam as razões e garantiram-me que a Matilde ficaria em segurança. De resto, estaria sempre comigo ou com o pai.

– E se me mata?

– Ele é um covarde. No dia em que perceber que já não tens medo, desaparece.

Queria muito acreditar na Bia.

\*

Um grupo de amigos conseguiu que eu e a Matilde fôssemos jantar fora para comemorarmos o aniversário de um deles. Não foi fácil. Nem me lembrava da última vez que tinha chegado a casa já de noite.

Estacionei o carro no Largo do Intendente e fomos a um restaurante ali perto. Tentei desanuviar, deixar a ansiedade com a fila que aguardava mesa, na rua.

Temia que metessem conversa comigo e não conseguisse verbalizar uma frase com nexos. Estava ali, mas não estava. A minha cabeça parecia vazia, ao mesmo tempo que rebentava de maus pensamentos. A boa disposição fingida

era-me arrancada à força e as bochechas doíam-me porque a minha boca se desabituara de sorrir.

Eu e a Matilde fomos as primeiras a ir para casa, mal terminámos a refeição. Desculpei-me com a hora de acordar no dia seguinte e seguimos, abraçadas, até ao carro.

Reparei num papel preso no para-brisas. Julguei ser um anúncio qualquer, mas percebi que estava escrito à mão.

«Fiquei uma hora encostado ao teu carro à espera. Para a próxima, encontro-te. Não te esqueças de que ando sempre por perto.»

Tinha o carro riscado a toda a volta por uma chave. Apertei a mão da Matilde com tanta força que ela se queixou. Entrámos, pusemos os cintos e arrancámos para casa.

Aconcheguei-a nos lençóis, esperei que adormecesse, servi um copo de vinho e sentei-me no sofá à procura de um carro usado. Precisava de me desfazer daquele que ele conhecia tão bem. Dois dias depois, estava um pouco mais protegida ao volante de um novo automóvel. Ganhava algum tempo até que ele percebesse a mudança.

Foi precisamente no dia em que fui buscá-lo ao *stand* que o meu amigo Gil me ligou. Creio que os meus amigos se revezavam nas tentativas de me tirar de casa. Tinha saudades de toda a gente, mas estava fechada na minha concha, à espera de a fortalecer, incapaz de socializar.

\*

– Gil, não consigo.

– Consegues, sim. Vou buscar-te e vamos lanchar ao jardim. Há algo que quero dizer-te.

Foram em vão os meus pedidos para me contar por telefone. Disse que não permitiria que me fechasse numa solitária como se fosse uma criminosa.

Não consegui movê-lo e, no dia seguinte, fomos lanchar.

Não foi fácil gerir a expectativa relativamente ao assunto que o Gil queria partilhar comigo. Quando finalmente nos sentámos na esplanada, perguntei-lhe o que se passava.

\*

Faço um parêntesis para reforçar o amor com que os meus pais, amigos e amigas viveram comigo esta famigerada aventura. Na violência doméstica, a vítima direta não é a única a ser maltratada.

Bem sei o quanto as minhas pessoas sofreram com o meu sofrimento, a capacidade que tiveram de não dramatizar acima do drama que era o meu dia a dia. Devo a todas e a todos uma gratidão imensa pela garantia que me deram

de que não faltariam mãos firmes a ajudar-me a suportar o calvário. Nunca me julgaram, criticaram ou obrigaram a ir mais depressa do que era capaz. Estou-lhes infinitamente grata pelos abraços protetores e pelo amor com que cuidaram de mim.

\*

O Gil pediu que me mantivesse tranquila e confiante nas suas palavras. Começou por dizer que faria uma queixa na polícia. Tinha contactado uma associação de apoio à vítima e pedido conselho. O primeiro passo era fazer a queixa, o segundo perceber se eu queria continuar em minha casa ou ir para um local descaracterizado, onde ele não tivesse hipótese de me encontrar. Respondi imediatamente que nem pensar.

– Por que raio tenho de mudar a minha vida enquanto ele anda por aí todo contente?

Sair de casa era perder, de vez, o controlo de tudo. Era a estocada final no meu ser arrasado.

Questionei a queixa, também, mas não me opus.

O Gil prontificou-se a ficar em minha casa durante algum tempo, se isso me fizesse sentir mais protegida. Agradei-lhe, não seria necessário.

– O que te fez tomar esta decisão agora? – perguntei.

Não estava preparada para a resposta.

O Gil tirou um monte de folhas do saco de pano que pendurara nas costas da cadeira e mostrou-me as mensagens e *emails* que recebera desde que me tinha separado.

Não queria acreditar no que lia. Páginas e páginas de palavras loucas, ameaças, marcações de território. Falava de mim como se fosse meu dono e dirigia-se ao Gil como um alvo a abater.

As minhas mãos tremeram, os olhos encheram-se de lágrimas e senti o coração apertar-se por ter posto o meu amigo naquela situação. Desfiz-me em desculpas.

– Porque não me disseste antes?

– Merdas para resolver já tu tinhas de sobra.

A Bia contara ao Gil que eu voltara a envolver-me com ele. Basicamente, pediu-lhe ajuda. Ela estava longe e não conseguia acompanhar-me como eu precisava. Combinaram que estava na hora de o Gil me contar a violência psicológica a que também ele era sujeito. Talvez isso alterasse a minha perspetiva e me fizesse perceber que daquele homem doente e sádico nunca nada de diferente, de bom ou de saudável poderia esperar.

Precisei de ir à casa de banho recompor-me e, quando regressei, o Gil já não estava sentado na mesa onde o tinha deixado.

## A queixa, finalmente

Passei a cara por água e olhei-me ao espelho. Não me vi nítida, talvez porque o espelho fosse de má qualidade ou por não ser capaz de me encarar. Que difícil era olhar-me depois de tanta merda que tinha feito à minha vida. Lembrei-me do Vasco e repudiei-me por não ter sabido aproveitar o bem que quis fazer-me. Voltei a desejar que o tempo passasse depressa e tentei imaginar como estaria daí a 10 anos.

Queria que a vida corresse veloz para que pudesse livrar-me, e a quem me rodeava, daquele tormento. Coitado do Gil, cujo único erro foi gostar de mim ao ponto de se tornar o meu melhor amigo.

\*

Abri a porta da casa de banho e regresssei à mesa. Vi que o Gil, não estava sentado e procurei-o na esplanada.

O meu coração parou quando o vi de pé, perto das escadas que levavam à saída do parque, em frente a um homem que gesticulava descontrolado. Era ele.

Não sei quanto tempo levei a aproximar-me, julgo que voei, mas quando cheguei já não fui a tempo de evitar o pior.

O Gil estava a ouvir os maiores insultos que possam imaginar-se.

– Vocês nunca me enganaram. Há anos que andas metido com essa puta.

Não valia a pena explicar-lhe que um homem e uma mulher podem ser amigos sem nunca se envolverem. Eu e o Gil éramos como irmãos, mas dizer-lhe isto era atizar-lhe a raiva.

Pedi-lhe que fosse embora, que não arranjasse confusões. Pedi-lhe que pensasse no filho e que não fizesse nada de que pudesse arrepender-se.

Encarou-me e sorriu com malícia. Ficou-me na memória o olhar desfigurado pelo ódio com que nos encarava. Eram visíveis, realmente, as semelhanças com Jack Torrance.

Tinha uma pasta a tiracolo que tirou do ombro antes de desferir um

murro na cara do Gil, que caiu com a dor e a surpresa do embate. Os pontapés sucederam-se. Tentei segurá-lo, mas não fui capaz de o travar.

O Gil conseguiu levantar-se e tentou agarrá-lo. Na esplanada as pessoas observavam cada movimento, sem que ninguém se mexesse.

Não sei se passaram 10 segundos ou 10 minutos, só agradeço ao Gil, que nunca se envolvera numa cena violenta, ter uma boa preparação física e ter sido capaz de se proteger.

Ele segurou o Gil pela gola da *T-shirt* e empurrou-o, deitando-o escada abaixo. Vi o meu amigo cair desamparado e sei que gritei alto. Gritei por ajuda, mas ninguém nos ajudou.

Baixei-me para socorrer o Gil, mas ele puxou-me pela camisola. Afastou-me com um empurrão na direção do muro.

– Avisei-vos de que esta merda ia acabar mal.

Atirou-se ao Gil, enraivecido. Vi o meu amigo a proteger a cara com os braços. Pus-me entre eles e roguei que parasse.

No momento em que se preparava para dar um novo murro ao Gil, percebeu que era eu que estava à sua frente. Julgo que deve ter abrandado o impulso, porque foi na minha cara que o punho assertou e não caí inanimada como seria de prever.

A minha cabeça rodou para o lado direito, senti uma dor horrível no nariz que começou a sangrar de imediato. O sabor do sangue encheu-me a boca e cuspi-o. Ele agarrou no saco virou-nos as costas e foi embora.

O Gil, com a cara inchada, abraçou-me.

– Vai ficar tudo bem.

Desorientados, seguimos para a polícia.

\*

O Gil apresentou queixa por agressão física e entregou as cópias de todas as mensagens e *emails*. Depois, fez uma queixa por violência doméstica.

Perguntei o que aconteceria a partir dali.

– A queixa por agressão física vai demorar. É o que mais para aqui temos. Quanto à violência doméstica, há de ser chamada – e ele também.

Mas quanto tempo demoraria isso a acontecer? Quem me protegeria quando ele fosse notificado?

– Ninguém – respondeu o polícia.

– A não ser que o apanhemos em flagrante delito.

Tive vontade de desaparecer. Apeteceu-me agarrar na Matilde e fugir para muito longe, onde ninguém pudesse encontrar-nos.

– Se quer que lhe diga, e aqui que ninguém nos ouve, o melhor é arranjar um grupo de tipos musculados que o encostem à parede e lhe tratem da saúde.

Fiquei perplexa. A resposta a uma agressão era ser mais agressiva?

– A justiça demora a agir, minha senhora. Se fizer o que lhe digo é

imediatamente. Esse tipo de homem é mais covarde que sei lá. Acredite que não voltaria a aparecer-lhe à frente. Mas faz de conta que não fui eu que lhe disse isto, ok?

Eu e o Gil caminhamos a pé para minha casa em absoluto silêncio. Não conseguia fazer mais do que chorar. Estava arrasada e desconhecia o que poderia passar pela cabeça do Gil naquele momento. Nunca o vira tão triste. O Gil, um anjo, tranquilo, calmo e ponderado.

– Hoje durmo no teu sofá, pode ser?

Abracei-o. Faltavam-me palavras para continuar a pedir desculpa. Chorei agarrada à segurança que me dava.

No seu jeito carinhoso, segurou-me a cabeça com as duas mãos e pediu-me que o olhasse nos olhos e o ouvisse:

– Tu não fizeste nada de mal, não há por que pedir desculpa. Não és tu que estás errada, é ele. Não és tu a agressora, é ele.

– Mas eu sou a culpada.

– Não. O culpado é ele.

\*

Nessa noite, bloqueei-o no telemóvel e no *email*. Entrei no quarto, desfiz a cama e puxei para fora o colchão onde deitou a sua insanidade. Fui à despensa e arranquei de lá os dois caixotes com tudo o que tinha deixado para trás. Pu-los na rua. Agarrei no telemóvel e liguei à Augusta a contar o que tinha acontecido e a pedir-lhe, uma vez mais, que fizesse alguma coisa.

Vendo-a sem resposta, comentei que, infelizmente, a terapia não estava a dar resultados.

– Que terapia?

– Como assim que terapia? – respondi, incrédula.

Partilhei com aquela mãe os pormenores que me havia dado sobre as consultas, até os quadros que a médica tinha pendurados na parede ele descreveu com detalhe. Passara uma boa hora a contar-me os conselhos da médica, os exercícios que faziam, as coisas que lhe dizia, o quanto o ajudava.

Era tudo mentira. Tudo.

Augusta garantiu-me que ele não tinha consultas nenhuma. Sabia-o porque lhe tinha pedido que fizesse terapia, oferecendo-se para pagar. Ele nunca tinha aceitado.

Era impossível estar a fazê-lo sem que ninguém soubesse, eram os pais que lhe pagavam a renda e os gastos mensais. Continuava desempregado.

Que horror. Era tudo mentira.

Apeteceu-me desfazer-me de mim.

## A vítima

Passei a trabalhar em casa para evitar andar na rua e pedi ajuda numa associação de apoio à vítima de violência doméstica, que me orientou com todos os trâmites legais.

Fui chamada pela polícia e pelo Ministério Público. Tive de contar tudo aquilo de que me lembrava com o máximo pormenor. E fi-lo várias vezes, ora com o agente da polícia, ora com a procuradora que me recebeu.

Custou-me reviver os momentos violentos durante a vida em comum e todas as cenas de perseguição desde que nos separáramos. Custou-me recordar episódios como o da violação e as invasões de privacidade, que só fui descobrindo ao longo do tempo: uma aplicação que instalou no meu computador, por exemplo, permitia-lhe ver tudo o que eu fazia, as mensagens que recebia, os *emails* que enviava, onde estava. Não sei quantas vezes entrou no meu Facebook, no meu *email*, no meu Instagram, no meu telemóvel.

Doeu contar a cena de violência com o Gil, reler todas as mensagens ameaçadoras que me enviou e partilhá-las com desconhecidos que faziam o seu trabalho de forma eficiente e maquinal.

Tive de lidar com o medo de o ter atirado para os braços da justiça e por não saber nada dele. Estava bloqueado em todo o lado e as minhas redes sociais passaram a ser privadas. Inspecionava detalhadamente os perfis das pessoas que me pediam amizade e deixei de aceitar quem não conhecia.

\*

Depois da cena de agressão no parque, desapareceu. Já não rondava a casa, não se escondia entre os carros estacionados na rua, não voltaram a aparecer bilhetes com ameaças na caixa do correio ou debaixo da porta de casa. O Gil, que não o bloqueou em lado nenhum, também não voltou a ser contactado.

Todos, sem exceção, acreditaram que tinha ido embora de vez. Agarrava-me à ideia de ele ser pai. Não queria passar pela vergonha de

contar ao filho que podia ser preso. Acreditava que tinha chegado ao seu limite e que o medo da justiça o travaria. Deve ter sido devido a esse medo que assumiu quase tudo, mas ainda conseguiu dizer em tribunal que o fez por amor.

Não passava de um cobarde apanhado desprevenido pela minha coragem.

Ficou proibido de me contactar, obrigado a frequentar um programa de prevenção da violência doméstica e foi-lhe exigido que se mantivesse afastado de minha casa, do meu local de trabalho e da escola da Matilde. Safou-se por não ter cadastro, mas se voltar a fazer o mesmo a outra mulher, ou a mim, é preso.

Eu fiquei com o estatuto de vítima.

\*

Quando comentei com a Bia o quanto me incomodava ser considerada «vítima», ela, no seu pragmatismo habitual, enviou-me uma mensagem com o significado da palavra que me chamavam e que eu sentia que me esvaziava, enquanto o punha, a ele, num lugar de poder.

– Mas foi aquilo que foste, vítima de violência doméstica. Assumi-lo é altamente corajoso.

Ser vítima não era a definição da minha pessoa, mas naquele início de viagem, livre do meu agressor, parecia ser.

De todas as vezes que me agrediu, bateu, perseguiu, fui vítima.

Sempre que me manipulou e me ameaçou, eu fui vítima.

De cada vez que me humilhou por causa das imperfeições do meu corpo, fui vítima.

Quando me proibia de sair de casa maquilhada, de minissaia ou de ser amiga de outros homens, fui vítima.

Em todos os episódios em que fui privada dos meus direitos, foi vítima que eu fui. Não há como fugir.

Fui dominada, mas ele não me venceu. Sofri as consequências dos meus próprios atos e dos atos de outrem. Sofri ofensas e ameaças à minha honra, à minha vida, à minha liberdade.

Também fui vítima de mim própria. Não na perspetiva da culpa, que já não transporto, mas na da responsabilidade. E quando troquei culpa por responsabilidade, fez-se luz na minha vida e pude seguir na direção certa: rumo à pessoa que sou. Sou responsável por tudo o que permito que me façam e por tudo o que faço a mim própria. Sou responsável pelas decisões que tomo, assumo-as, mesmo que não façam sentido aos olhos dos outros.

Ter sido vítima não significa necessariamente que passe os dias a vitimizar-me, muito pelo contrário.



Enquanto estive presa no remoinho perguntei-me muitas vezes:

– Porquê a mim?

O tempo permitiu que deixasse de o fazer. Aconteceu-me a mim, como acontece a tantas outras pessoas. Porque estes homens andam por aí a passear as suas artimanhas para poderem ser o que são: abusadores, agressores, criminosos.

Aconteceu-me e permitiu que me encontrasse e aprendesse a proteger-me; que me visse finalmente e agradecesse pela pessoa que sou; que percebesse, de uma vez por todas, que sou suficiente e que não há nada em mim que me envergonhe. Levou-me o medo de estar sozinha e ajudou-me a entender o significado das palavras da Bia.

– Nunca estás sozinha, estás contigo. Tens de te amar a ti antes de tudo.

Ter sido vítima não faz de mim uma pessoa menor, faz de mim uma mulher com garra que nunca desistiu do seu bem-estar e que saiu, renascida, do olho do furacão.

Não tenho medo de assumir que precisei de passar por tudo o que passei para estar em paz.

Isso permitiu que me perdoasse por não ter visto a pessoa que ele era, por ter deixado que fizesse parte do meu mundo e do mundo da Matilde. Ele mostrou-me quão ética consigo ser em situações de catástrofe; mostrou-me que, apesar do limite em que me fez viver, nunca respondi com vingança ou ameaças. Nunca desejei que morresse, nunca o persegui, ameacei ou maltratei. Nunca lhe paguei na mesma moeda.

Ele ajudou-me a acordar da dormência em que eu vivia e entregou-me o conhecimento de que necessito para me defender e proteger. No fundo, para me respeitar e para garantir que ninguém voltará a fazer-me o mesmo.

Permitiu que me desamarrasse de mim própria – que alívio!

Mostrou-me quem eu sou.

Obrigada.

## As respostas certas

Sentei-me à frente do espelho, pronta para dar as respostas a todas as perguntas que me fez ao longo da vida. Desde criança. As perguntas que reuni nos diários que não escrevi com medo que mos lessem, questões que foram aguardando pacientemente pela minha capacidade de lhes dar resposta.

Ao longo da vida, procurei parte da minha afirmação no prazer que aprendi a retirar da humilhação, da subjugação, do ato de ser servil, muitas vezes do sacrifício. Foi assim que menorizei as vergonhas por que a vida me fez passar. De todas as vezes que me castigou, deu-me força e conhecimento. E prazer.

Nada me deu tanto prazer quanto o ser capaz de sair do esgoto em que a vida me enfiou. Agora, nada me dá mais prazer do que olhar ao espelho e aceitar cada parte de mim, percebendo que quem controla a minha vida sou eu. E que ninguém tem o direito de me humilhar por eu ser quem sou. A não ser que eu queira.

Tornei-me consciente e assumo-me sem vergonha. Sem vergonha de mim própria.

Senti-me poderosa à frente do espelho.

\*

Sou eu que controlo o meu corpo, o meu pensamento e a minha vida – não um cretino qualquer, borrado de medo porque foi chamado a tribunal, o grandessíssimo cobarde. Um agressor que não sabe distinguir uma relação de prazer e que deixei que me levasse ao limite. Alguém que era suposto proteger-me e que me subjugou a uma relação abusiva. Apenas porque isso lhe dava a segurança que ele, por muito que procure, nunca terá. A falsa segurança.

Consenso e consentimento são palavras mágicas.

Tantas foram as vezes que ameaçou expor os meus desejos mais íntimos, contando a toda a gente a perversidade que eu era, quão doente é a minha

cabeça.

Quando me esbofeteava, dizia:

– Decide-te, puta. Gostas que te domine na cama e agora armas-te em desgraçada?

Sentado no banco do tribunal, nem parecia a mesma pessoa.

\*

A mim, deu-me um clique enquanto o observava a responder às perguntas da juíza e do meu advogado. Foi nesse momento que percebi que o medo partira de mim e se apoderara dele. Sem que eu tivesse, alguma vez, perdido a ética e a moral. Palavras que lhe eram desconhecidas. E é usando a ignorância destes imbecis que se encontra a arma perfeita para os aniquilar. Percebi que o poder estava em mim e isso salvou-me.

Podia ter optado por chorar o mal que me fez, por tê-lo juntado à minha lista de desgraças e ter ficado fechada no quarto, em absoluta escuridão, à espera de que alguém acendesse uma luz e me salvasse.

Não preciso que ninguém me salve de nada.

Podia ter chorado a minha solidão, o voltar à estaca zero, sem namorado, sem amor, sem pedidos de casamento bacocos. Podia ter chorado os meus sonhos arrasados.

Podia ter-me mantido na vergonha. Podia ter autorizado que continuasse a roubar-me a vontade de viver e ficado no lixo a que me deitou.

Podia.

Só que a força não está do lado dele, está do meu. E tipos como este, passei a topá-los à distância.

Mas o mais importante de tudo é ter percebido que o olhar dos outros, e das outras, vale o que vale. A opinião alheia não me define e deixei de depender dela. Estou muito certa de quem sou.

Ele quis que me perdesse, mas eu, desafiadora que sou, foi através dele que me encontrei.

\*

Agora, com o conhecimento com que ficaram da minha vida, tenham sobre mim os juízos de valor que pretenderem. Chamem-me puta, porca, perturbada ou indecente; digam que sou uma galdéria, uma vadia ou culpada de tudo o que me aconteceu na vida.

Por mim, tanto se me dá.

## O fim do caminho

A campainha tocou, abri a porta e ele entrou de rompante.

Tinha na mão uma garrafa de vinho bebida até meio.

Não disse palavra. O hálito forte chegou-me às narinas. Pôs-me a mão no pescoço, por baixo dos maxilares, e vendou-me os olhos. Tentei retaliar, mas não me deu hipótese.

– Fica em silêncio, senão vai ser pior.

Os meus olhos cerraram-se debaixo da venda.

Ouvi um isqueiro, senti o cheiro do cigarro e o fumo. Tirou o cinto preto que eu tinha à cintura e fiquei sem perceber onde o colocara.

Empurrou-me até meio da sala, bateu-me com o cinto nas costas e contorci-me com a dor.

– Ai de ti que chores.

Ordenou que me pusesse de quatro no chão e enrolou-me o cinto ao pescoço. Encaixou a fivela e puxou-a.

– Consegues falar?

Respondi que sim.

Apertou-a ainda mais.

– E agora? Continuas a conseguir falar?

Já não respondi. Ele baixou-se, pôs um dedo entre a coleira e o meu pescoço e encostou a cara à minha boca para sentir a minha respiração.

Arrastou-me a uma velocidade que não suportava.

Pedi que fosse mais devagar e parou.

Puxou a trela e o meu pescoço acompanhou o movimento.

– És uma puta, sem vontade própria.

Pisou-me os dedos da mão com as botas.

– Lambe-os.

Procurei as calças dele para limpar a mão. Não deixou.

Puxou-me a trela, como se faz a um rafeiro que esteja a aprender a comportar-se bem na rua.

Percebi que íamos na direção do jardim e senti o perfume dele. Empurrou-me com a biqueira da bota enfiada nas minhas cuecas.

Mantive-me de joelhos e, já à minha frente, segurou-me a cabeça com as duas mãos. Senti um jato de cuspo nos lábios. Não consegui limpar-me, tal como acontecia com os perdigotos cuspidos na minha cara pelos padres do colégio.

Tentei perceber se estava perto ou longe.

Ouvi o arrastar de uma cadeira do jardim, à mistura com o piar dos passarinhos. Percebi que se sentara à minha frente.

– Elogia-me.

Ouvi-o afagar a pila.

Disse-lhe que era o homem mais macho e viril que alguma vez tinha tocado no meu corpo.

Mandou-me levantar e amarrou-me, de pé, à coluna que suportava a varanda do primeiro andar. A aresta de cimento magoava-me o peito, mas não pedi que me soltasse.

Eu estava ofegante e, no meu misto de dor e de prazer, tinha, pelo menos, a certeza de não lutar contra a minha culpa e a minha vergonha. Elas já não existiam em mim.

Estava mais do que preparada para os castigos que me estivessem destinados.

O dia estava quente e pedi que me arregaçasse as mangas. Pedi que desapertasse o botão que me apertava o pescoço. Ele fingiu não ouvir. E foi o que fez de melhor.

Puxou para cima a bata preta que me tapava os joelhos e bateu-me até deixar as mãos tatuadas nas minhas nádegas, enquanto se agarrava com os dentes ao meu pescoço e aos meus ombros.

Senti o cheiro que vinha do roçar do cuspo no pau. Com as botas, afastou-me as pernas até eu já não ser capaz de me abrir mais.

O meu corpo latejou na expectativa do passo seguinte. Encostei a cabeça à coluna a tentar que a venda saísse. Sem efeito.

Pôs-se atrás de mim e prendeu-me entre a força do seu corpo, maior do que eu uns 20 centímetros, e o cimento que me marcava a pele.

Choraminguei com o corpo esburacado pelos sulcos da coluna e pedi-lhe que parasse. Não me cansava de o pôr à prova. Ele massajou-me os pulsos e respirou pesado no meu ouvido:

– Quem és tu para me dar ordens?

Ouvi-o descalçar as botas e despir as calças. O cabelo caía-me pelos ombros, preso no suor que nascia por baixo do pano pesado da bata fechada até ao pescoço, puxada para cima destapando-me as nádegas.

Fiquei imóvel, à espera, submissa.

As mãos dele abriram-me as pernas.

– Estás encharcada, puta.

Enfiou o polegar dentro de mim, depois mais um dedo e outro. Sentia-lhe a mão a deslizar e não tardei a atingir o orgasmo. Nessa altura, montou-me como um animal.

Ele gemia como um predador deliciado com a presa acabada de caçar.

– Só tens o que mereces.

Galopou no meu corpo com todas as forças até se vir.

Desamarrou-me, tirou-me a venda e pediu-me que entrasse em casa.

Ligou as colunas e pôs um disco dos Beatles a tocar.

*The long and winding road that leads to your door will never disappear...*

Levou-me para a frente do espelho do quarto, abraçou-me e disse-me:

– Tens um banho quente à tua espera.

Fiquei a olhar para o meu reflexo e sorri, admirando quão bonita e completa ficava depois de me vir.

# Contents

1. Ficha Técnica
2. Esmolas
3. Gordo és tu
4. A pastilha da felicidade
5. A colónia de férias
6. O vestido da desgraça
7. Um rapaz às direitas
8. Vamos com calma
9. O algarve
10. A minha casa
11. A cabra da Mónica
12. A revelação do monstro
13. O aborto
14. Freud entra em cena
15. A lição
16. O lobo
17. O pesadelo
18. Confissões perigosas
19. A primeira vez
20. A espuma do oceano
21. Terra de perdição
22. Dormindo com o inimigo
23. A casa de bonecas
24. Vai-te tratar
25. Lisboa
26. Urgências
27. Robert Smith
28. Lá vem ele outra vez
29. O rapaz que não sabia mentir
30. Engana-me que eu deixo
31. Aí vamos outra vez
32. A história repete-se
33. Não queremos grávidas gordas
34. Os dias infinitos
35. Tinhas de ser tu
36. A minha obra-prima
37. O escadote e o antidepressivo
38. Recomeçar, outra vez
39. O monstro
40. O jogo ainda agora começou

41. [A ex-mulher e a mãe](#)
42. [Perseguição](#)
43. [Atração fatal](#)
44. [A chave](#)
45. [Um predador](#)
46. [A recaída](#)
47. [As horas mais duras](#)
48. [A queixa, finalmente](#)
49. [A vítima](#)
50. [As respostas certas](#)
51. [O fim do caminho](#)

## Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)